

Tornando-se Apaixonado por Missões:
Estudos sobre missões da Semana da Paixão
Volume Três

Escrito por

Dr. Perry J. Hubbard

Copyright ©2014 Dr. Perry J Hubbard

Todos os direitos reservados.

Design da capa por Ricardo Moisa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, exceto conforme expressamente permitido pelos estatutos de direitos autorais aplicáveis ou permissão prévia pelo autor.

Fotografias e imagens são protegidas pela lei de direitos autorais.

Tabela de conteúdo

Encaminhar 5

Introdução 6

Paixão 51 - Um presente perigoso 16

Paixão 52 - Uma oração geral para o desconhecido 22

Paixão 53 - Jardim da Dor ou Esperança? 26

Paixão 54 - Uma multidão aterrorizada 30

Paixão 55 - Todas as coisas privadas 37

Paixão 56 - Como se tornar um tolo 41

Paixão 57 - A negação vem em muitas formas 47

Paixão 58 - Verdade Perdida 55

Paixão 59 - Que comece o show 62

Paixão 60 - A pior troca possível - ME 73

Paixão 61 - Estrada da Zombaria 80

Paixão 62 - Príncipe entre ladrões 84

Paixão 63 - Roubando do Mestre Ladrão 89

Paixão 64 - Perdão, Limpando a ferida 94

Paixão 65 - O sempre presente porquê? 98

Paixão 66 - O que realmente está por trás da porta? 104

Paixão 67 - E havia família 108

Paixão 68 - Ser humano 113

Paixão 69 - Entregando tudo 118

Paixão 70 - Nunca mais, para sempre 123

Paixão 71 - O grito 129

Paixão 72 - Enterrado com provas 135

Paixão 73 - Guardando o engano 140

Paixão 74 - Quebrando Rocha 146

Paixão 75 – No final do dia 151

Avançar

Jesus foi o primeiro e maior missionário a viver nesta terra. Ele deixou sua cultura natal do céu e incorporou-se totalmente à vida e cultura de um determinado povo em um determinado momento. Ele fez de sua vida um livro aberto para observarmos e aprendermos.

Sua paixão pelo trabalho de Seu Pai foi claramente revelada em tudo o que ele fez e disse. A Semana da Paixão traz seu ensinamento e vida em foco ainda mais nítido, pois ele encontrou os diferentes grupos que compunham a cultura, tanto religiosa quanto secular, de seu tempo.

Esta é a terceira de uma série de três coleções. Esta coleção de estudos analisa o que Jesus disse e fez e como esses eventos podem nos ajudar a ser mais eficazes em alcançar os perdidos do nosso mundo hoje. As questões, dúvidas e conflitos não mudaram. Eles são os mesmos.

Cada estudo inclui três opções para reflexão contínua sobre as questões e informações apresentadas.

Estudo Bíblico (BS) – Uma olhada em outras escrituras importantes que nos dão uma visão mais aprofundada das obras, atividades e ensinamentos de Jesus.

Aplicação da Missão (MA) – Perguntas que ajudam a aplicar a lição ao nosso envolvimento na missão de Deus para o mundo.

Reflexão Pessoal (PR) – Pensamentos e perguntas que são projetados para nos ajudar a olhar para nossas próprias vidas e o nível de nossa paixão por missões.

Introdução

Paixão – Uma definição

Amor ardente

Sentimento ou emoção forte

Entusiasmo sem limites

Um motivo irracional, mas irresistível para crença ou ação

No ano passado tenho estudado a última semana da vida e ministério de Jesus. Foi um desafio considerar seu desejo de completar a missão que lhe foi dada por seu Pai, ver como esse compromisso afetou as pessoas ao seu redor e como ele comunicou essa missão aos outros. Tudo começou com a escolha que ele fez conforme registrado em:

Lucas 9:51 Ao aproximar-se o tempo de sua ascensão ao céu, Jesus partiu resolutamente para Jerusalém.

Quando olhamos para nossa vida, com quais atividades, pessoas ou crenças nos comprometemos? O que significa seguir resolutamente uma escolha que fizemos? O que nos mantém nessa escolha, diante de obstáculos e desafios? Como essa escolha afeta os outros ao nosso redor?

Ao assumirmos esse compromisso, precisamos considerar o que isso exigirá de nós para ter sucesso. Muitas pessoas dirão que têm a habilidade necessária para o que está sendo feito. Outros dirão que têm o tempo necessário para realizar a tarefa atribuída. Outra razão pode ser que eles tenham os recursos de que precisam. Estas são boas respostas, mas nem sempre verdadeiras. Existem muitas pessoas que têm sucesso em um determinado objetivo que não possuem as habilidades necessárias ou que não têm tempo ou recursos para a tarefa. Então, por que eles são bem-sucedidos enquanto outros com maior capacidade e recursos falham?

Quando falamos de Jesus e daquela última semana de sua vida, muitas vezes uma palavra é usada para descrevê-lo. É chamada de “Semana da Paixão” e olhamos para a “Paixão de Cristo”. Havia algo mais por trás de seu compromisso do que apenas a decisão de terminar sua tarefa. Ele tinha uma paixão pelo trabalho e missão de seu Pai.

Antes de prosseguirmos, precisamos considerar o significado desta palavra paixão. Aqui estão três definições típicas do que está no dicionário: 1) amor ardente; 2) entusiasmo sem limites; 3) um motivo irracional, mas irresistível para crença ou ação.

A escolha de Jesus foi baseada em um amor ardente por seu Pai, um entusiasmo pelo trabalho que lhe foi confiado e pelas pessoas que precisavam ouvir, e uma crença irresistível na missão de seu Pai. Sua escolha de ir a Jerusalém foi baseada em sua paixão pelo trabalho daquele que o enviou.

Então, vamos voltar para nós e nossas vidas. Por que você ama essa atividade ou pessoa ou local? O que absorve seu tempo e energia? Você sabe por que você tem uma paixão por essa atividade ou pessoa? Pelo que você é apaixonado? O que é preciso para se apaixonar por qualquer coisa?

Nossas escolhas são baseadas em fatos e não apenas emoções. Nossas escolhas são baseadas no que sabemos e não sabemos. Às vezes, nossas escolhas podem parecer irracionais, não porque não haja

informação, mas porque a extensão da escolha e do compromisso desafia as explicações e ações normais. Não podemos explicar facilmente a diferença entre compromissos normais e decisões apaixonadas.

Cada escolha que fazemos envolve risco. Quanto mais comprometidos ou apaixonados nos tornamos, mais dispostos devemos estar para aceitar os riscos envolvidos. Consideremos quais são os riscos de se apaixonar.

1) Incompreendido – Sempre há o risco de que as pessoas simplesmente não entendam nossa escolha.

2) Decepção – Sempre corremos o risco de nos decepcionar. Podemos descobrir que nossa escolha não nos proporciona o nível de satisfação que esperávamos. Pode não ser tão divertido quanto esperávamos. Pode não resultar no nível de aceitação que estávamos procurando. Podemos ficar desapontados com os resultados. Podemos não fazer tão bem quanto pensávamos que poderíamos. O potencial de desapontamento muitas vezes impede as pessoas de começar.

3) Constrangimento – O constrangimento funciona de duas maneiras. Podemos descobrir que nossas escolhas, atividades e capacidade de desempenho fazem com que os outros fiquem constrangidos. Ou ficamos envergonhados por nossos fracassos e falta de habilidade. Começamos a pensar que parecemos tolos para os outros. O fracasso é embaraçoso e sempre que nos movemos para novas áreas de atividade e escolha, devemos lidar com a possibilidade de falhar e depois ter que tentar tudo de novo. Se nosso constrangimento for alto o suficiente, desistimos.

4) Exclusão – Este é outro risco que funciona de duas maneiras. Nossas escolhas podem resultar na exclusão de outros de nossas vidas. Simplesmente não podemos estar com todos ou participar de todas as atividades agendadas por causa de nossa escolha. Também pode significar que outros irão nos excluir. Eles podem não concordar conosco ou podem não querer se envolver no que estamos fazendo e, portanto, optar por não fazer parte de nossa escolha. Isso pode significar que eles decidem que não fazemos parte do mundo deles.

5) Críticas – Haverá quem critique nossa escolha de atividade. Eles nos dirão que estamos desperdiçando nosso tempo, prejudicando os outros e não temos consideração ou desperdiçamos recursos valiosos. A lista continua e continua.

6) Ridículo – As pessoas podem zombar de nós e rir de nossas tentativas de realizar a tarefa que estabelecemos para nós mesmos.

7) Fracasso – Isso não é o mesmo que decepção. Isso significa que mesmo quando sabemos que nossa escolha é divertida, boa ou certa, ainda podemos falhar. Não conseguiremos atingir nosso objetivo.

8) Solidão – Este é um nível mais alto de exclusão. Talvez tenhamos que lidar com o fato de estarmos sozinhos nisso. Outros simplesmente não entendem, outros não estão dispostos a ajudar. Outros não estão lá para encorajar.

9) Rejeição – Nossas escolhas podem resultar em rejeição por parte de pessoas-chave em nossas vidas. É aqui que as pessoas simplesmente não entendem ou optam por não entender nossa escolha. Eles decidem que não é válido e rejeitam o que estamos fazendo e, de muitas maneiras, nos rejeitam.

10) Perigo – Todos os itens acima são sobre níveis emocionais de risco. Mas em muitas atividades e escolhas também existem perigos potenciais que são de natureza física. Muitos esportes envolvem risco potencial se alguém estiver envolvido em um nível mais sério. Da mesma forma, o compromisso com uma crença pode resultar em outras pessoas tentando fisicamente nos machucar e nos desencorajar em nossas escolhas.

Essa é uma pequena lista de riscos potenciais que Jesus teve que lidar com cada um deles para seguir sua paixão. Enquanto ele se dirigia resolutamente para Jerusalém, vamos dar uma olhada rápida neles novamente.

- 1) Incompreendido – Muitas vezes Jesus teve que lidar com o fato de que familiares, amigos e até mesmo seus discípulos simplesmente não entendiam o que ele estava fazendo.
- 2) Decepção – Jesus muitas vezes se decepcionou com a resposta do povo. Houve momentos em que ele ficou frustrado com a resposta deles e com a falta de fé.
- 3) Constrangimento – A família de Jesus ficou envergonhada por Jesus. A certa altura, tentaram levá-lo embora porque sentiram que ele estava fora de si.
- 4) Exclusão – Os fariseus excluíram Jesus de seu grupo.
- 5) Críticas – Os fariseus atacaram o envolvimento de Jesus com pecadores, publicanos e prostitutas. Eles o atacaram quando uma mulher desperdiçou um frasco de perfume em seus pés.
- 6) Ridículo – A certa altura, a família de Jesus lhe disse que ele deveria ir a Jerusalém. Se ele achava que era tão bom, deveria se mostrar aos outros. A família esperava que ele acordasse e voltasse para casa. Alguns o chamavam de possuído por demônios.
- 7) Falha – Jesus tivemos que lidar com muitos que não entendiam o que ele estava fazendo. Satanás estava sempre tentando enganá-lo e fazê-lo falhar de várias maneiras. Mas o fracasso para Jesus significaria o fim de qualquer esperança para o homem.
- 8) Solidão – Mesmo os discípulos muitas vezes não entendiam o que Jesus estava tentando fazer e ele se viu sozinho. Em seu julgamento e crucificação, todos fugiram.
- 9) Rejeição – No final, muitos rejeitaram seus ensinamentos. Um grande número de pessoas o deixou até que apenas os doze permaneceram.
- 10) Perigo – As pessoas de sua própria aldeia tentaram matá-lo. Os fariseus tentaram em várias ocasiões prendê-lo e prejudicá-lo. No final, ele foi espancado e crucificado.

Os riscos são a primeira coisa com que começamos a nos preocupar. Mas se passarmos por isso, devemos lidar com o custo. O que nos custará realmente nos apaixonarmos por qualquer coisa?

1) Tempo – Não importa o que fazemos com nossa vida, ou quem é importante para nós, tempo é necessário. Quanto mais tempo nos comprometemos, maior o potencial de sucesso. No entanto, não se

trata apenas de quanto tempo damos, mas de quanto tempo estamos dispostos a continuar dedicando essa quantidade de tempo a uma atividade, crença ou pessoa.

2) Treinamento – O que faremos para obter as habilidades necessárias para atingir nossos objetivos? Isso pode significar admitir o que sabemos (e não sabemos) sobre nossas habilidades e necessidades. Pode custar nosso orgulho e submissão aos outros obter as habilidades de que precisamos.

3) Recursos – Quanto do que possuímos estaremos dispostos a comprometer? Isso inclui finanças, posses e desejos futuros. Não se trata apenas do que temos agora, mas do que esperamos ter e estamos dispostos a obter. O que faremos para ter o que é necessário?

4) Pessoas – Que relacionamentos precisaremos desenvolver e quais relacionamentos precisaremos abrir mão para atingir as metas que estabelecemos para nós mesmos?

5) Localização – Podemos ter que nos mudar para fazer o que desejamos fazer. Estaremos dispostos a nos mudar se for necessário?

Novamente, vamos olhar para a vida de Jesus e ver como sua paixão pela missão de seu Pai afetou sua vida.

1) Tempo – Quando Jesus entrou no ministério ativo, ele tinha muito pouco tempo para si mesmo. As pessoas estavam sempre procurando por ele. Quando as multidões estavam ausentes, os discípulos estavam sempre por perto, querendo aprender com ele. Ele dedicou todo o seu tempo e vida ao trabalho que seu Pai lhe dera.

2) Formação – Na sua juventude, Jesus submeteu-se aos seus pais e à sua formação como criança e carpinteiro. Jesus mais tarde se submeteu em obediência ao batismo de João e voluntariamente seguiu o Espírito Santo no deserto para enfrentar um tempo de provação por Satanás.

3) Recursos – Jesus não guardou nada para si. Todos os seus recursos foram comprometidos com o ministério. Na verdade, ele dependia do apoio de outros para continuar.

4) Pessoas – Jesus teve que deixar sua família para seguir a vontade de Deus. Ele teve que desenvolver uma nova família nos discípulos e outros.

5) Localização – Jesus mudou-se para Cafarnaum. Ele viajou por toda a Galiléia e Judéia, bem como por outras áreas. Ele finalmente teve que ir a Jerusalém para completar a obra que havia aceitado de seu Pai.

Quais são alguns exemplos de escolhas e atividades que exigem paixão para ter sucesso? Como a paixão afeta nosso nível de sucesso?

Casamento – Para onde quer que nos voltemos há informações que nos dizem como manter a paixão em nosso casamento. É preciso uma paixão especial para dar o primeiro passo e até mesmo considerar se casar e passar pela cerimônia de casamento. Mas o que realmente requer verdadeira paixão é manter o relacionamento conjugal não apenas por alguns anos, mas por toda a vida. Um falso conceito

de paixão o deixará com apenas um conceito físico de casamento. Um verdadeiro conceito irá mantê-lo passando por todas as voltas e reviravoltas, altos e baixos, e tudo mais.

Esportes competitivos – Temos um filho apaixonado por futebol. Ele ama o esporte. Ele acordava de manhã cedo para malhar e depois ia para o treino de futebol à tarde. Ele trabalhou duro para se tornar um jogador da equipe da comunidade. Quando ele foi para a faculdade, ele tentou como jogador e entrou para o time. Ele trabalhou e treinou e em seu último ano foi feito capitão da equipe. Este é o seu amor, a sua paixão. Ele é típico de todos aqueles que amam um esporte e amam a competição. O fracasso só os faz trabalhar mais.

Trabalho/carreira – A diferença entre um trabalho e uma carreira é a paixão. Um trabalho é algo que fazemos porque precisamos de uma renda. Uma carreira é algo que realmente gostamos de fazer e um benefício colateral disso é que gera uma renda. Faremos mais do que apenas ser treinados para uma carreira. Vamos trabalhar longas horas sem reclamar por uma carreira.

Vida religiosa - Aqueles que estão verdadeiramente comprometidos com suas crenças são fáceis de encontrar. Eles não escondem suas crenças. Eles arriscarão o desprezo e o ridículo dos outros. Eles desistirão de empregos, benefícios, bens materiais e muito mais para colocar sua crença em primeiro lugar e torná-la parte de todos os aspectos da vida. Eles sabem no que acreditam e por que acreditam. Em muitos casos, eles estão dispostos sofrer pelo que acreditam. Sua paixão contagia sua vida e impacta os outros ao seu redor.

Ao considerar essas lições, pergunte-se:

1. Quais são os resultados da verdadeira paixão?
2. Como os outros veem e sabem que somos verdadeiramente apaixonados pelo que estamos fazendo?

Ao olhar para essas duas questões, aqui estão algumas áreas a serem consideradas.

Satisfação – Em qualquer coisa que nos apaixona, esperamos encontrar um ponto em que estejamos satisfeitos e em paz do ponto de vista mundano, muito disso depende de nossas habilidades e nossa capacidade de realização. No esporte, é atingir um certo nível de competência. Em uma carreira, um certo nível de reconhecimento e sucesso. No casamento, saber que somos amados e temos um parceiro que realmente compartilha nossa vida. Tudo isso depende muito de nossas habilidades. Mas Jesus, em João 14, disse aos discípulos que não tivessem medo. Eles teriam paz. Eles conheceriam um nível de satisfação que o mundo não poderia dar. Em nosso relacionamento com Deus, a chave para a satisfação está nas mãos de Deus. Não importa o que aconteça ou não, isso permanecerá intacto. Em todos os níveis de esforço e realização, isso permanecerá o mesmo. Sempre podemos ter paz.

Relacionamento – É sempre mais fácil se houver outras pessoas que compartilham a paixão que temos e podemos construir um relacionamento com elas. Jesus disse que se nos apaixonarmos por Deus conheceremos o Pai. Além disso, ele enviaria o Espírito Santo para nos ajudar a desenvolver esse relacionamento. Devemos ser parte de uma família e saber onde nos encaixamos. Teremos um relacionamento projetado para nos ajudar a desenvolver nossa paixão e mantê-la.

Sucesso – Na maioria das atividades pelas quais temos paixão, há necessidade de sucesso. O problema é que apenas alguns podem realmente atingir os níveis mais altos. Só pode haver um vencedor, ou alguns no topo. Você ama o que está fazendo, mas não é tão bem sucedido quanto os outros. No entanto, em nosso relacionamento com Deus, todos têm um lugar. Todos nós conseguimos. Somos todos filhos de Deus. Ele está conosco e nos guia. Quanto mais paixão temos, mais entendemos o que isso significa. Todo mundo é um vencedor.

Frutas – Uma das principais medidas de uma verdadeira paixão é que seu envolvimento fará com que os outros se interessem e se empolguem com o que você está fazendo. A melhor maneira de encorajar o casamento é observar um casal que seja verdadeiramente apaixonado. A melhor maneira de envolver os outros em um esporte é que eles vejam sua paixão por ele. A melhor maneira de desafiar as pessoas com uma carreira é conversar com alguém que seja apaixonado por essa carreira. Jesus disse aos discípulos que a melhor prova de seu amor e paixão por ele seria que dariam frutos. Da mesma forma, outros devem ver e ouvir nossa paixão por Cristo e ser atraídos a Deus através de nós.

Legado – Tudo isso é maravilhoso. Mas e se durar apenas um momento e ninguém se lembrar de quem somos ou do que fizemos?

Ser o melhor em um esporte é ótimo. Há todos os tipos de atletas dos vários esportes que são lembrados por longas listas de recordes e conquistas. Esses registros estão sendo mantidos à espera da próxima pessoa que virá e quebrá-los. Alguns registros duram mais do que outros. O legado é que há algo deixado para trás para desafiar e encorajar outros a se envolverem e verem o que pode acontecer. Os legados no casamento são sobre filhos, netos, bisnetos - uma ancestralidade. João queria deixar um legado de sua vida com Cristo e assim escreveu em João 20:31: “Estas coisas escrevi para que você creia que Jesus é o Cristo e crendo tenha vida em seu nome”.

Uma verdadeira paixão deixa um registro que ajudará outros a se tornarem parte dessa paixão. Ele fornecerá a orientação necessária e ajudará a ter sucesso e depois deixar um legado para outro. Jesus disse o mesmo sobre sua vida em João 12:46 “Eu vim ao mundo como uma luz, para que ninguém que crê em mim permaneça nas trevas”.

Então temos paixão? Do que se trata a nossa vida cristã? Ardemos de desejo de ser cristãos? Que recursos comprometemos? Que riscos corremos? Sabemos o custo?

Como os outros vão responder? Estamos prontos para ser incompreendidos e até mesmo ridicularizados? Vamos nos apaixonar? Seremos capazes de manter nossa paixão?

Assim como você, essas são todas as perguntas para as quais eu queria respostas. Então comecei a estudar a paixão de Cristo para aprender sobre sua paixão e como isso afetou sua vida e aqueles ao seu redor. Fiz isso para entender o que deveria estar fazendo em minha vida e como recuperar e manter minha paixão como cristão.

Jesus voltou resolutamente seu rosto para Jerusalém. Ele era apaixonado pelo que estava fazendo e tinha a intenção de deixar os outros se tornarem parte dessa paixão. Naquela última semana ele deixou os outros verem, ouvirem e escolherem. É hora de ouvirmos novamente, vermos novamente e escolhermos novamente tornar nossa vida uma paixão por Deus.

Paixão 51 - Um presente perigoso

João 17:6-19

Jesus veio como um presente. Este presente causaria conflitos no mundo. Isso dividiria famílias e amigos. Receber o presente pode facilmente alienar uma pessoa do mundo ao seu redor. A escolha de Jesus de obedecer ao plano de seu pai causou isso em muitos níveis e de muitas maneiras.

Primeiro, afastou Jesus de sua família terrena. A certa altura, tentaram encontrá-lo e levá-lo embora porque achavam que ele estava se comportando de maneira inaceitável. Alguns de sua família o tratavam com escárnio. Eles não entendiam o que ele estava fazendo e estavam com medo, preocupados e preocupados com o impacto que suas ações e palavras poderiam ter porque eram fortes e desafiavam a autoridade dos líderes, tanto religiosos quanto seculares.

Também O alienou de ter uma vida normal entre as pessoas. Ele não podia se mover livremente. Ele estava constantemente sendo observado e seguido. As pessoas comuns o tratavam de forma diferente de todos os outros e isso resultou em uma forma de isolamento que poderia ser difícil de conviver e se adaptar. Quando um grande número de seus seguidores O abandonou, ele se voltou para os doze e perguntou se eles também escapariam e o deixariam isolado e abandonado. Ele falou sobre não ter uma vida normal como os outros; não havia lugar para ele descansar e dormir, nem cama ou travesseiro, apenas uma longa e solitária estrada.

Isso O alienou das relações normais com aqueles ao seu redor. Havia um ar constante de expectativa, até de exigência, de que Jesus fizesse cada vez mais para cuidar deles. Como ele tinha o poder, ele deveria usar esse poder para fornecer tudo o que eles precisavam. De muitas maneiras ele o fez, mas não foi suficiente. Nunca foi o suficiente. Ele curou todos que vieram. Ele expulsou todos os demônios que encontrou, estava constantemente com eles ouvindo e ensinando, mas não era suficiente. Curar uma pessoa uma vez nunca será suficiente. Eles ficarão doentes novamente e eventualmente morrerão. Expulsar os demônios é ótimo, mas a menos que haja uma mudança no foco e na vida de uma pessoa, os demônios estarão de volta. A profundidade da luta foi vista quando ele alimentou os 5000 e o povo o seguiu para fazê-lo rei com a esperança de que eles fossem alimentados sem limites. Mas logo isso não seria suficiente e eles iriam querer mais. Mais que saúde, mais que proteção, mais que comida. Eles iriam querer mais e eles iriam querer controlar a vida e a atividade de Jesus. Jesus recusou e as multidões se tornaram turbas que os fariseus usaram para ajudar a alcançar seu objetivo.

Isso O alienou dos líderes religiosos. Ele não atendeu às expectativas deles e definitivamente não seguiu a linha do partido quando se tratava de manter A LEI (como definido por eles) e manter uma vida distante das pessoas. Ele não tinha medo de expor sua duplicidade e padrões duplos. Ele se recusou a se comportar da maneira que eles esperavam que um Messias se comportasse e eles lutaram com quase tudo o que ele tinha a dizer. Essa animosidade criou uma raiva cada vez maior da parte deles e eles começaram a trabalhar para desacreditá-lo a cada passo. Quando isso falhou, eles começaram a planejar prendê-lo e excluí-lo da participação ativa no mundo. Quando isso falhou e eles não conseguiram encontrar os meios para simplesmente removê-lo, eles planejaram sua morte. Isso teria

falhado se não fosse a ajuda de uma pessoa de dentro e a disposição de Jesus de realizar o plano de Deus em sua totalidade.

Isso O alienou politicamente. A certa altura, Jesus deixou uma região porque Herodes estava procurando uma maneira de contê-lo. Herodes estava com medo de que de alguma forma João Batista tivesse retornado e isso o assustou. Ele não podia ter John correndo de novo acusando-o de adultério e agora de assassinato. Assim, Jesus deixou a Judéia e voltou para a Galiléia para reduzir a ameaça a ele e seus seguidores. A ameaça não desapareceu. Só atrasou. Mais tarde, Jesus foi avisado por outros que Herodes ainda estava procurando por ele. Jesus proclamou com ousadia a todos os seus planos e até disse ao povo onde ele estaria. Ele estava a caminho de Jerusalém e nada o deteria. Até as ameaças do rei.

Essa alienação atingiu um novo patamar ao lidar com Pilatos. Jesus estava diante da única pessoa que tinha autoridade para aprovar e executar a execução de Jesus. Jesus poderia facilmente ter evitado a ameaça inerente ao encontro com Pilatos. Ele poderia ter escolhido outras palavras e evitado e até mesmo escapado do que estava por vir. Os fariseus estavam jogando um jogo mortal de prepotência. Se Jesus não respondesse às suas ameaças, então eles estavam mais do que dispostos a manipular o ambiente político para obter um de dois resultados. No mínimo, a humilhação e submissão de Jesus diante de uma ameaça de morte certa, ou se isso não funcionasse, eles estavam prontos para levar as coisas para o próximo passo para trazer a morte de Jesus (a forma final de alienação).

No final, Jesus foi alienado da própria vida. Eles o mataram; não, o assassinou, um tipo de alienação que se pretende permanente. Eles o queriam fora de cena. Eles queriam que sua influência e presença fossem destruídas. Eles queriam que as pessoas o vissem como um criminoso e tivessem toda a memória dele manchada com a ideia de fracasso e impotência. Ou melhor ainda, queriam que as lembranças fossem tão dolorosas, tão desagradáveis que as pessoas o esquecessem e voltassem a ser como sempre foram, como se ele nunca tivesse existido, nunca tivesse feito nada de valor, apenas mais uma peça comum e sem características da humanidade que se tornou insignificante com o passar do tempo.

Jesus sabia que esse era o objetivo final de Satanás e de todos os que se opunham à presença de Deus em suas vidas. A alienação final, a ser tornada sem sentido por aqueles que procuravam controlar o mundo e excluir Deus de todos os aspectos da vida. Jesus sabia que esta era a ameaça que ele estava enfrentando e que os discípulos logo enfrentariam. Ele sabia que a oposição não iria parar, mesmo com sua morte. O desejo de alienar as pessoas da verdade para manter o controle continuaria.

Ele sabia que o dom que havia dado aos apóstolos os colocaria em conflito com o mundo e seu medo da verdade. Ele sabia que eles seriam odiados por seu conhecimento e proclamação desta verdade. Foi um presente perigoso que eles receberam e então ele orou. Ele orou por sua proteção e por sua santificação.

Orar por proteção é a oração óbvia. Todos nós sabemos que o mundo em que vivemos está cheio de perigos e vem de muitas formas. Todos os dias as pessoas oram, desejam e desejam proteção contra tudo o que pode acontecer que destruiria quem elas são e como desejam viver. Orar por santificação é um pouco mais difícil de entender. Mas se você pensar sobre isso, faz muito sentido. Pode ajudar se começarmos com uma forma mais simples da ideia de santificação, a ideia de compromisso (santificação é o nível mais alto de compromisso).

O que nos faz levantar todos os dias para enfrentar as lutas que nos esperam? O que nos motiva a entrar em um carro, em um ônibus, em um avião ou fazer qualquer outra coisa que contenha a possibilidade de falha ou dano pessoal? Comprometimento. Estamos comprometidos em ganhar a vida para que possamos nos alimentar e cuidar de nós mesmos. Temos o compromisso de cuidar de quem amamos. Estamos empenhados em fazer um esforço sincero para desfrutar do mundo ao nosso redor. Estamos empenhados em cumprir as nossas responsabilidades. Estamos empenhados em proteger os nossos direitos e os direitos dos outros. Quanto maiores os perigos ou riscos envolvidos, maior o nível de comprometimento exigido.

Por exemplo, ir trabalhar envolve um nível de risco, mas não é considerado muito significativo. Mas expressar opiniões políticas ou religiosas no trabalho envolve um risco maior. Proteger os direitos dos outros e defendê-los de ataques nos leva a outro nível. Servir nas forças armadas para garantir que outros não tentem tirar nossos direitos ou invadir nosso país, coloca alguém em perigo (é praticamente garantido que algumas dessas pessoas morrerão por seu compromisso). Em todos eles, existem maneiras de minimizar o potencial de risco. Podemos escolher o caminho que tomamos para o trabalho, podemos escolher a hora e o local para declarar nossas opiniões, podemos tomar precauções na forma como protegemos os outros e podemos escolher a natureza de nossa resposta àqueles que nos atacam.

A santificação é a maior forma de compromisso conforme definido na Bíblia. Este é simplesmente um compromisso completo com Deus e Seu serviço. Esse compromisso também nos coloca em conflito com o inimigo mais poderoso que pode ser encontrado no mundo, um inimigo cujo único propósito é a destruição da verdade e de todos os que servem à verdade. Mas, ao contrário dos compromissos mencionados acima, não há meios para minimizar o risco. Nenhuma escolha que possamos fazer, nenhum uso de métodos ou técnicas diferentes, nenhuma proteção especial que possamos projetar, reduzirá o risco. Nada que possamos fazer fará diferença.

Jesus sabia disso. Não podemos fazer nada, mas Ele sabia que Seu Pai poderia intervir. Deus pode nos proteger de danos permanentes. Podemos perder nossa vida aqui na terra, mas não perderemos nosso lugar como Seus filhos. Ele também sabia que a única maneira de realmente acessar essa proteção era estar completamente comprometido, completamente convencido de que somente por meio de Deus podemos encontrar a verdade e completamente pronto para contar a qualquer um e a todos essa verdade. Somente na santificação, como a de Jesus, conheceremos o verdadeiro poder de Deus para nos proteger dos ataques que virão, do ódio que será expresso, da alienação que existirá porque escolhemos seguir a Deus e não a Satanás. .

Jesus quer nos dar um presente incrível. Um dom, que nos libertará do domínio de Satanás, do mundo e do nosso próprio pecado. Um presente que será perigoso e fará com que aqueles que servem a Satanás, o mundo e seu pecado, nos odeiem e procurem nos destruir. Um dom que só será compreendido completamente à medida que formos santificados por Deus para essa verdade. Este presente nos dará mais do que poderíamos sonhar possível tanto agora como na eternidade.

Temos essa mesma responsabilidade - dar o dom da verdade. À medida que o damos, devemos entender o que significa receber esse presente para aqueles que o ouvem. Precisamos entender os riscos envolvidos, os custos para eles acreditarem. Por isso mim será simples. Eles podem viver em um país onde todos têm grande liberdade de escolha. Os riscos serão sutis por natureza. No outro extremo, pode ser mortal - fazer tal escolha pode resultar em danos físicos e até morte.

Compartilhar a verdade exigirá ser santificado, totalmente comprometido com Deus e a crença de que a verdade deve ser compartilhada. Outros devem ter a chance de serem libertos de Satanás, do mundo e de seus pecados. Somente um compromisso total de nossa parte permitirá que outros façam uma escolha clara. Somente uma vida santificada pode lidar com a alienação que virá quando ajudarmos os outros a ver a verdade, ver Deus e poder escolher.

É um presente mortal, a verdade, mas apenas a curto prazo. Aqui e agora um compromisso com a verdade pode trazer alienação, mas apenas do que é temporário. A única coisa da qual a verdade não nos alienará é Deus. Jesus sabia disso. Ele orou. Ele liderou o caminho. Agora temos a escolha se seguiremos e se nos santificaremos a essa escolha.

BS – Estude as seguintes escrituras e escreva uma declaração sobre a importância de uma vida santificada na proclamação do evangelho. 1 Coríntios 3:16; 2 Tessalonicenses 2:13-15; 2 Timóteo 2:21; Tiago 1:22-25; 1 Pedro 1:22-23

PR – Avalie sua vida e seu nível de comprometimento. Você sente que está em risco por suas crenças? Você sente a presença e a proteção de Deus para ajudá-lo a compartilhar a verdade com os outros? Leia a oração de Jesus em João 17 e coloque seu nome na oração.

MT – Leia João 15:18-21. Como você se sente sobre essa ideia de que dizer a verdade às pessoas não apenas as libertará, mas também as colocará em perigo? O que precisamos fazer para ajudar as pessoas a lidar com isso ao obedecermos ao mandamento de Deus de levar o evangelho ao mundo?

Paixão 52 - Uma oração geral para o desconhecido

João 17:20-26

Quantas vezes ouvimos uma “oração de cobertor” feita durante os momentos de oração? A oração que é assim: “Deus abençoe os missionários”. Uma oração sem nomes, sem lugares e sem informações sobre a necessidade e a bênção desejada.

Muitas vezes tenho criticado essa oração. Para mim, isso implicava uma falta de consciência das pessoas que servem e onde estão servindo. Revelou uma falta de vontade de arriscar orar por detalhes e a fé necessária para orar acreditando que Deus responderá especificamente. Para mim, representava uma forma de oração fraca e inútil.

No entanto, ao ler esta oração de Jesus, descobri que devo repensar essa atitude de crítica. Pois aqui Jesus faz uma oração muito geral. Ele ora por todos os que creem por causa do testemunho dos discípulos. Ele não faz referência a um lugar ou ministério específico. Ele não ora por cada discípulo individualmente, mas em grupo (todos os missionários). Não são mencionadas necessidades específicas nem batalhas, problemas ou dificuldades específicas a serem superadas. É, de muitas maneiras, uma oração geral com algumas diferenças importantes.

Jesus ora por muito mais do que uma bênção para todos os discípulos (Minha oração não é apenas para eles). Ele ora pelos resultados de seus ministérios (eu oro também por aqueles que acreditarão em mim através de sua mensagem). Ele ora por aqueles que vão ouvir e pelos resultados que são necessários de

seu ministério. Ele ora o seguinte, “para que todos sejam um, Pai, assim como você está em mim e eu estou em você. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que você me enviou”.

Ele ora por dois pedidos críticos relacionados ao ministério dos discípulos e todos que respondem geração após geração. 1. Que eles sejam um com o Pai e o Filho e que conheçam pessoalmente aquele que os salva. 2. Que as vidas que eles viverão ajudarão os outros a acreditar que Jesus foi enviado por Deus para nos salvar.

Eu tenho um calendário de oração com grupos de pessoas listados para cada dia. É um calendário mensal que inclui várias igrejas, pastores, missionários e campos missionários. Eu uso isso para meus momentos de devoção e oração. É meu objetivo orar o mais especificamente possível por cada um na minha lista, mas acho que nem sempre conheço as necessidades específicas do lugar ou da pessoa quando chego ao nome deles no meu calendário. Muitas vezes me pego orando como Jesus fez, de uma maneira geral, pelo nome da minha lista. Encontro-me orando por eles para que Deus esteja presente, que os guie e que seu nome seja proclamado claramente para que as pessoas respondam. Oro para que Deus esteja presente para guiar, proteger e fornecer o que for necessário.

É muito parecido com a oração do cobertor que critico, mas não é. Tantas vezes as pessoas param no final de “Deus abençoe os missionários” e não vão mais longe. Eles não especificam a natureza da bênção, do que eles querem que Deus faça, do que Deus deve fornecer e dos resultados que eles querem que seja evidência da bênção.

Ao ler esta parte da oração de Jesus novamente, lembrei-me de que neste momento não havia missionários, nem ministérios, nem atividades de qualquer tipo. Jesus não podia orar por nenhuma pessoa ou lugar específico. Então ele orou genericamente. Ele orou por sua unidade, sua consciência de Deus entre eles. Ele orou por sua proteção (no início da oração), orou para que as pessoas acreditassem em seu testemunho, orou por aqueles que creram e levariam a mensagem para a próxima geração. Ele orou para que o amor que o Pai tinha por ele fosse conhecido e experimentado por eles. Ele orou para que eles vissem e experimentassem claramente sua presença em suas vidas. Ele orou para que bênçãos específicas e resultados específicos fossem deles.

Se reservarmos tempo para rever a vida de oração de Jesus e as orações específicas, descobriremos ainda que, sempre que possível, ele orou especificamente. Ele orou pela multiplicação dos pães. Ele orou especificamente por Pedro e para que ele sobrevivesse à peneiração de Satanás. Ele orou pelos discípulos para que eles fossem protegidos e voltassem depois que o abandonassem. Ele até orou por Judas. Quando ele tinha informações específicas, ele orava especificamente.

Para fazer isso, minha esposa e eu temos outro livro que usamos para orar. A cada semana, inserimos pessoas e necessidades específicas neste livro para oração. À medida que a semana passa, muitas vezes adicionamos mais à lista à medida que recebemos e-mails, telefonemas ou outras informações que precisam de oração específica. Muitas vezes, reintroduzimos nomes e necessidades semana após semana, dependendo da natureza da necessidade e do período de tempo envolvido.

Mesmo assim, podemos usar a oração geral de Jesus como um guia para nossas orações específicas. Sempre precisamos orar para que eles estejam cientes da presença de Deus e que não estejam sozinhos, mas unidos a muitos outros na obra. Sempre precisamos orar para que através de suas vidas e tudo o que aconteça, outros conheçam e creiam em Deus. A partir daí, continuamos nas especificidades da

sabedoria, provisão e proteção. Mas sempre precisamos estar cientes de que não importa o que façamos ou não saibamos, devemos orar para que Deus 'abençoe todos os missionários'.

Reserve um tempo e leia novamente a oração de Jesus por todos aqueles que são testemunhas, todos os que são chamados a testemunhar e todos os que crerem. Então deixe-o guiá-lo em um compromisso mais profundo de orar uns pelos outros e por aqueles que servem ao redor do mundo.

João 17:20-26

20 "Minha oração não é só por eles. Eu oro também por aqueles que vão acreditar em mim por meio da sua mensagem, 21 para que todos sejam um, Pai, assim como você está em mim e eu estou em você. Que eles também estejam em nós para que o mundo creia que tu me enviaste. 22 Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que sejam um como nós somos um: 23 eu neles e tu em mim. para completar a unidade para que o mundo saiba que você me enviou e os amou assim como você me amou.

24 "Pai, eu quero que aqueles que você me deu estejam comigo onde eu estiver, e vejam a minha glória, a glória que você me deu porque você me amou antes da criação do mundo.

25 "Justo Pai, embora o mundo não te conheça, eu te conheço, e eles sabem que você me enviou. eu esteja neles e que eu mesmo esteja neles".

BS – Leia Mateus 6:9-13. Como esta oração pode ser usada para nos ajudar a orar pela missão de Deus ao redor do mundo? Reescreva a oração refletindo um foco em orar pelos missionários em geral e depois por um missionário específico que você conhece.

PR- Reflita sobre como você ora pelos missionários. Quais são as principais coisas pelas quais você ora? Como eles se comparam com os pontos-chave pelos quais Jesus orou?

MT – Responda a seguinte pergunta. Qual é o objetivo final das missões? Agora use essa resposta para avaliar como oramos por missões e depois escreva um guia sobre como orar por missionários.

Paixão 53 - Jardim da Dor ou Esperança?

Mateus 26:36-46 (Marcos 14:32-42; Lucas 22:35-46)

Era 1992 e havia uma guerra rebelde em Serra Leoa. A luta estava no leste e as coisas não estavam indo bem. Os soldados do governo estavam descontentes e um grupo deles deixou a frente de batalha e foi para Freetown, e de repente tivemos um novo presidente. O presidente eleito fugiu do país e um sargento do exército declarou-se presidente. Quase todas as embaixadas estrangeiras começaram a evacuar seu povo, bem como a encorajar fortemente todos os outros não-cidadãos de Serra Leoa a saírem. A embaixada dos EUA fez a mesma coisa e nos deu um prazo para estar em Freetown para a evacuação.

Assim, nos encontramos de volta aos EUA imaginando o que aconteceria a seguir. Dentro de uma semana de nosso retorno aos EUA, todos os missionários se encontraram e oramos e discutimos o que faríamos a seguir. Concordamos por unanimidade que assim que fosse possível retornaríamos a Serra Leoa. Três meses depois estávamos de volta. O país havia se acalmado e os rebeldes estavam recuando. Voltamos a trabalhar treinando pastores.

Dois anos depois, a situação mudou novamente. Desta vez os rebeldes estavam mais fortes e avançavam em nossa direção. A luta estava a apenas 40 milhas de distância. As pessoas da nossa aldeia estavam nervosas. Eles colocaram vigias em várias estradas e caminhos para a aldeia. Aqueles que acreditaram em espíritos realizaram um sacrifício pedindo proteção. Os líderes da igreja se recusaram a participar e organizaram momentos de oração. (Acredito que essa ação foi o motivo pelo qual os prédios da igreja e da escola bíblica foram poupados quando os rebeldes finalmente capturaram nossa aldeia).

Era agora maio de 1994 e minha esposa e eu estávamos sentados na varanda discutindo a situação e o que faríamos. Estávamos programados para entrar em licença em junho. Sentimos fortemente que deveríamos voltar, se possível. Mas a questão em minha mente era o que faríamos se não pudéssemos voltar para Serra Leoa. Durante aquela conversa, ficou claro para nós que fomos chamados para ser missionários. Não importava onde servimos. O que importava era que estávamos prontos para ir aonde Deus nos enviasse e fazer o que ele nos pedia. Isso se tornou a base de nossas orações e decisões no ano seguinte. Abriu o caminho para aceitarmos a recondução para Papua Nova Guiné quando ficou claro que não poderíamos retornar à Serra Leoa.

Você poderia chamar essa discussão de nosso jardim do Getsêmani. Uma escolha estava diante de nós e precisávamos escolher o que faríamos. Ele se tornaria o ponto de referência para futuras decisões sobre ir para onde Deus estava nos enviando. Em cada situação a decisão a ser tomada era a mesma. Obedeceríamos a Deus e cumpriríamos seu propósito para nossas vidas? Enfrentaríamos os desafios, dificuldades e riscos para realizar esse propósito?

Enquanto me sento aqui e reflito sobre esta passagem e sobre aquele dia em Serra Leoa, percebo que cada um de nós deve tomar uma decisão semelhante. A natureza das ameaças ou desafios será diferente. Você pode não estar enfrentando a morte, como Jesus, ou lidando com a ameaça de um ataque de rebeldes como nós, mas você se deparará com uma escolha que envolverá obediência e arriscar algo para realizar a obra de Deus no mundo ao seu redor. tu.

Esta decisão não é realmente sobre os eventos ao nosso redor. É sobre a nossa vontade, a vontade de Deus e a qual obedeceremos. É sobre se fazemos A ou B, não se escolhemos entre duas estradas possíveis para o mesmo destino. Ao ler a oração de Jesus, você perceberá que ele não estava tentando escolher entre A ou B. Ele estava perguntando se o Pai poderia encontrar ou criar uma opção que lhe permitisse evitar, evadir-se, até mesmo escapar da estrada diante dele. Mesmo quando fez a pergunta, ele sabia que não havia outro caminho. Que havia apenas uma decisão a tomar, seguir em frente e obedecer, ou virar as costas e desobedecer. E então ele respondeu: “não a minha vontade, mas a sua vontade”.

Tantas vezes esperamos que a decisão tenha uma possibilidade alternativa. Uma opção ‘B’, algo menos perigoso, menos difícil, mais dentro das nossas capacidades, dos nossos pontos fortes, coloco a ênfase na palavra ‘nosso’, porque não estamos pensando no que Deus quer, mas no que nos sentimos confortáveis. Ou temos medo do que podemos ter que desistir e perder se formos aonde Deus nos enviar e fizermos o que Ele nos pede.

Podemos receber uma opção, mas essa é apenas uma solução temporária. Mas é um caminho triste e menos gratificante a seguir. Não obedecemos totalmente e apenas adiamos a escolha que não fizemos. A verdade é que a necessidade de obedecer a Deus nunca desaparecerá e voltará de uma forma ou de outra. Tenho ouvido muitos testemunhos de pessoas de como evitaram fazer o que Deus lhes pediu

para fazer e, finalmente, não puderam mais evitá-lo. Eles finalmente foram obedientes e descobriram uma paz e uma alegria que lhes havia escapado ao buscar uma opção.

O jardim não é um lugar fácil de se estar. A decisão a ser tomada não é simples. É uma batalha de vontades e esta batalha é sempre difícil. Isso só é realizado lutando com a realidade das necessidades daqueles que nos rodeiam e nosso desejo de ser egoísta. Queremos evitar até mesmo a menor sugestão de dor, angústia e luta. Queremos o caminho mais fácil, é apenas a nossa natureza.

A decisão, uma vez tomada, muitas vezes será revisada e precisará ser renovada. Nossa decisão em Serra Leoa não encerrou o processo. Passamos por isso novamente, quando solicitados a ir para Papua Nova Guiné. Mais uma vez, quando solicitado a se mudar para a Guiana. Novamente ao considerar a mudança para o Panamá. Lidamos com o processo toda vez que perguntamos o que Deus quer que façamos em uma situação particular.

Fica mais fácil? Não necessariamente. Mas fica mais fácil reconhecer as questões envolvidas. Fica mais fácil reconhecer quando é Deus falando e não apenas eu me perguntando “e se.” Fica mais fácil tomar a decisão de ir ao jardim e começar a orar e buscar a sabedoria para saber o que Deus quer de mim nesta situação, Neste lugar. Fica mais fácil saber o que precisa ser feito. Mas cada vez é a mesma decisão. Vou obedecer à vontade de Deus e fazer o que Ele me pediu para fazer? Verei as necessidades dos outros acima dos meus desejos, meu conforto, minha vontade?

BS – Leia as seguintes passagens: 1 Reis 17:1-18:14. Três pessoas nesta passagem foram convidadas a fazer algo difícil e potencialmente perigoso. O que eles foram solicitados a fazer? Por que foi difícil ou perigoso? Quais seriam os resultados de não obedecendo?

Agora leia Atos 9:11-16. Duas pessoas nesta passagem foram convidadas a tomar decisões. Responda as mesmas perguntas acima. Qual foi o benefício de obedecer?

PR – Este estudo é sobre tomar decisões difíceis. Reflita sobre sua vida e vários momentos-chave de decisão.

1. O dia em que você decidiu ser cristão.
2. a primeira vez que você contou a alguém que não era cristão sobre sua fé
3. O dia em que você foi batizado.
4. A primeira vez que lhe pediram para prestar um testemunho, dar uma aula ou liderar um grupo.

O que aconteceu? Você lutou para tomar uma decisão? Por que foi difícil? Você disse sim na primeira vez que teve que escolher ou resistiu? O que aconteceu quando você disse não? Você teve outra chance de obedecer? Você precisa de outra chance? O que o ajudará a obedecer e fazer o que lhe for pedido?

MT – Leia o livro de Jonas. Jonas recebeu uma missão, uma missão transcultural. Quais foram as razões que ele usou para evitar obedecer? Quais seriam as consequências se ele continuasse a desobedecer? Por que é tão difícil obedecer a Deus quando envolve pessoas de outra cultura? Quais são as consequências de não obedecer? Como eles são diferentes de não obedecer a Deus e compartilhar o evangelho com sua família e amigos?

Paixão 54 - Uma multidão aterrorizada

Mateus 26:47-57 (Lucas 22:47-53; Marcos 14:43-52; João 18:1-11)

O tempo de oração acabou. Agora é a hora das coisas que fazem barulho à noite e nos assustam. Hora da máfia assumir o controle e deixar todo mundo em pânico. Tempo para o traidor vir e nos petrificar em um estado de terror e medo. Mesmo aqueles que se julgam corajosos e destemidos, mal conseguem agir por causa da intensidade da intimidação da presença da turba. Isso é o que se esperaria. Esse é o objetivo de Satanás. É o que se vê nos filmes de terror que são tão comuns hoje em dia - as turbas governam e os traidores trazem terror aos seus amigos através da tortura. Quaisquer tentativas de se defender são fracas por causa do efeito debilitante do medo.

Normalmente, isso é o que se esperaria, mas esta noite não é normal. A pessoa que deveria estar aterrorizada não está. Na verdade, ele tem seus acusadores aterrorizados e confusos. São eles que reagem com medo. Eles estão assustados. Eles estão aterrorizados com um homem solitário.

Veja quem está presente.

1. Guardas Romanos – os soldados de elite do Império Romano. Eles não têm medo de nada. Eles são os únicos a serem temidos. No entanto, ao som da voz de um homem, eles caem no chão. Que embaraçoso! Quão totalmente atípico. Pode-se perguntar o que lhes foi dito por aqueles que os enviaram. Eles provavelmente viram o que está acontecendo, ou pelo menos ouviram falar dos incríveis poderes do homem Jesus. Eles viram o tamanho das multidões que o cercam todos os dias porque sua fortaleza tem vista para o pátio do templo. Eles não podem deixar de ver. Mas aqui todos os líderes encontram onze homens e Jesus. E apenas um deles está armado. No entanto, são eles que caem no chão com terror e medo.

Sentimos a intimidação que os soldados podem criar. Lembro-me bem de estar em Serra Leoa e ser informado de que tínhamos que deixar o país por causa da agitação política. Lembro-me do medo e da incerteza que acompanharam nossa viagem à cidade capital. Os muitos postos de controle e a exibição de poder e controle eram evidentes em cada parada. O objetivo era intimidar, incutir medo, tornar uma pessoa indefesa.

2. Guarda do Templo – Estes são os guardas especiais do templo. Eles são selecionados por sua coragem e força. Eles estão lá para proteger o templo das multidões, dos ladrões e de qualquer aparência de conduta desordeira. No entanto, eles já foram humilhados uma vez por um homem com um chicote. Eles perderam o controle. Então, todos os dias da semana seguinte, esse mesmo homem entrou em seus domínios e assumiu o controle de seu ambiente. Nesse momento eles provavelmente estavam contentes com a presença da Guarda Romana, mas eles também se juntaram aos seus superiores no chão com medo e tremor.

Eu nunca lidei com a presença de guardas do templo. Eu só posso imaginar como seria entrar em um local de culto sabendo que as pessoas estão assistindo. Observando não para me ajudar a experimentar plenamente a santidade do local, mas para ter certeza de que não faço nada que ofenda, nada que denegrir o edifício ou as crenças representadas por este local de culto. Esses guardas estão prontos em um instante para conter fisicamente, remover essas pessoas e fazê-lo com pouca preocupação com a segurança ou o conforto da pessoa.

3. Líderes – Lucas nos diz que os oficiais dos principais sacerdotes, líderes da guarda do templo e anciãos estão presentes. Muita autoridade. O suficiente para intimidar e oprimir uma pessoa. O suficiente para fazer uma pessoa estremecer e se contorcer. O suficiente para intimidar uma pessoa à submissão. Mas são eles que são forçados à submissão. São eles que estão sendo consultados. Eles são frustrados e forçados a obedecer. Jesus os faz libertar seus discípulos. Jesus os julga por sua atividade. Anteriormente, eles estavam impotentes e aterrorizados com Jesus quando ele assumiu o controle do templo. Agora, mesmo com uma multidão, soldados romanos e a guarda do templo para apoiá-los, são eles que estão com medo do que pode acontecer.

Lidamos com os responsáveis em vários ambientes, policiais, funcionários do governo e outros. Eles não têm medo de sugerir que estamos violando várias leis e regulamentos. Eles estão mais do que dispostos a nos fazer sentir pequenos e que estão no controle. Alguns o fazem em busca de suborno, outros para afirmar seu controle sobre estrangeiros, outros apenas para serem maldosos, para dificultar a vida daqueles que não querem por perto.

4. A multidão – Esta situação assustadora incluiu uma multidão. Eles vieram com porretes, facas e qualquer coisa que pudesse ser usada para bater em qualquer um ao seu alcance. Mobs são violentos e aterrorizantes. Eles ficam do lado daquele que lhes trará o maior benefício. É fácil perder o controle de uma multidão. Qualquer ofensa, qualquer ferimento e a multidão atacará sem remorso. Eles tiveram a oportunidade. Os discípulos normalmente teriam sido espancados e deixados para morrer por causa da ação precipitada de Pedro. Foi uma má decisão e deveria ter enfurecido a máfia. Mas eles não fizeram nada. Jesus falou e eles ficaram congelados no lugar. Seu incrível poder de instilar medo, aterrorizar, foi reduzido a nada.

Lembro-me de ser pego no meio de uma multidão. Foi muito desconcertante. Estávamos viajando para Freetown para fazer compras. Virei em uma rua e fiquei cara a cara com uma multidão. A boa notícia é que a multidão não se importou com a nossa presença. Eles pegaram um ladrão e estavam batendo nele. Eles o levaram para o nosso carro, continuaram a espancá-lo no carro, na lateral do carro e na estrada. Eles estavam alheios a nós, estavam com raiva e toda a sua energia estava focada em aterrorizar a pessoa, um ladrão.

5. O traidor – todos nós tememos ser traídos. A traição pode ir desde ser constrangido, até ser submetido a tortura e morte. Os traidores são um grupo astuto e enganador. Eles atacam quando podem ganhar mais e podem causar mais danos. Eles procuram o lugar escuro da vida para se esconder e descarregar seu veneno naqueles que não gostam, aqueles que os decepcionaram, aqueles que lhes causaram alguma forma de mágoa ou constrangimento, mesmo aqueles que não estão à altura de seus padrões. e sua forma de pensar. No entanto, esse traidor se traiu. Ele não conseguiu o que queria. Ele foi exposto e depois ignorado. Seu poder de controlar, de obter reconhecimento, de se vangloriar, tudo foi tirado. Sua vítima não se curvou, se curvou ou cedeu.

Fui traído na vida. Eu não gosto da sensação. Eu não gosto da quebra repentina de confiança. O conhecimento de que fui enganado, enganado pela falsa amizade para que outro pudesse controlar minha vida e trazer danos a mim e àqueles que amo. Deixa a pessoa com uma relutância em confiar nos outros por medo de ser traído novamente. Cria alienação dos outros, isolamento e perda de confiança. Ela mina nossa capacidade de viver, amar e crescer.

Este foi um dia que Satanás havia planejado. Era sua chance de fazer Deus correr com medo. No entanto, tudo falhou. Não só falhou, como saiu pela culatra. Havia mais por vir, mais tentativas de destruir, de causar medo, mas todas eram anticlímax à luz do que aconteceu no jardim naquela noite. Jesus revelou claramente que sabia exatamente o que estava acontecendo, sabia por que estava acontecendo e escolheu permitir que acontecesse. Ele escolheu ficar de pé, e ficar em força. Ele enfrentou as coisas que acontecem à noite, revelou-as pelo que eram, tentativas fracas e ineficazes de forçar a mão de Deus, forçar Deus a fazer o que eles queriam. No entanto, o que foi revelado a todos foi que Deus e não o homem estava no controle. Ele revelou que quando Deus está no controle, nada tem o poder de controlar através do medo, terror ou violência.

A multidão e todos aqueles que faziam parte dela - soldados, guardas, líderes e traidores - todos precisavam conhecer essa verdade. Deus está sempre no controle. Em Deus, não há nada a temer. Jesus enfrentou todas as coisas que nos amedrontam. Ele escolheu enfrentar os perigos à frente, não com medo, mas no poder de Seu Pai, para revelar o amor do Pai e seu propósito.

O medo é uma parte real da nossa vida. Está ainda mais presente quando estamos em ambientes desconhecidos, quando estamos fora do nosso elemento, da nossa cultura, do nosso ambiente familiar. Está mais presente porque não sabemos o que esperar. Não sabemos o que deixa as pessoas felizes, o que as deixa com raiva. Não sabemos o que é ofensivo e o que não é. É tão fácil cometer um erro, dizer a coisa errada, estar no lugar errado e nos encontrar na presença de uma multidão.

Missões é ir aos lugares, às pessoas que nos dão medo. Jesus nos ajuda a entender como lidar com o medo, o perigo e como vencer a turba. Ele orou e procurou Seu Pai. Ele sabia que eventos difíceis estavam logo à frente. Ele conhecia o perigo. Ele sabia que, se se concentrasse em si mesmo, sucumbiria e o terror o congelaria. Então ele foi veio ao Pai, expôs o seu medo, e como ele falou, aprendeu sobre o controle de Deus, sobre o amor e o plano de Seu Pai para todos. Aprendeu que se enfrentasse o terror, enfrentasse a turba movida pela loucura que é o pecado, não estaria sozinho, não teria que depender de si mesmo, então Ele proveria tudo o que fosse necessário para fazer tudo o que fosse necessário.

É isso que cada um de nós deve fazer. Estamos todos com medo. Ouça qualquer grupo falando sobre testemunho; qualquer grupo falando sobre como eles nunca poderiam ser missionários. Ouça aqueles que temem dizer a alguém que são pecadores e precisam do perdão de Deus. Na verdade, o medo domina grande parte de nossas vidas e nossas decisões. Somos um povo que vive nas trevas. Somos um povo que tem medo, não apenas do que acontece na noite, mas da vida cotidiana. Mas com Deus temos consciência de quão temporário o medo realmente é, quão impotente é à luz do plano e da presença de Deus e como podemos enfrentar o medo e trazer esperança aos membros da turba que nos aterroriza. Podemos contar aos outros, podemos ser missionários, podemos ir aonde Deus nos enviar e fazer o que Ele nos pedir.

Vá ao jardim e encontre o Deus Supremo, o Pai amoroso, o Criador do universo, e você encontrará uma paz que aqueles que procuram aterrorizar você nunca serão capazes de superar.

BS – Paul enfrentou muitas turbas durante sua vida e ministério. Leia os seguintes relatos. Atos 13:42-52; 14:19-22; 16:18-28; 18:5-17; 21:26-33:30. O que você pode aprender com a vida dele sobre como lidar com situações que envolvem pessoas que se opõem ao evangelho?

PR – Reflita sobre por que falar aos outros sobre Cristo o deixa com medo. Reflita sobre por que você acha que as pessoas respondem negativamente ao ouvir o evangelho. Eles estão respondendo por medo? Como o medo deles é igual ou diferente do seu medo?

MT – O ministério transcultural está repleto de situações que podem nos causar medo. Você sente que todos estão nos observando e procurando uma desculpa para atacar e criticar. Nossa resposta a esse medo pode ter um efeito profundo na natureza e na direção do ministério de uma pessoa. Tire algum tempo para pensar sobre por que uma pessoa sente medo quando está com pessoas cujos costumes e ações são diferentes. Pense em por que eles respondem a pessoas de fora com inimizade e até raiva. O que será necessário para você superar seu medo e ajudá-los a superar a desconfiança deles em você?

Paixão 55 - Todas as coisas privadas

João 18:12-24

Há três histórias aqui que podem parecer desconexas, mas giram em torno de uma ideia-chave, o público. Será útil revisar rapidamente cada um com um pequeno comentário.

A primeira gira em torno da pessoa Annas. Ele foi o sumo sacerdote uma vez e é o pai do atual sumo sacerdote. Ele é o primeiro a se encontrar com Jesus depois de ser preso. O intercâmbio se concentra no ensino de Jesus e na vida aos olhos do público. Anás tem perguntas, mas Jesus não fez nada que exija investigação para encontrar a verdade. Suas respostas às perguntas são apenas isso. Você viu o que eu faço. Você ouviu meus ensinamentos no templo. Milhares me ouviram, você pode perguntar a eles e verificar tudo o que eu disse. Basicamente, Jesus deixa claro que ele sabe que não está lá para a verdade. Os líderes do Sinédrio estão esperando que ele recue, mude sua história e altere suas palavras para que possam exibi-lo ao público como um charlatão, um falso profeta; Aquele que busca fama e poder e dirá qualquer coisa para ganhar a atenção do público. Mas nada é alterado. Jesus simplesmente lhes diz o que eles já sabem e para o qual há milhares de testemunhas. Ele não se acovarda, Ele não recua.

A segunda pessoa é João. Você já se perguntou como João teve acesso à casa do inimigo e depois acesso ao julgamento perante o Sinédrio? Tudo o que nos é dito é que ele era conhecido pelos líderes. Mas como um pescador humilde consegue esses contatos? Por que eles o permitiram entrar no meio deles e não se incomodariam em ameaçá-lo? Pouco tempo antes, todos estavam fugindo com medo, mas aqui está John.

Ao refletir sobre o foco desta história e considero o objetivo de expor e desacreditar a vida privada de Jesus como diferente de sua vida pública. Acho que entendo por que John teve permissão para estar presente e até mesmo tratamento preferencial. As autoridades queriam que ele visse tudo o que foi feito, para vê-los quebrar Jesus, para ver Jesus admitir que ele era uma farsa e se submeter à autoridade deles. Eles queriam que John visse a verdade da perspectiva deles. Isso é o que eles esperavam que acontecesse.

Imagine o que teria acontecido com os seguidores de Jesus se João voltasse com um relatório negativo. Um relato onde Jesus se mostra um covarde, temeroso por sua vida, disposto a mudar sua história e seus ensinamentos quando confrontado com a plena autoridade e poder dos sacerdotes e do Sinédrio. Se isso tivesse acontecido, não haveria esperança. Nenhuma chance de entrar no reino de Deus, exceto

pelo caminho definido pelos fariseus e saduceus. Este era o objetivo deles, confundir e subverter as palavras de Jesus, fazê-lo tropeçar e comece a falar. Falando até se contradizer.

Isso não aconteceu. Então Jesus foi enviado para o próximo grupo e João foi autorizado a ir junto.

A terceira história é sobre Pedro. Esta é uma história sobre o que acontece quando o medo entra em nossa vida e pensamos mais em nossa segurança e em nossa vida do que na verdade. Mais uma vez, é interessante que Pedro tenha acesso à casa do antigo sumo sacerdote. O texto diz que João pediu permissão para entrar pelo portão, mas não para dentro da casa. Mas Peter estava perto o suficiente para ouvir tudo o que estava acontecendo.

Pedro não estava cara a cara com as autoridades da terra. Ele não estava cercado pelos líderes como João. Ele não era conhecido por aqueles ao seu redor como Jesus e João. Em vez disso, ele teve que lidar com os presentes, depois com uma criada e, finalmente, um parente da pessoa cuja orelha ele havia cortado. Cada pergunta dirigida a Peter resultava em negação e medo, tanto medo que ele não conseguia nem encarar uma serva. Na verdade, o único que poderia ter causado algum medo poderia ter sido o parente, mas mesmo isso era limitado. É claro que o familiar tinha pouca ou nenhuma informação sobre esses acontecimentos no jardim.

No entanto, Peter mudou suas palavras. Mudou seu testemunho. Ele se escondeu de sua vida pública e fez exatamente o que os líderes esperavam que Jesus fizesse. Negue suas palavras. Negue sua atividade. Submeta-se ao controle e influência de outros.

Por tudo isso, Jesus permaneceu firme. Isso ajudou John a permanecer forte em um ambiente aterrorizante. Mas Pedro, tão perto quanto estava, perto o suficiente para ver Jesus, para ouvir a conversa, cedeu e fugiu da verdade. Ele negou a verdade para se proteger.

Essa mesma situação pode nos confrontar a qualquer momento. Um colega de trabalho, um amigo, uma pessoa que vemos em nossa vida cotidiana pode nos fazer perguntas sobre quem somos e no que acreditamos. Nesse momento, nossas vidas públicas e privadas se chocam e estamos no meio. Ou permaneceremos firmes e lidaremos com a possível luta e perseguição de dizer a verdade ou encontraremos uma maneira de balançar e tecer como um boxeador na esperança de fugir do que tememos. Esse medo pode ser tão simples quanto ser ridicularizado por nossas crenças ou ser tão sério quanto o risco de ataque físico por nossa fé.

Permanecer firme pode trazer problemas, mas ganharemos respeito. Revelaremos uma força que somente aqueles que realmente acreditam e seguem a verdade podem ter. Podemos não escapar de ser atacados, mas abriremos portas que não podem ser abertas de outra maneira. Correr só traz dúvida e desconfiança. Nunca seremos confiáveis ou respeitados se nos curvamos e mudamos nossa história para satisfazer aqueles que nos rodeiam.

Durante a guerra em Serra Leoa, havia líderes em nossa aldeia que decidiram que precisavam fazer um sacrifício aos espíritos para proteger a aldeia. Eles disseram a todos que tinham que vir e participar. Quando ouvimos isso, rapidamente tomamos a decisão de que não iríamos participar e nem iríamos observar porque isso poderia ser interpretado como um suporte para o que estava acontecendo. Os líderes da nossa igreja também mandaram avisar que não iriam participar e encorajaram todos os membros da igreja a evitarem ir ao centro da vila na hora marcada para a oferta. Houve uma igreja de

outra denominação que escolheu participar. Eles sentiram que não faria mal apoiar o desejo dos líderes da aldeia de buscar todos os meios de proteção.

Normalmente, em uma aldeia, aqueles que se recusam a participar serão responsabilizados por qualquer mal que aconteça. Mesmo ao ponto de que outros não façam negócios com eles e os evitem. Anos depois, ouvimos o que aconteceu quando os rebeldes finalmente atacaram nossa aldeia. Quando entraram na aldeia destruíram a igreja e a escola do grupo que havia participado do sacrifício. Nossa igreja e escola bíblica sobreviveram e estão novamente sendo usadas para adorar a Deus e treinar futuros líderes. Muitos daqueles que permaneceram firmes na verdade sobreviveram ao ataque e são um testemunho do poder de seguir a verdade mesmo quando ela pode ser perigosa.

A missão de Deus sempre nos colocará em conflito com aqueles que não querem ouvir a verdade ou alterá-la para que possam viver da maneira que querem viver e ter poder neste mundo. Às vezes, esse conflito não será muito caro ou trará muitos riscos. Outras vezes, revelar quem somos como seguidores de Cristo pode causar grande perigo e até colocar a vida em risco. Temos amigos que estão servindo como missionários nesses lugares. Eles têm que ter muito cuidado com o que dizem e ainda ser ousados ao demonstrar o amor de Jesus a esse grupo de pessoas. Eles precisam de uma compreensão clara da conexão entre sua vida pública e o que acontece no privado, porque o privado pode de repente se tornar público.

BS – Leia o seguinte: Lucas 8:16-18; 11:1-12. Jesus nos diz que tudo que é feito em segredo será revelado. Reflita sobre as palavras dele e considere o que você está fazendo em particular e como você responderá se isso se tornar público. As pessoas seriam capazes de acusar y ou de ser um cristão se eles pudessem ver sua vida privada?

PR – Você já fez ou disse algo em particular que depois se tornou público? Como isso afetou a opinião das pessoas sobre você e sua confiança em você? Como a resposta deles pode afetar seu testemunho e a disposição dos outros de ouvi-lo ao falar sobre o amor de Jesus por eles?

MT – Os missionários costumam se destacar. Todos sabem que são estranhos. O missionário não conhece a língua ou as expressões idiomáticas locais da língua. Eles não estão familiarizados com os costumes e atividades. Eles fazem perguntas que revelam que são de outro lugar. No momento em que chegam, tornam-se objeto de observação. Parece que todo mundo está assistindo e avaliando. Nada é privado e quaisquer erros rapidamente se tornam de conhecimento público. Como tal escrutínio afetaria você? Por que é importante ser aberto quando se vive em outra cultura? Quão importante é deixar as pessoas verem e saberem como você é, mesmo em sua vida privada?

Paixão 56 - Como se tornar um tolo

Mateus 26:57-68 (Mc 14:53-65)

Uma maneira de se tornar um tolo é ignorar a verdade que todos conhecem e tentar convencer as pessoas de que não é verdade.

Por que isso torna alguém um tolo? Bem, isso está relacionado à definição do termo tolo. Aqui estão alguns exemplos de definições de várias fontes.

Oxford – uma pessoa que age imprudentemente ou imprudentemente

Webster - uma pessoa sem julgamento ou prudência

Dictionary.com – uma pessoa boba ou estúpida; uma pessoa que não tem juízo ou bom senso.

Um elemento comum é que um tolo é alguém que perdeu de vista a verdade sobre si mesmo e o mundo ao seu redor. Isso resulta em ações e decisões que são tolas, não baseadas na verdade e na realidade. Essas decisões podem colocar essa pessoa e outras em vários tipos de risco, sendo o mais simples o de parecer tolo aos outros (fora de contato com a realidade e a verdade) ao complicado e perigoso (perda da liberdade, amizade e até a morte).

Os tolos precisam justificar suas decisões e, portanto, precisam recriar o mundo de acordo com suas próprias ideias e conceitos. Quanto mais envolvido o esforço, mais tola uma pessoa se torna e parece aos outros. O tolo gasta uma grande quantidade de energia em seu esforço para alterar a verdade e ajustá-la ao modo como deseja viver e convencer os outros de que está certo.

Há um segundo nível de perigo presente do qual devemos estar cientes. Nem todos os tolos são simplórios ou impotentes. Tornar-se um tolo não se restringe a uma pessoa com capacidade limitada ou inteligência limitada. Na verdade, os tolos mais perigosos são aqueles em posições de poder e autoridade. As pessoas temem opor-se a elas e muitas vezes aceitam suas ideias como verdadeiras, apesar de saberem que as ideias não são verdadeiras.

Aqui está uma situação em que um tolo está trabalhando. Revela a natureza destrutiva e influente de um tolo deste calibre. Veja a situação. Caifás se sente ameaçado. Ele se recusa a ver o que está acontecendo. A evidência é clara de que a pessoa que está diante dele tem um poder extraordinário, um poder que só pode vir de Deus. Ele rejeita essa verdade. A pessoa que está diante dele é um professor de incrível profundidade, tal que só foi visto na vida dos profetas de Deus. Ele rejeita essa verdade. A pessoa que está diante dele é amada e respeitada pelo povo. Ele (Caifás) não é, mas pode optar por aceitar essa pessoa, fazer mudanças importantes e se encontrar em uma posição de autoridade e respeito que nunca experimentou antes. Ele rejeita essa verdade. A pessoa diante dele resistiu a todos os ataques e desafios dos fariseus, escribas e saduceus. Não há falha em sua vida, em seus ensinamentos nem em sua atitude. Ele poderia escolher admirar esse fato, mas ele rejeita essa verdade.

Em vez disso, Caifás desfila uma falsa testemunha atrás da outra diante do povo. Um após o outro, essas falsas testemunhas falham porque as mentiras não podem ter sucesso. As mentiras sempre se revelam. As mentiras também expõem aqueles que as usam como tolos. Pessoas que se enganaram e assim se tornaram tolas em suas ações e decisões.

Finalmente, tudo se resume a usar a verdade, algo que os líderes não querem fazer. Uma vez que eles declaram isso, e Jesus responde, eles estão comprometidos com um curso de ação que revelará a profundidade de sua tolice. Vencer com uma mentira os deixaria em uma posição segura. Mostraria apenas quem está no comando. Recorrer à verdade tem um resultado diferente.

E então Caifás grita em desespero: “Você é o Cristo, o Filho do Abençoado?” A resposta de Jesus é de confiança, sem medo. É uma declaração de verdade. Uma verdade que todos eles estavam procurando, mas uma verdade que eles queriam controlar para que pudessem ter algo a dizer, algum controle no reino de Deus (de acordo com eles). Se Jesus é, de fato, quem diz ser, então tudo isso está perdido; eles

e todos os que seguem seu modo de pensar estão perdidos e o reino de Deus será o reino de Deus. Os líderes perderam muito mais do que esperavam ganhar.

Mas mesmo este evento não é eno ugh para trazer os resultados que desejam. Eles terão que mentir e se humilhar diante de Pilatos para que isso aconteça. Eles terão que comer suas próprias palavras, amaldiçoar a si mesmos e muito mais na tentativa de se livrar de Jesus. Cada passo é o passo de um tolo. Uma vez iniciado esse caminho, o caminho de volta torna-se cada vez mais impossível a cada passo dado.

Jesus sabia disso. Ele os deixou cozinhar. Ele os deixou se contorcer. Somente quando a verdade, a verdade central estava em questão, ele respondeu. Sem inimizade, sem represálias, ele declarou que era de fato o Messias, o enviado de Deus. Ele deu um passo adiante para revelar a todos o que já havia declarado em muitas ocasiões. Ele era, é o Filho de Deus e ele seria aquele a quem eles teriam que responder.

Lembro-me de uma conversa interessante que tive com um Imam da seita Amaddiyan do Islã. Ele estava muito preocupado em provar que Jesus era apenas mais um profeta, que Jesus era o sucessor de Elias. Muitas tentativas foram feitas para apoiar esta ideia. Respondi a cada um com a mesma ideia de que Jesus não era apenas um sucessor, mas muito mais. Essa conversa durou quase uma hora. A essa altura, já tínhamos uma multidão nos ouvindo. Eles queriam ouvir o que o missionário e o Imam tinham a dizer. Finalmente eu disse que era minha vez de fazer uma pergunta. Ele concordou. Minha pergunta era simples. O que aconteceu com o corpo? Se Jesus era apenas um homem, por que os sacerdotes, fariseus e autoridades romanas não encontraram o corpo e simplesmente o mostraram a todos? Eles não tinham toda a autoridade? Eles não tinham todas as finanças necessárias? Eles não tinham o desejo de fazê-lo? Ele concordou com todos esses pontos. Então eu repeti, por que eles não poderiam produzir o corpo?

Neste ponto, o Imam decidiu que tinha outras coisas para fazer. Ele escolheu não responder à pergunta porque tratava da verdade da ressurreição. A verdade de que Jesus não era apenas um homem, não apenas um profeta, não apenas um grande mestre. Ele era/é muito mais. Ele é o Filho de Deus. Ele é Deus.

Caifás seguiu o caminho de um tolo. Ele não queria enfrentar a verdade e tentou todos os métodos possíveis para evitar lidar com a verdade. Não importava o quanto ele torcesse e alterasse. Não importava o que ele teria que fazer. Ele não queria enfrentar a verdade e, portanto, a consequência de admitir sua vida era, de fato, uma mentira.

Isso é o que o pecado faz conosco. Faz-nos tolos ao nos convencer a acreditar em uma mentira e depois viver a mentira; acreditar que sabemos o que é certo, acreditar que somos boas pessoas, acreditar que não precisamos de ajuda, não precisamos ser perdoados. Jesus veio para revelar a verdade e colocar claramente diante de nós os fatos e as consequências de nossa tolice. Jesus é a verdade e nos tornamos tolos quando nos recusamos a ver isso e colheremos as consequências que sempre seguem um tolo.

Escolha devemos. Existem apenas duas opções - ver a verdade ou continuar no caminho de um tolo. Essa foi a verdadeira questão que Caifás enfrentou no dia em que se apresentou diante de Jesus. Não era Jesus quem estava sendo julgado naquela manhã de sexta-feira. Foi Caifás e todos aqueles com ele que escolheram obedecer às suas próprias mentiras e não à verdade viva que lhes foi revelada. Eles

estavam se defendendo e fazendo isso horrivelmente. Cada desafio, cada tentativa de perverter essa verdade, martelava o julgamento do tolo naquele dia.

Cada um de nós será obrigado a comparecer neste tribunal. Cada um de nós precisará decidir se tentaremos defender a nós mesmos e nosso comportamento tolo e assim continuar sendo tolos, ou confessar a verdade que fomos tolos e que somente em nome de Jesus, o único nome debaixo do céu que pode nos salvar, podemos ser resgatados da vida de um tolo. Só então podemos ver a verdade do nosso pecado e deixar para trás a vida de um tolo.

BS – Leia as seguintes Escrituras Salmos 14:1; Provérbios 15:14; 18:2; 26:11; 28:26; Eclesiastes 10:12-14; Isaías 32:6. O que você pode aprender sobre a maneira como um tolo pensa e age? Por que essas palavras são verdadeiras para todas as pessoas que você conhece, incluindo você mesmo? Como um relacionamento pessoal com Deus ajuda uma pessoa a não mais andar no caminho de um tolo?

PR – Escreva sua própria definição de tolo e como eles vivem? Você já fez alguma coisa que resultou em você ser um tolo? Se uma das partes principais da definição da palavra tolo é negar a verdade, então todos nós vivemos a vida de um tolo. Olhe para sua vida hoje. Existem áreas que sugerem que você está agindo como um tolo? Você está negando o que Deus lhe diz ser verdade e evitando viver de acordo com essa verdade? Você já tentou defender suas ações mesmo sabendo que elas envolviam negar a palavra de Deus, a verdade?

MT – A palavra tolo é uma palavra muito forte. A Bíblia nos aconselha a ter muito cuidado em como a usamos. Pode afetar a forma como vemos as pessoas ao nosso redor, como vemos sua cultura e, portanto, como nos relacionamos com elas. A Bíblia não define ser um tolo como sendo diferente. Um dos perigos no ministério transcultural é julgar as pessoas como tolas porque são diferentes ou não fazem coisas que maneira que fazemos. Reflita sobre como você responde às diferenças que encontra na vida das pessoas que conhece de uma cultura ou origem diferente. Quantas vezes você acha que o que eles estão fazendo é tolice ou são tolos por agir dessa maneira? Como isso afeta sua capacidade de aceitá-los e ser aceito por eles? Como isso afetaria a maneira como você compartilha o evangelho com eles?

Paixão 57 - A negação vem de muitas formas

Mateus 26:69-75 (Mc 14:66-72; Lc 22:54-65; Jo 18:15-18,25-27)

Depois de negar o Senhor o galo canta.

A negação de Deus e de seu Filho Jesus vem de muitas formas. Pedro havia negado seu relacionamento com Jesus antes de se encontrar na corte do sumo sacerdote e negar qualquer relacionamento com seu mestre. Em certo sentido, Pedro negou Jesus três vezes, duas delas antes de entrar no tribunal e assistir ao julgamento de Jesus, e ali, quando confrontado sobre seu relacionamento com Jesus, ele repetiu sua negação três vezes. Três eventos com cinco declarações de negação.

A primeira foi no jardim. Essa negação teve dois aspectos. A chave foi quando ele escolheu fugir e evitar se conectar com Jesus e correr o risco de ser preso. Isso foi para evitar danos pessoais. Isso foi precedido pelo ataque ao servo do padre, o que seria uma forma de negação. Negação de que Jesus tinha o poder de assumir o controle. Negação de que Jesus sabia o que estava acontecendo e estava no controle. Foi um ato tolo e envolveu uma negação da situação. Isso forçou Jesus a agir ou arriscar que todos aqueles

com ele fossem capturados também. Também despertou medo e negação no resto do grupo. Todos eles correram e apenas um recuperou o controle e seguiu Jesus até a cova dos leões.

Podemos interpretar essa negação de duas maneiras.

1) Podemos olhar para isso como a negação que cada um de nós age todos os dias desde o dia em que nascemos ou, como alguns diriam, quando atingimos a idade da responsabilidade. Todos os dias pecamos e negamos a Deus. Pecamos e negamos a Deus como nosso criador e assim negamos a ele acesso como Pai e amigo. A ação de Peter para atacar é interessante. Ele não atacou os soldados romanos. Isso teria sido tolice e poderia ter resultado em uma resposta imediata dos soldados. Eles foram treinados que, se o inimigo atacar, você se defende e os mata para que eles não possam atacar novamente. Ele também não atacou a guarda do templo. Embora não tão altamente treinados quanto os romanos, eles teriam armas e nessa situação provavelmente teriam respondido. Mais uma vez, o resultado poderia ter sido desastroso. Não, Pedro atacou um servo. Uma pessoa que fazia parte da máfia. Essa pessoa provavelmente não tinha espada ou lança e era tão inexperiente quanto Pedro em seu uso. (Peter errou com seu ataque e cortou uma orelha).

A ação de Pedro não foi pensada. É difícil dizer o que ele estava pensando. Você tem soldados, guardas, membros do Sinédrio e uma multidão. Atacar dessa maneira não faz sentido, mas ainda assim ele fez. O pecado é assim. Estamos atacando a Deus, negando sua palavra e autoridade, negando toda a história que prova que o homem é pecador. Nossos atos de pecado não fazem sentido e ainda assim os fazemos de qualquer maneira. Agimos e depois corremos para nos esconder. Esperando que ninguém veja ou siga. É uma negação de Deus e uma negação da responsabilidade por nossas ações.

2) Também podemos pensar nisso como uma negação da autoridade e poder de Deus. Uma crença de que sabemos melhor do que Deus qual ação, qual resposta é melhor. Agimos como se Deus não estivesse prestando atenção e por isso precisamos fazer alguma coisa, qualquer coisa. Se eu seguir em frente, Deus terá que responder. Às vezes Deus nos diz para darmos passos de fé para que possamos ver o que ele preparou e, nesse caso, precisamos agir com fé. Mas a ação é baseada em instruções dadas sobre o que precisamos fazer. Nesse caso, não há instruções para atacar, nem instruções para proteger Jesus. Se Pedro estivesse ouvindo, teria percebido que Jesus estava no controle. Mas esta não era a resposta que Peter queria. Então ele agiu e negou Jesus como sua autoridade. Ele agiu e colocou todos eles em risco. Ele não ajudou os outros a aumentar sua fé, mas os fez ficar com medo. Com tanto medo, todos fugiram do local. Todos eles abandonaram Jesus. Todos eles negaram a verdade de que Jesus estava no controle. Eles rejeitaram tudo o que ele havia ensinado sobre o que iria acontecer.

Na verdade, enquanto revisamos essa situação, ambas as formas de negação estavam em ação neste evento – desobediência à lei de Deus e desrespeito por seu poder e autoridade. Embora Jesus estivesse claramente no controle: a multidão desmoronou uma vez na palavra de Jesus, eles ficaram congelados no lugar até que Jesus liberou seu controle e permitiu que eles o escoltem de volta a Jerusalém, Ele os fez parar enquanto curava o homem ferido. impediu a turba de prender ou atacar os discípulos.

Mas nossa negação de Deus bloqueia nossa visão de tudo o que está acontecendo e tudo o que Deus está fazendo. Sim, a primeira vez que Pedro negou seu Senhor foi no Jardim.

A segunda negação veio quando ele optou por não se identificar para os guardas e só teve acesso ao pátio do sumo sacerdote porque João falou em seu nome não porque ele escolheu se identificar com Jesus. Essa negação é sobre algo mais sutil. É evitar estar associado muito intimamente com Jesus.

Não está claro até onde ou quanto tempo Pedro correu depois de atacar o servo do sumo sacerdote. Mas em algum momento ele superou seu medo e percebeu que havia abandonado Jesus para a multidão e aqueles que queriam matá-lo. Ele recuperou coragem suficiente para se virar e encontrar o lugar onde Jesus estava sendo julgado. Demorou porque ele sentiu falta de estar presente na casa de Anás e só alcança Jesus na casa de Caifás. Ele ainda está hesitante. Ele chega ao portão, mas está relutante em entrar. Ele opta por não informar a ninguém que ele é um seguidor do homem em julgamento. Ele está novamente negando qualquer conhecimento de Jesus e qualquer relacionamento com ele. Ele está assumindo a aparência de um espectador curioso que quer saber o que está acontecendo, mas reluta em chegar muito perto.

Ao longo dos anos temos visto um fenômeno interessante. Quando as pessoas ouvem falar de tumultos e violência, em vez de fugir, elas se dirigem para o problema. Vimos isso em várias ocasiões na Guiana. Um ocorreu durante os dias após a eleição presidencial. Estávamos trabalhando na Escola Bíblica e começou um tumulto no quarteirão ao nosso lado. Como estávamos trabalhando nos andares superiores tínhamos uma visão clara do que estava acontecendo e podíamos ver pessoas vindo de vários locais para ver a comoção. Nenhum deles chegou perto demais, mas perto o suficiente para ver e ouvir. Em outra ocasião, a polícia prendeu vários fugitivos em uma casa a apenas dois quarteirões de nossa casa. Isso resultou em um tiroteio que durou pelo menos 2 horas. Morávamos no segundo andar de nossa casa. Não podíamos ver a casa onde foi o tiroteio, mas podíamos ver os movimentos das pessoas do nosso bairro. Eles correram em direção ao barulho com a esperança de ver alguma coisa, mas não estavam dispostos a chegar muito perto e se colocar em risco.

Em ambos os casos, as pessoas vieram para ver o que estava acontecendo. Eles chegaram perto o suficiente para observar, mas não quiseram chegar muito perto por medo de serem identificados como parte do problema. Eles não queriam arriscar se comprometer com um lado ou outro. Eles podem ter apoiado secretamente um dos grupos, mas não a ponto de realmente se identificarem com esse grupo e assim se colocarem em risco.

Quantas vezes agimos dessa maneira? Quantas pessoas vêm à igreja, mas não com a intenção de realmente se envolver, de se comprometer verdadeiramente? Eles vêm para ver o que está acontecendo, para ver se podem ser beneficiados de alguma forma. Eles participam de programas e eventos não pelo que podem fazer ou contribuir, mas pelo que podem ganhar. Eles podem não gostar do governo, mas ficarão na fila para receber comida grátis ou outros benefícios - apenas perto o suficiente, mas não estarão em perigo. Eles negam sua responsabilidade; negar seu apoio àqueles que estão realmente envolvidos ou em perigo.

Eu me pergunto o quão animado Pedro estava quando João o viu e falou com o guarda para deixá-lo entrar. Não está claro o que João disse, mas duvido que incluisse a informação de que Pedro era um seguidor do homem em julgamento. Talvez John tenha vindo até ele e Peter disse para não dizer quem eu sou. Então João disse ao guarda que Pedro era seu amigo e pediu permissão para Pedro entrar e esperar por ele. As perguntas que Peter encontrou deixam isso claro, pois as pessoas presentes não sabiam por que ele foi autorizado a entrar e o guarda não esclareceu as coisas quando Peter respondeu. Mesmo quando Pedro entrou, ele estava negando seu relacionamento com Jesus.

Somos muito iguais. Nós vamos trabalhar. Nos vamos à escola. Nós vamos à igreja, mas ninguém realmente conhece nosso relacionamento com Deus. Mesmo quando vamos à igreja, fazemos isso de uma maneira que não fará com que as pessoas se perguntem por que estamos indo à igreja. Vamos com frequência suficiente para parecermos interessados. Fazemos apenas o suficiente para nos beneficiarmos do que está acontecendo, mas não o suficiente para ser acusado de ser um seguidor. Negamos ter um relacionamento com Jesus. Somos como Pedro. De pé no portão, mas sem vontade de nos comprometer. E assim Pedro e nós, que seguimos seu exemplo, estamos negando o Senhor novamente.

A terceira negação vem quando Pedro é confrontado diretamente por várias pessoas sobre ser um seguidor de Jesus. (Ele repete essa negação três vezes). Desta vez não há lugar para correr. Ele deve confessar seu relacionamento com o homem em julgamento ou falar claramente sua negação desse relacionamento. Ele havia se gabado no passado de que morreria com Jesus. Suas jactâncias se mostraram vazias e a única saída foi negar qualquer relação com o homem em julgamento.

Talvez possamos desculpar o primeiro porque ele acabou de cometer um crime. Ele havia agredido uma pessoa. Hoje chamaríamos isso de agressão e agressão com intenção de cometer danos corporais. Muitas pessoas o viram fazer isso e se não fosse pela ação rápida de Jesus para curar a pessoa Pedro certamente teria sido capturado pelos guardas ou soldados. Para evitar isso, Pedro provavelmente se aproveitou do choque que ocorreu quando a orelha do homem foi religado para fugir da cena como o resto dos discípulos.

O segundo poderia ser desculpado com base no fato de que ele não sabia exatamente o que fazer ou como obter acesso. Era a casa dos sumos sacerdotes e ele não havia sido convidado e não tinha autoridade para entrar. Então, por que eles deveriam deixá-lo entrar? Além disso, a pessoa que ele atacou estava lá dentro. Mais simples ficar do lado de fora e não dizer nada. Uma negação silenciosa do relacionamento.

Mas o terceiro foi flagrante. Ele estava claramente com medo de admitir seu relacionamento com Jesus. Eles o viram e acreditaram que ele era um seguidor. Um até sugeriu que ele o tinha visto no jardim. Três vezes ele negou com ousadia e (no final) com veemência qualquer relacionamento com o homem em julgamento. Pedro estava no acampamento do inimigo e estava com medo. Toda a sua ostentação. Toda a sua postura não significava nada. É fácil se gabar e fazer promessas extravagantes quando está com seus amigos e o mestre; alguém que claramente tinha o poder de protegê-lo de sua própria tolice. Mas agora ele estava com medo. Aquele de quem ele dependia para proteção e orientação estava sendo julgado. Ele estava sozinho e o resto estava, na melhor das hipóteses, desinteressado em sua situação e, na pior, pronto para entregá-lo aos seus inimigos. Peter só podia ver o pior acontecendo. E assim ele negou seu relacionamento com Jesus. Ele se salvou e deixou o Senhor morrer.

Mas do que ele se salvou? Morte? Eventualmente, ele morreria de qualquer maneira. Do ridículo? Difícil saber. Mas é possível. Se Pedro acreditava que tudo estava perdido, então era sábio se desassociar de Jesus e se proteger e evitar ser ridicularizado por seguir tal homem, do sofrimento? Difícil de dizer. Se Jesus não sobrevivesse, Pedro e os outros poderiam facilmente ser alvos de todos aqueles que se sentiram abandonados por Jesus. Eles podem atacá-lo por não proteger Jesus. Por não agir para salvá-lo. Seu fracasso significava que eles perderiam todos os benefícios que Jesus representava. Eles o fariam pagar e ele sofreria.

Não há nenhuma indicação clara do que estava passando pela mente de Pedro. O que está claro é que ele estava com medo e para se proteger optou por negar seu relacionamento. Ainda mais, ele fez isso com veemência e xingamentos. Como eles poderiam pensar uma coisa dessas.

Todos os dias há pessoas na igreja, até mesmo eu, que por uma razão ou outra optam por não confirmar nosso relacionamento com Jesus. Negamos este fato. Fazemos isso por conveniência, por medo, por autopreservação e muitas outras razões. Todos eles para evitar que outros saibam sobre nosso relacionamento e nos façam sofrer por nossa fé. Fazemos isso quando não falamos para falar aos outros sobre Jesus. Fazemos isso quando nos fazem perguntas que revelariam nosso relacionamento e escolhemos evitar dizer a verdade. Às vezes é fácil negar e outras vezes devemos jurar e agir de forma pecaminosa para convencê-los de nosso não relacionamento. Como fazemos isso não é importante. O fato é que negamos verbalmente nosso relacionamento com Deus e abandonamos Jesus na cruz.

Sim, Pedro negou o Senhor. Ele fez isso três vezes e na terceira vez repetiu a negação três vezes para deixar claro o ponto. Então o galo cantou e a vergonha caiu sobre Pedro. Toda a sua fanfarrone, jactância e blefe caíram sobre ele e ele fugiu mais uma vez. Fugiu para chorar de vergonha pelo que tinha feito.

Os olhos de Pedro se abriram e ele percebeu a profundidade de seu pecado e seu fracasso. Ele soluçou. Seu corpo atormentado com a profundidade de sua perversidade. Ele havia abandonado o único que tinha a verdade que poderia salvá-lo. No entanto, neste momento de realização, ele foi mudado. Ao contrário de Judas que foi e se enforcou, Pedro permaneceu. Em algum lugar em sua dor, ele sabia que havia esperança de que o que havia feito pudesse ser corrigido. Ele fugiu da casa de Caifás, mas não abandonou toda a esperança. Ele chorou por sua negação e abriu a porta para a verdade.

Que cada um de nós ouça o canto do galo. Que nossas mentes sejam iluminadas com a natureza de nossa negação. Que possamos ver claramente a face do Senhor e escolher revelar a todos nosso relacionamento. Que possamos enfrentar nossa negação e abrir a porta para a verdade e restauração através dessa verdade. Não somos dignos, mas somos amados e Ele nos restaurará se formos honestos sobre nossa negação.

BS – Leia as seguintes escrituras Tito 1:16; 1 Timóteo 3:1-5; Mateus 7:21; Isaías 48:1. Explique o que esses versículos têm a dizer sobre como as pessoas negam a Deus.

PR – Reflita sobre os três tipos de negação descritos acima. Como você tem negado Jesus em sua vida? Como isso afetou você e as pessoas ao seu redor? O que será necessário para se recuperar dos efeitos de tal negação?

MT – Um dos ambientes mais perigosos para confessar a fé em Jesus é quando se vive entre pessoas de outra religião ou fé. Considere o que será necessário para uma pessoa declarar sua fé sem incorrer na inimizade e raiva daqueles que rejeitam o cristianismo, às vezes com violência. Quais são os riscos envolvidos em proclamar sua fé? Quais são os riscos de negar sua fé?

Paixão 58 - Verdade Perdida

Mateus 27:1-26 (Marcos 15:1-15; Lucas 23:1-24; João 18:28-19:16)

Quão muitas mentiras são necessárias para derrotar a verdade?

Quanto medo é necessário para ignorar a verdade?

Os fariseus realizaram sua pequena reunião. Eles fizeram tudo o que podiam para que Jesus cometesse um erro e, no entanto, falharam. Eles acabaram usando a verdade e empregando uma lei para fazer suas mentiras parecerem a verdade. Na verdade, eu me pergunto o que eles teriam dito à figura humana que apareceu a Abraão que afirmava ser Deus. Como eles teriam respondido às várias aparições do anjo do Senhor que muitos acreditavam serem aparições de Deus? Jesus afirmou que eles teriam matado os profetas assim como seus pais fizeram. Mas eu discordo.

Eles realizaram sua reunião, mas ainda não podem realizar seu desejo de acabar com a vida de Jesus. Apesar de todas as suas posturas e ameaças, eles não têm autoridade para executar a sentença de morte. Se o fizessem, violariam a lei romana e estariam sujeitos à pena de morte.

Então, mais uma vez, eles têm que mentir e terão que fazê-lo de maneira convincente, porque a pessoa que tem autoridade para cumprir uma sentença de morte não tem amor por esses líderes. Eles são um incômodo e ele teve muitos problemas com eles. Muitos conflitos que se tornaram sangrentos por causa das crenças religiosas. Ele não ficará feliz em vê-los e ainda menos disposto a fazer o que eles desejam.

Eles chegam ao tribunal, mas se recusam a entrar. Fazer isso seria se contaminar. Eles correm o risco de ofender Pilatos, enquanto se fazem parecer justos e ao mesmo tempo mentem e se pervertem por causa de seu ciúme e ódio pela única pessoa boa entre eles. Eles terão que se tornar desprezíveis e ainda parecer justos para conseguir o que querem de Pilatos.

A primeira rodada começa com uma mentira. Essa é a única opção que eles têm. Pilatos diz a eles para lidar com isso eles mesmos e está pronto para ir embora quando eles dizem que Jesus se chama rei. Isso chama a atenção do Pilates e temos a primeira entrevista. Pilatos é rápido em ver que Jesus não é uma ameaça para ele ou para Roma. No entanto, ele está intrigado com a ideia de que esse homem possa ser um rei. Ele entende corretamente que se Jesus fosse um rei no sentido tradicional, haveria um problema. Ele também percebe que Jesus não está promovendo o que os líderes estão reivindicando. Isso leva a uma breve discussão sobre a verdade. Pilatos fica fascinado e perplexo, mas vê a verdade da situação. Ele tenta libertar Jesus.

Os líderes começam a segunda rodada, mas é adiada quando Jesus é enviado a Herodes. Herodes ouviu falar de Jesus, mas está mais interessado em ver um milagre do que em aprender a verdade. Mais uma vez ele vê a verdade da situação. Sua agressão a Jesus não é punir um criminoso, mas atacar alguém que não está respondendo adequadamente a um homem de sua posição e poder. Novamente nenhuma sentença, mas a realidade de que Jesus é inocente das mentiras das quais os líderes o acusam.

De volta a Pilatos e terceira rodada. Esta rodada toma algumas voltas estranhas. Ele tenta novamente libertar Jesus e, em vez disso, os líderes pedem a libertação de Barrabás, um criminoso conhecido. Ele realmente não quer libertar Barrabás porque ele é culpado e inimigo de Roma. Então ele tem Jesus batido. Enquanto está sentado na cadeira do julgamento, sua esposa aparece. Isso é incomum e sua

mensagem também. Ela teve uma visão sobre o homem que seu marido está batendo. Isso sacode Pilatos e ele novamente tenta libertar Jesus.

A quarta rodada começa com Pilatos apresentando Jesus à multidão. Eles respondem gritando “crucifica-o”. É como golpes de martelo direcionados a ele. Ele está tentando libertar um homem bom e a multidão está tentando matá-lo. Isso está para trás. Então eles batem nele ainda mais e ouvimos a verdade pela primeira vez neste processo. “Ele afirma ser o Filho de Deus e nossa lei diz que ele deve morrer.” Mais uma vez Pilatos fala com Jesus e mais verdade é dada. Pilatos pensa que está no controle, mas Jesus sabe a verdade. Pilatos não é e não vencerá esta batalha. Jesus pronuncia o julgamento. Pilatos se renderá e será culpado de pecado, mas não tanto quanto aqueles de fora que estão mentindo e agindo vilmente em nome de, bem, não em nome de Deus.

Quinto round e Pilatos está desesperado para libertar Jesus. Ele entende claramente a culpa que está diante dele. Ele já matou muitos inocentes. Toda a sua maldade é revelada com grande clareza. Ele está frenético em seu esforço para conquistar a multidão, mas não será e eles anunciam a todos que o trairão diante de César. Se ele soltar Jesus, eles farão o que for preciso para parecer que ele está se opondo a César e responsável pelos tumultos e qualquer outra coisa que dê errado. Para solidificar ainda mais sua disposição de mentir e arruinar Pilatos, eles mentem e afirmam que não têm rei senão César.

Rodada final. Pilatos perdeu. Ele sabe a verdade, mas está preso pelo medo de que suas mentiras sejam acreditadas. Ele pronuncia o julgamento. Jesus deve ser crucificado, mas ele tenta cobrir sua culpa dizendo que Jesus é inocente. Eles o forçaram a matar um homem inocente. A verdade foi perdida e para no momento em que todas as mentiras venceram.

Os líderes mentiram repetidamente para enterrar a verdade. Eles intimidaram e ameaçaram até que a pessoa responsável recuasse por medo de que suas mentiras fossem ouvidas e acreditadas como verdade. Foram necessários esforços repetidos para enterrar a verdade e criar o medo necessário para que isso acontecesse. A partir desses eventos, pode-se pensar que é difícil negar a verdade, difícil criar o tipo de medo necessário para negar a verdade para se proteger. Ah, mas isso está tão longe da verdade.

Este dia a batalha foi extrema. Eles estavam lidando com o autor da verdade. E se esse autor tivesse escolhido responder eles não teriam vencido. No jardim, Jesus repreendeu o ataque de Pedro ao servo. Ele deixou claro que poderia chamar uma legião de anjos para protegê-lo e salvá-lo. Mas isso não nos teria salvado de nossa negação da verdade, de nosso pecado que por sua própria natureza procura destruir a verdade. Sim, essa pequena mentira branca, esse pensamento secreto, esse ódio oculto de uma pessoa. Todos eles destroem a verdade e nos impedem de tomar a decisão certa e ouvir a verdade.

Na verdade, é muito mais difícil ouvir a verdade do que enterrá-la.

Deixe-me lhe dar um exemplo. Você já ouviu a frase “vender sua alma ao diabo?” A maioria das pessoas fala sobre isso quando vê um grande mal vencendo. Ou uma pessoa perversa vivendo uma vida fácil. A ideia é que essa pessoa deve ter vendido sua alma a Satanás. Na verdade isso é mentira. Todos que vivem em pecado já fazem parte do reino de Satanás. Sua alma já está perdida e você não pode fazer nada para mudar o estado em que ela passará a eternidade. Mas precisamos mudar de direção aqui.

Seria fácil continuar com essa linha de pensamento de como o impacto do pecado funciona para enterrar a verdade. Em vez disso, vamos olhar para o poder da verdade a ser revelada, não importa o

que o pecado tente fazer. Essa era a missão de Jesus. Ele falou dessa possibilidade no início de seu ministério. Ele os fez saber em várias ocasiões que haveria opressão e eles teriam que escolher como responder. Ele também lhes disse para não se preocuparem com o que diriam quando confrontados com tais situações. O Espírito Santo estaria lá para guiá-los e fortalecê-los.

Aqui estão alguns dos pensamentos de Jesus. No Sermão da Montanha, ele disse bem-aventurados aqueles que são injuriados e atacados por minha causa, por causa da verdade (Mt 5:11). É assim que a humanidade sempre tratou aqueles que falam a verdade. E, no entanto, não importa o quanto eles tenham tentado silenciar a verdade, eles sempre falharam. A verdade de Deus vive e no meio do ataque as pessoas são tocadas e mudadas.

Ele avisa que eles serão atacados por causa dele e seu relacionamento com ele e a verdade. O povo rejeitará a verdade e atacará qualquer um que procure seguir a verdade. Serão traídos, até mortos, mas ganharão a vida permanecendo firmes (Lc 21,16-19). Pouco antes desse aviso e promessa, ele diz aos discípulos que eles não precisam se preocupar em como vão se defender. Eles receberão palavras que ninguém pode resistir ou contradizer (v. 15).

Em sua oração final, Jesus novamente se concentra na realidade de que o mundo odiará a verdade e seus discípulos porque eles se atrevem a seguir essa verdade. O que é interessante também é como ele ora por eles. Ele não ora para que sejam salvos dos ataques de outros ou que escapem desses ataques. Em vez disso, ele ora para que sejam protegidos do maligno (João 17:14-15).

Agora precisamos retornar à passagem. Repetidamente fica claro que Jesus é inocente de todas as acusações. Ele é a verdade e eles se recusam a aceitá-la. Mas seus ataques apenas aumentam a realidade da verdade. Pilatos é profundamente afetado pelas declarações que revelam a verdade. Jesus é um rei, mas como nunca antes visto. Ele procura governar algo muito maior do que um reino terreno. Ele procura proclamar uma riqueza muito além do que o mundo tem a oferecer. Seu reino conectará toda a humanidade de uma maneira que não é possível pelo governo terreno. Pilatos vê que este rei não é uma ameaça para Roma no sentido normal. Na verdade, a ameaça é muito mais profunda. (Três séculos depois, Roma é conquistada, não pelos poderes militares, mas pela verdade revelada em amor por meio de todos aqueles que se recusaram a negar a verdade e pagaram com suas vidas.) A verdade é: Jesus é o Rei Único e Ele governará.

Pilatos é ainda mais impactado pela afirmação de que Jesus afirma ser o Filho de Deus. Para um romano, esta é uma situação potencialmente perigosa. Eles têm muitas histórias de deuses descendo para caminhar entre os homens. A maioria das histórias termina mal quando os humanos desconfiam e maltratam os deuses em sua forma humana. Então, novamente Pilatos entra em uma discussão com Jesus. Ele quer saber de onde Jesus vem. Ele está confuso com a recusa de Jesus em responder. Ele finalmente, em frustração ou tentativa de forçar a questão, ameaça esse deus em forma humana. A resposta de Jesus é inesperada e aumenta o medo de Pilatos. "Você não teria poder sobre mim se não tivesse sido dado a você de cima." A segunda declaração sela a condenação de Pilatos. Basicamente é que "você é culpado, mas não tão culpado quanto aqueles que me entregaram a você".

Os piores medos de Pilatos estão à mão. Ele está na presença de Deus. Mas este não é um deus romano caprichoso e imprevisível. Essa pessoa tem controle total. Essa pessoa sabe exatamente o que está acontecendo. Pilatos está preso e, embora tente sair da armadilha, não consegue. Em última análise, ele está mais preocupado com sua existência futura neste mundo do que com sua existência futura na

eternidade. Mas o ponto é feito e feito muito profundamente. Este homem é Deus e Ele está no controle e Ele sabe a verdade sobre tudo o que está acontecendo. Verdade dois: Jesus é Deus e todos serão responsabilizados pelo papel que desempenharem neste evento. Isso inclui cada um de nós. Todos nós pecamos. Todos nós seguimos nosso próprio caminho, negando a verdade.

Estas são as únicas duas vezes que Jesus fala em relação ao seu julgamento. No entanto, ele fala muito por sua recusa em responder a qualquer uma das mentiras. Ele não precisa falar. No momento em que são proferidas, todos sabem que são mentiras. Era uma das profecias. Ele seria levado como um cordeiro ao matadouro e não diria nada (Isaías 53:7). Seu silêncio grita a verdade. Após a ressurreição, os fariseus e os líderes religiosos fizeram tudo o que podiam para silenciar os apóstolos. Não foi possível. O mundo ouviu as mentiras e viu a resposta. Eles ouviram as palavras de perdão da cruz. A decisão de Jesus de não responder apenas ampliou a verdade. Estêvão ecoaria essa ação e essas palavras e finalmente alcançaria a alma torturada de Saulo. Saulo veria a verdade que ele estava lutando desesperadamente para negá-la.

Agora é hora de revermos nossas vidas. Como lidamos com mentiras, maus-tratos e até ataques por seguir a verdade? Não pode ser evitado. Sempre haverá alguém que não quer saber a verdade e nossa presença, nossa relação com a verdade, pode revelar o quanto eles estão errados. A única solução é atacar, destruir, para que não tenham que lidar com quem realmente são.

Algumas das maiores histórias são as histórias dos mártires, daqueles que sofreram por sua fé e o impacto que teve sobre aqueles que viram como foram tratados e, mais importante, como responderam. Jesus respondeu apenas para proclamar peças-chave da verdade. O resto ele aceitou em silêncio, sabendo que quando tudo acabasse tornaria a verdade ainda mais clara e mais acessível aos outros.

Este deve ser o foco de nossas vidas. Não é sobre o quanto podemos ou não sofrer. É sobre como tudo em nossas vidas deve tornar a verdade mais clara e mais acessível para aqueles que tocamos.

BS – Leia Filipenses 1:12-20. Agora encontre pelo menos duas outras passagens nas cartas de Paulo, Pedro e João que falam sobre sofrer pela verdade e viver para Cristo. Escreva uma declaração que explique a função e os resultados do sofrimento pela verdade e por que não devemos temê-lo.

PR – O que faria alguém te odiar? Você foi odiado, maltratado ou evitado por causa de seu testemunho de que é cristão? Sua resposta foi de tal forma que as pessoas pudessem ver as ações de Jesus refletidas em você? Se não, reflita se as pessoas ao seu redor realmente sabem sobre sua fé em Cristo.

MT – Encontre uma história sobre um mártir ou alguém que sofreu por sua fé. Qual foi o resultado do preço que pagaram? Pense no que constitui sofrimento. Trata-se apenas de dor física e morte? É apenas sobre rejeição e abuso? Jesus deixou sua casa, deu Sua vida e poder no céu para viver entre nós. Paulo desistiu de sua posição e poder. Ele deixou sua família e sua casa. A perda é um aspecto fundamental do sofrimento. O que está sendo perdido e o que está sendo ganho quando buscamos proclamar a verdade onde Deus nos envia?

Paixão 59 - Deixe o show começar

Lucas 23:6-12

Em todos os lugares que nos voltamos nesta história, alguém quer experimentar algo especial. Todos querem uma prova definitiva de que Jesus é quem diz ser. Eles querem algo que defina claramente para eles o que eles devem fazer e esperar do milagreiro, profeta e professor que causou tanto alvoroço nos últimos três anos. Herodes não é diferente. Ele ouviu e se perguntou e esperou o dia em que poderia encontrar Jesus e talvez, apenas talvez ver um milagre.

Todos eles querem um milagre, seja para confirmar e ancorar sua crença ou para ajudá-los na decisão de seguir Jesus ou...

Para obter o controle dos outros através da influência que eles acreditam ter na fonte desse poder. Herodes representa o 'ou' Um 'ou' que se concentra em um perigo que pode alterar e danificar rapidamente o evangelho. Mas antes de entrarmos nisso, vamos olhar para a história.

Herodes é o rei de uma parte do antigo reino de Israel. Ele foi dividido em várias seções. Conhecemos três deles muito bem pelas informações que nos são dadas nos evangelhos. Jesus é de Nazaré que fica no norte e faz parte da área que Herodes governa. Em t o meio é a área que conhecemos como Samaria. No sul é uma área administrada pelos romanos. Há uma outra área que é mencionada apenas brevemente e esta é a área a leste do rio Jordão, no sul. É governado por um parente de Herodes. Ao mesmo tempo, todos eles faziam parte de um reino governado por Herodes, o Grande. Na sua morte, seu reino foi dividido em quatro áreas. Apenas Herodes mantém o título de rei, mas apenas com a permissão dos romanos.

Este é o mesmo Herodes que prendeu João Batista por denunciar o casamento de Herodes com a esposa de seu irmão como adultério. Mesmo assim, Herodes temia João e nos dizem que muitas vezes falava com João. Foi apenas durante uma orgia bêbada e uma promessa tola que John foi finalmente decapitado. Este ato deixou Herodes em uma posição perigosa porque o povo respeitava João e tinha pouco amor por seu rei tolo.

Este também é o Herodes que estava procurando por Jesus. Ele tinha ouvido falar sobre os milagres e se perguntou se João havia ressuscitado dos mortos. Se assim for, este milagreiro precisava ser vigiado e restringido. Ele ficou fascinado com o que ouviu e com medo de que outro profeta começasse a atacá-lo e causar rebelião contra sua autoridade. A primeira vez que Herodes procurou encontrar Jesus, Jesus saiu e foi para uma área mais segura, a do irmão de Herodes. Mais tarde, Jesus seria avisado de que Herodes o procurava novamente. Desta vez, Jesus declarou corajosamente para onde estava indo. Jesus estava a caminho de Jerusalém e Herodes não teria permissão para interferir no plano.

Agora pule além do evento atual para o fim da vida de Herodes. Jesus foi crucificado e os apóstolos estão pregando a ressurreição de Jesus para todos que quiserem ouvir. Herodes tem ouvido falar da frustração dos sacerdotes e suas tentativas de silenciar os apóstolos. Ele vê uma oportunidade de se tornar querido pela liderança e aumentar a autoridade e o prestígio junto aos sacerdotes. Então ele prende James e o mata. Isso emociona os líderes, mas não tem impacto significativo na atividade dos apóstolos. (Atos 12:1-4)

Há uma última informação que temos sobre Herodes. Ele está em sua sala do trono e envolvido em receber uma delegação comercial. Ele faz um discurso e a delegação começou a proclamar que suas palavras são as de um deus. Herodes, em seu orgulho, deleita-se com este elogio, contra o melhor julgamento dos outros e em oposição a tudo o que seus súditos judeus acreditam (para eles, há apenas

um Deus e não é Herodes). O julgamento recai sobre Herodes do Deus verdadeiro e ele morre de uma morte horrível. (Atos 12:19-24)

Agora, de volta à história em questão. Quando Pilatos envia Jesus a Herodes, ele finalmente tem a oportunidade de verificar se Jesus é João. Ele também quer se satisfazer com a veracidade das histórias sobre o milagreiro. Como muitos de nós, ele é fascinado por eles, mas nunca testemunhou um milagre. Ele quer ver um por si mesmo e presume que, como rei de uma parte do antigo reino de Israel, ele tem o direito de solicitar, não exigir, um milagre dessa pessoa, que é tecnicamente seu súdito. Não era para ser e por raiva e frustração, ou na tentativa de humilhar Jesus para agir, o rei ordena que seus guardas vistam Jesus como um rei e zombem dele. Finalmente, ele bate em Jesus e o envia de volta a Pilatos.

Mas esta não foi a primeira vez que Jesus foi solicitado a realizar um milagre e provar suas afirmações. Nem seria o último. Como visto anteriormente, ele foi desafiado pelo sumo sacerdote e pelo Sinédrio a fornecer provas de suas alegações. Durante um intervalo no julgamento, os guardas vendaram os olhos de Jesus e exigiram que ele adivinhasse/dizer quem o havia atingido. Mais tarde, na cruz, ele seria desafiado a provar a si mesmo realizando o maior milagre de se salvar e parar sua própria crucificação.

Que espetáculo teria sido se ele tivesse atuado como as pessoas esperavam, e até exigiam, daquele que seria o Salvador do mundo. Essa seria a verdadeira evidência que eles desejavam daquele que eles acreditavam que os levaria a novos patamares de poder e prosperidade. Esse seria o show que eles queriam, de um rei que poderia controlar seus inimigos com uma palavra, um olhar, até um sussurro. Eles queriam um show que silenciasse o mundo e o deixasse de joelhos.

Herodes queria um show privado. Mas o que ele teria feito se Jesus tivesse, de fato, realizado um milagre? Ele estaria disposto a entregar seu trono a Jesus? Os guardas queriam um show. Um show onde eles tinham o controle. O que teria acontecido se ele tivesse dito a eles quem o atingiu? Eles teriam se curvado em adoração e o protegido do Sinédrio e daqueles que queriam sua morte? O que teria acontecido se Jesus tivesse descido da cruz? Os líderes teriam se curvado? As autoridades romanas fugiriam e desistiriam de seu poder e controle de seu vasto reino?

O problema com isso é que um milagre, uma resposta correta, uma demonstração de poder nunca seria suficiente. Herodes teria desejado outro milagre e ainda outro e ainda se ressentiria de ceder sua posição a qualquer um. Os guardas veriam uma resposta certa como um palpite de sorte. Seria preciso uma sequência perfeita de respostas e então eles não adorariam a Jesus, mas ficariam com medo. Eles não seriam libertos de seus pecados, mas forçados a um medo mais profundo do que Jesus poderia revelar sobre eles e seus pensamentos. Isso seria ainda mais evidente na vida dos fariseus, escribas, saduceus e das pessoas que eram os líderes. Eles já estavam cheios de ódio pelo que Jesus estava revelando sobre eles e sua existência egoísta e egocêntrica.

Quanto aos romanos, nada em sua história sugere remotamente que eles teriam desistido voluntariamente de uma terra e de um povo que conquistaram e fizeram parte do grande Império Romano. Os impérios não recuam por causa de um messias local, uma maravilha local. Eles podem ter recuado no momento, mas teriam se reorganizado rapidamente e retornado com força para recuperar a terra, para recuperar seu poder.

Se Jesus tivesse respondido a uma das exigências que fez para uma demonstração de poder para o espanto dos espectadores, aquele espetáculo, uma vez iniciado, precisaria ser continuado e ampliado

dia a dia. Teria que crescer para atender às demandas e ataques cada vez maiores daqueles que queriam fazer parte do show, ou queriam ganhar o controle do show. A expectativa seria simples. Todos esperariam, ou teriam o direito de, um milagre. O resultado disso seria que cada dia exigiria maiores demonstrações de poder para derrotar o ataque dos inimigos e lidar com a fome de poder de ambos os lados que agora acreditariam na necessidade de conquistar. Um, para conquistar outros para expandir o reino agora criado por este messias, o outro para conquistar este novo reino a fim de obter controle pessoal sobre ele e assim se beneficiar pessoalmente de seu controle do poder que essa pessoa agora exibia para todos verem.

Este é o caminho do milagre. Um milagre nunca será suficiente.

As pessoas vão dobrar os joelhos pelo motivo errado; não porque amam seu rei, mas por causa do que esperam ganhar de seu rei. Eles não dobrarão os joelhos por causa do desejo de servir, mas por causa da esperança de receber mais. Um reino baseado neste tipo de demonstração de poder nunca encontrará paz. Será preenchido com conflitos. Luta como cada membro luta pelo acesso ao rei, luta por protagonismo e pela possibilidade de ter mais um milagre, mais uma prova. Brigue como todos os que estão de fora lutam com os de dentro. Mesmo um déspota benevolente tem inimigos. Não importa o quanto você faça bem, quão bem você governa. Sempre haverá aqueles que querem o poder e farão o que for preciso para conquistá-lo.

Jesus sabia de tudo isso e escolheu um caminho diferente. Não haveria nenhum show público, nenhum milagre sob demanda, nenhuma evidência de tudo o que ele sabia sobre o homem, nenhuma evidência de que ele pudesse de fato fazer o mundo se curvar diante dele. Ele tomaria o caminho mais difícil e mais difícil. Ele cederia no momento para fazer algo ainda maior. Algo que mudaria a eternidade. Ele se submeteria à morte para que pudesse vencer a morte e revelar a verdadeira natureza do reino de Deus. A sua não foi uma conquista conquistada pela guerra, mas uma conquista conquistada pelo amor. Não o controle obtido por provas constantes para todos que pediram, mas um controle obtido pelo perdão, redefinindo a natureza da verdade. Não um reino baseado na conquista pelo poder que precisaria derrotar seus inimigos e causar muita morte, mas um reino ao qual as pessoas escolheriam se unir, pessoas que eram inimigas, pessoas de diversos grupos, pessoas de todas as classes e classes sociais.

Jesus se submeteu ao plano e mudou o campo de jogo. Ele mudou a dinâmica do que estava por vir. A guerra não seria ganhar poder sobre as pessoas, mas ganhar pessoas através da escolha pessoal e do amor.

Agora precisamos ver como proclamamos o evangelho. O que estamos dizendo às pessoas e que tipo de expectativas estamos criando com base em nossa mensagem? Estamos criando uma expectativa de milagres e demonstrações de poder? O que acontece quando proclamamos um evangelho que pode se tornar dependente de tais exibições e expectativas? O que fazemos é projetado para subornar as pessoas para o reino ou guiá-las?

Aqui está um exemplo do que me preocupa. Enquanto morávamos na Guiana, um grupo da igreja decidiu organizar uma cruzada evangelística. Eles convidaram uma pessoa conhecida como curandeira e pregaradora. Eles então começaram a alugar outdoors para anunciar a todas as partes o próximo evento. Os outdoors continham uma mensagem que me causou grande preocupação. Dizia: "Venha e receba seu milagre do evangelista. Venha e testemunhe milagres de cura e poder".

Isso causou uma das várias reações. Um grupo fez planos para vir porque queria cura ou outros milagres. Outro grupo zombou de tal afirmação e criticou abertamente tais afirmações. O terceiro grupo se perguntou o que tal anúncio realmente significava. Para mim, a mensagem causou preocupação sobre como tais afirmações impactariam a mensagem do evangelho. Se o evangelho se vinculou com sucesso recebendo um milagre, o que aconteceria no futuro se essa pessoa não recebesse um milagre cada vez que pedisse um? Todos que vieram em busca de um milagre realmente receberiam um ou apenas aqueles que tivessem fé suficiente ou estivessem prontos? Como os resultados limitados afetariam a resposta geral à mensagem do evangelho?

Ao rever a história da igreja primitiva, há duas coisas que são muito claras sobre a mensagem. Houve, de fato, muitos casos em que milagres estavam presentes durante a pregação do evangelho. Mas também noto que nenhum daqueles que estavam pregando o evangelho estava dizendo às pessoas que esperassem milagres. Os registros sugerem que eles não estavam vindo com a intenção de realizar milagres, mas com a intenção de pregar o evangelho. A presença de milagres parecia ser um reflexo de que Deus estava trabalhando em outro nível para apoiar a obediência daqueles que proclamavam a mensagem. Outro fato interessante é que nem sempre os milagres estavam presentes como parte do trabalho de evangelização.

Não há um padrão claro. Às vezes ocorre um milagre e as portas se abrem para um ministério e uma proclamação mais amplos. Outras vezes, as pessoas estão respondendo à mensagem e milagres ocorrem em resposta à fé que está sendo adquirida por meio dessa resposta. Há outras vezes em que o evangelho é pregado e não há milagres, e mesmo assim as pessoas respondem. Nunca há a ideia de que, porque o evangelho está sendo pregado, milagres são garantidos.

Há um tipo de milagre que está sempre presente e muitas vezes deturpado. É um milagre maior do que a cura de um corpo quebrado. É a restauração de uma alma quebrada. Esse milagre começa no momento da confissão e do perdão e leva a pessoa à eternidade. Todos os outros milagres são correções de curto prazo que têm um prazo limitado. Muitas vezes nos esquecemos de que a maioria dos milagres que buscamos funciona apenas por um tempo limitado. Voltaremos a ficar doentes. Em algum momento estaremos doentes e essa doença resultará em nossa morte.

Como você pode ver, tenho dúvidas sobre como relacionar a busca de um milagre com a apresentação do evangelho. Isso poderia facilmente abrir a porta para o próprio circo que Jesus evitou por não responder com poder. Um milagre pode exigir outro. Uma exibição de energia pode exigir maior uso de energia para manter o controle. Quando isso acontecer, as pessoas virão, não pelo evangelho, mas pelo milagre.

Isso significa que não há milagres? Absolutamente não! O que isso significa é que a decisão de quando e como permanece no tempo e controle de Deus. Não cabe a mim fazer promessas que Deus não está interessado em cumprir apenas para que eu possa me vangloriar e desfilar para todos verem.

Milagres não garantem fé. Quantas pessoas na multidão que clamava pela crucificação de Jesus foram benfeitores de um milagre ou viram aqueles que foram curados? Quantos estavam presentes quando Jesus alimentou os 5.000 e procurou torná-lo rei, apenas para ser avisado de que eles não estavam interessados em seguir a verdade, mas em encher suas barrigas? Quantas vezes os milagres são contraproducentes quando são procurados para conforto e benefício pessoal?

Paulo procurou ser curado e Deus disse "Não!" Deus disse a Paulo que ele deveria focar sua fé em outras áreas e receberia outros recursos para realizar a obra. Paulo disse a Timóteo para tomar um copo de vinho para seu problema de estômago, não um milagre de cura. No entanto, não nos é dito para evitar buscar a cura. Na verdade, Tiago nos encoraja a buscar as orações dos líderes quando estamos lutando. Uma coisa que fica clara é que a cura e a decisão de curar estão no controle de Deus, não nosso.

Seria muito mais fácil proclamar o evangelho se pudéssemos curar todos que vieram - Certo? Atrairia grandes multidões. Mas isso não garantiria o milagre mais importante, o do verdadeiro arrependimento e a cura de uma alma quebrada. A multidão de Israel recebeu um milagre diário por quarenta anos e ainda em muitas ocasiões eles escolheram esquecer o que Deus estava fazendo e exigiram mais. Eles foram rápidos em reclamar quando não conseguiram o que queriam. Esse egoísmo causou a morte de uma geração inteira. Em última análise, eles se esqueceram de Deus, procuraram outros deuses e seguiram seus desejos.

Às vezes não haverá milagres. Sem exibições de poder. Deus pedirá a nós e aos outros que o sirvamos, que confiemos nele e que continuemos a fazê-lo por meio de grande luta: continuar trabalhando para ajudar as pessoas a ver a verdade através de nossa fidelidade e confiança em seu amor, não porque podemos fazer sinais e maravilhas e para tornar a vida melhor e mais fácil. Este é o coração da passagem de Paulo sobre o amor. Podemos realizar todos os feitos incríveis que queremos, mas sem amor, os feitos incríveis não produzirão nada. Mas se vivermos uma vida de amor seremos capazes de produzir muito mais e não precisaremos de nenhuma demonstração incrível de poder e pirotecnia para que as pessoas vejam e entendam o verdadeiro milagre que Deus tem para todos que crêem.

Neste dia não haveria milagres, nem demonstrações de poder sob demanda - pelo menos não do tipo que eles estavam procurando. As pessoas, os líderes, até mesmo o rei não teriam permissão para escolher como e quando. Em vez disso, Deus realizaria um milagre maior que beneficiaria todos os que cressem.

Este milagre seria profundo em seu impacto na história total da humanidade. Seria tanto definido como definiria a eternidade e assim definiria o propósito e o valor de todos os milagres de todos os tipos. Isso definiria o propósito do evangelho e definiria o trabalho de todos os que serviriam ao evangelho e do salvador que escolhesse não realizar sob demanda.

Isso remonta à tentação de Jesus e à oferta de Satanás de colocar todas as nações aos pés de Jesus se ele se curvasse e o adorasse. Jesus recusou então, recusou agora e sempre se recusará a se submeter a qualquer um que tente negociar sua obediência com base em um milagre destinado a satisfazer suas necessidades, e nesse ato servir a eles e seus desejos. Essa decisão é básica para entender o que Deus está nos chamando para fazer, nos chamando para proclamar. Seria muito mais simples se ele fizesse apenas alguns milagres sob demanda. Mas não se trata apenas de Deus realizando milagres. Trata-se de fazer o que produzirá verdadeira fé, verdadeiro arrependimento, verdadeiros discípulos de Jesus. Se isso inclui um milagre que depende de Deus. Somos chamados a obedecer e demonstrar o evangelho por nossa obediência.

BS Leia 2 Reis 5:3-13. Leia a história de Naamã, um homem que foi em busca de um milagre. O que aconteceu com ele? Ele conseguiu o que esperava? Leia Mateus 16:2-6 e Lucas 11:29-32. Qual era a preocupação de Jesus nessas passagens? O que ele prometeu ao povo? Por que ele recusou um milagre e prometeu outro?

PR – Todos querem ver um verdadeiro milagre. Ainda mais todos gostariam de ser o destinatário de um milagre. E você. O que você quer? Como esse desejo afetaria seu relacionamento com Jesus e impactaria seu testemunho ao mundo? E se Deus escolhesse não lhe dar o milagre que você procurava, mas escolhesse fazer algo diferente? Como você responderia?

MT – Enquanto servíamos em uma parte remota de um país, vimos outra igreja enviar uma família para a mesma área. Eles chegaram com fardos de roupas, grandes quantidades de comida e outros bens. Eles prometeram compartilhar esses recursos com aqueles que iam à igreja. A igreja cresceu rapidamente, assim como a demanda por mais roupas e alimentos. Depois de alguns anos, o grupo responsável por enviar essa família decidiu transferi-los para outra área para fazer evangelismo. Em poucos meses a igreja foi abandonada. O que você acha que as pessoas aprenderam sobre Jesus que veio para salvar os homens de seus pecados? Pense em outras ações, promessas e atitudes que podem levar as pessoas a escolherem ser cristãs pelo motivo errado. Ao mesmo tempo, precisamos refletir sobre nossa responsabilidade de cuidar dos necessitados. Esta igreja considerou quais eram as verdadeiras necessidades do povo?

Passion 60 - A pior troca possível - ME

Mateus 27:15-26 (Marcos 15:6-15; Lucas 23:13-25; João 18:38-40)

A decisão não fazia sentido. Ele não era um bom homem. Ele representava tudo o que havia de errado com a situação. No entanto, ele foi livre e o bom homem estava para morrer. E ninguém protestou. Mesmo o responsável cedeu e cedeu para deixar um homem bom morrer no lugar de um homem mau.

Agora precisamos considerar a situação em questão. A multidão quer sangue. A multidão sempre quer sangue. Mas esse desejo é mantido sob controle pela regra social e pela cultura. Caso contrário, a sede de sangue poderia correr solta e muitos seriam feridos e até mortos. Neste dia, porém, as autoridades fazem todo o possível para remover as barreiras. Eles incitam a multidão, eles os cutucam, eles demonstram para que todos vejam o comportamento que eles querem, o comportamento que será aprovado neste dia. Eles querem que a sede de sangue aumente e a use para subverter a justiça e forçar o veredicto que eles querem.

É uma cena macabra. Uma multidão chorando pela morte de um homem inocente. Um homem que no dia anterior estava curando aqueles que estavam doentes entre eles, que estava lhes ensinando a verdade, que era tudo o que eles achavam que o Messias deveria ser. Agora eles o queriam morto e queriam que Barrabás fosse libertado.

Mas quem é Barrabás e por que libertá-lo?

Temos apenas três palavras que nos ajudam a entender quem é Barrabás. Ele é descrito como um ladrão, um assassino e um rebelde. Tanto pela lei judaica quanto pela romana, seu destino era claro, morte por apedrejamento ou crucificação. Morto, ele não pode causar mais danos. Vivo ele representa uma séria ameaça à segurança daqueles com quem entra em contato. Como ladrão, ele deve ser temido porque quer o que os outros apreciam e fará o que for preciso para adquiri-lo para seu próprio benefício. Ele não se preocupa com o sofrimento que seu roubo causaria na vida dos outros, apenas com os benefícios que ele pode obter às custas dos outros. Como assassino, ele é temido porque não

tem medo de matar os outros quando convém aos seus planos. Ele está disposto a matar aqueles que ele roubou para silenciá-los. Ele está disposto a matar os outros se isso significar avançar em sua posição. Ele é um insurrecional. Ele está disposto a causar tumulto il para avançar sua posição, para ganhar suas liberdades. Ele é uma ameaça à paz e está disposto a arriscar a vida de outras pessoas no processo. Na verdade, um insurreto deve ter seguidores que ele possa colocar em risco, pessoas dispostas a se machucar e até morrer para ganhar o que ele está dizendo que eles precisam e estão faltando. Um insurrecional bem-sucedido causará conflito e causará a morte.

Barrabás era uma pessoa perversa, má e horrível. Mas então, isso não é verdade para todas as pessoas neste planeta? A bíblia é muito clara que não há ninguém que seja justo. Nem mesmo um. Mesmo o que as pessoas descrevem como bom, Deus chama de trapo imundo. Pense nisso.

Todas as pessoas não estão mais do que dispostas a roubar para progredir, para melhorar sua posição? Talvez não roube dinheiro, ouro ou objetos. Mas estamos dispostos a roubar dos outros de várias maneiras. Quando não falamos em defesa de uma pessoa, roubamos um pouco de sua liberdade. Quando não aceitamos que uma pessoa fez um bom trabalho, roubamos um pouco de sua auto-estima. Quando criticamos os outros injustamente, roubamos ideias, recusamos pagar o que é um preço legítimo, não estamos roubando sua esperança de uma vida melhor, de melhores relações com os outros? Sim, somos todos ladrões.

Todas as pessoas não estão dispostas a matar outras para se proteger? Destruir outro quando serve aos seus próprios objetivos e propósitos? Podemos não pegar uma faca ou uma arma e parar o batimento de seu coração, mas fazemos uma infinidade de coisas para impedir seu crescimento e desenvolvimento como pessoa. Trabalhamos para revelar suas falhas e erros. Destacamos tudo o que é negativo em uma pessoa. Trabalhamos para arruinar a reputação deles ou, pelo menos, fazer com que os outros os rejeitem para que possamos ter uma boa aparência. Mesmo quando nos recusamos a dar elogios merecidos, não estamos trabalhando para matar a pessoa e seu futuro? Sim, somos todos assassinos.

Todo mundo não está disposto a ser um insurrecional? Estamos dispostos a deixar os outros sofrerem para que possamos ter sucesso. Estamos dispostos a usar os outros para melhorar nosso status. Estamos dispostos a liderar, mas deixamos os outros fazerem as coisas difíceis, difíceis e chatas. Queremos estar na frente, mas não pagar o preço. Espalhamos fofocas para causar problemas e talvez avançar nossa posição, nosso status. Vamos convencer as pessoas de que algo não está certo, que há um problema e que algo deve ser feito, por mais arriscado ou perigoso que seja. Estamos em rebelião contra as autoridades e as regras. Agimos e nos comportamos de maneiras que dizem que as regras não se aplicam a nós. Cada regra que dobramos, evitamos e quebramos é um ato de rebelião, um ato de informar aos outros que não temos que obedecer às regras e não importa como isso afete os outros. Sim, somos todos insurrecionais. Todos liderando nossa própria rebelião pessoal contra Deus.

Antes de prosseguirmos, precisamos ter em mente várias escrituras. Paulo diz em Romanos 5:7, 'Muito raramente alguém morrerá por um homem justo, embora por um homem bom alguém possa ousar morrer.' em uma passagem do Salmo 36). E de Salmos 53:3, "não há ninguém que faça o bem".

Essas escrituras falam sobre o verdadeiro valor de uma pessoa e por que uma pessoa morreria por outra pessoa. É interessante que ele sugere que ninguém morreria por um homem justo. Parece estranho, mas faz sentido. Um homem justo é aquele que anda com Deus. A morte não é perda, mas ganho. Muito

parecido com a declaração de Paulo, “para mim o viver é Cristo, o morrer é lucro (Fp 1:27)”. Um homem justo não precisa ser salvo.

Um bom homem, no entanto, é uma situação totalmente diferente. Morrer por um homem bom pode tornar possível que continuem fazendo o bem, continuem servindo. Morrer por um homem bom lhes permitiria completar o trabalho que estão fazendo e que pode beneficiar outros. Mas existe tal coisa como um homem bom? Uma pessoa sem a qual não poderíamos viver, que sem essa pessoa o trabalho cessaria? Segundo a Bíblia, há apenas uma pessoa que se encaixa nessa categoria e ela estava prestes a ser sentenciada à morte.

Jesus não fez nenhuma reclamação, nenhuma objeção. Ele conhecia claramente o coração do homem que estava prestes a ser libertado. E ele silenciosamente assistiu e aceitou o resultado. Ele voluntariamente se tornou o substituto de um pecador conhecido, e nesse ato se tornou nosso substituto também. O ponto é bem claro. Barrabás representa cada um de nós. E cada um de nós é um ladrão, assassino e rebelde. Não havia nada em Barrabás digno de ser salvo e não há nada em nós digno de ser salvo. Ele e nós definitivamente não somos justos. Ninguém o acusou de ser uma boa pessoa e não importa o que possamos pensar de nós mesmos, a Bíblia deixa dolorosamente claro que nós também não podemos afirmar que somos uma boa pessoa. Na verdade, ninguém deveria estar disposto a morrer por nós. No entanto, Jesus o fez. Ele os deixou escolher e aceitou a decisão.

Agora e nós? Existe alguém por quem você estaria disposto a morrer ou sofrer para que não estivesse sob a sentença de morte? Existe alguém para quem você gostaria sacrificar sua liberdade, seus objetivos, sua vida para que eles sejam livres?

Jesus veio aqui em missão. Ele veio para libertar os cativos. Ele veio para morrer por aqueles perdidos na escuridão. Ele veio para se tornar o substituto para que os pecadores sob o julgamento de morte por seus pecados fossem libertados. Ele abraçou essa missão e depois nos chamou para participar da missão. Ele nos chamou para procurar aqueles sob o veredicto de morte e nos sacrificar para que eles ouvissem a verdade e fossem libertados. Conhecemos um Barrabás? O que faremos com ele?

Muitas vezes me pergunto o que aconteceu com Barrabás depois daquele momento em que foi solto. Como a morte de Jesus em seu lugar afetou sua vida e suas atividades? Quero acreditar que o evento teve um efeito profundo em Barrabás e que sua vida mudou drasticamente. Mas não há história, nenhuma tradição sobre o que aconteceu ou não com ele após sua libertação. Isso é importante para nós ter em mente. Jesus veio para morrer pelos pecadores. Seu sacrifício não se baseava em uma garantia de que as pessoas responderiam. Seu sacrifício foi tornar possível que aqueles que respondessem fossem salvos.

Um verdadeiro sacrifício não se baseia na resposta de quem o recebe.

Como se explica o que Jesus fez? Ele fez o sacrifício sabendo que muitos que ouviriam sobre este evento e a oferta de perdão o rejeitariam. Ele fez o sacrifício sabendo que não seria suficiente para convencer muitos a acreditar em Deus e em Seu amor por eles. Ele fez o sacrifício sabendo que muitos o usariam como motivo para rejeitá-lo. Mas Ele ainda fez o sacrifício. Ele permitiu, sim, permitiu aos judeus a chance de libertar Barrabás e mandá-lo para a cruz. Sim permitido. Ele usou o evento para destacar exatamente o que ia acontecer. Seu sacrifício tornaria possível que todos fossem libertados da pena de morte. Quantos seriam realmente salvos ainda estava para ser visto.

Barrabás é nosso representante para o bem ou para o mal e nossa falta de conhecimento do que aconteceu com ele é importante. Somos chamados a ir e proclamar as boas novas. Somos chamados a fazer os sacrifícios necessários para que as pessoas ouçam. Não nos são dadas garantias sobre quem e quantos irão responder. Esse não é o objetivo da missão. A missão é ir, ser representante de Deus. Seja o exemplo vivo do sacrifício de Jesus. Dê a sua vida para que eles possam ouvir. Traga palavras de perdão. A resposta deles não é a base da missão. A base da missão é nossa disposição de fazer o sacrifício necessário para que outros saibam que Jesus morreu como seu substituto.

Jesus se tornou nosso substituto, Ele morreu por nós. Cada um de nós tem a oportunidade de ser libertado da pena de morte. Nossa tarefa é seguir o exemplo de Jesus e ser o sacrifício que Jesus precisa que sejamos para que nossa geração de Barrabás possa ser libertada para considerar seu futuro e sua necessidade de perdão.

Muitas vezes pensei na ideia de dar a minha vida pelos outros. Lembro-me de estar deitado na minha cama em Serra Leoa com o que acabou sendo um caso leve de hepatite. Mas na época em que fiquei doente eu não sabia disso. O que eu sabia era que no mês anterior ao meu adoecimento, duas pessoas de outras missões morreram de hepatite fulminante. Eles morreram poucos dias depois de ficarem doentes. Então, quando soube que tinha hepatite, comecei a perguntar a Deus se meu trabalho era para vir e morrer. Não seria a primeira vez que tal coisa aconteceria em Serra Leoa. Há um cemitério para missionários que morreram em Serra Leoa. Muitos serviram apenas alguns anos ou menos antes de morrer. Em outra ocasião, eu estava na encosta de uma colina olhando para o túmulo de uma criança missionária que havia morrido aos 7 anos de idade. Esses missionários não sabiam quando chegaram que suas vidas ou a de seus filhos logo terminariam. Mas eles foram voluntariamente por causa da esperança de que suas vidas pudessem fazer a diferença.

Seus sacrifícios tornaram o evangelho real para aqueles que viram sua disposição de dar tudo com a esperança de que alguém fosse libertado. Nem todos os que os viram morrer responderam. No entanto, ao longo dos anos, ouvimos muitos de nossos amigos em Serra Leoa comentarem sobre seus sacrifícios e como esses sacrifícios trouxeram oportunidades para ouvir o evangelho. Esses sacrifícios abriram a porta para o evangelho entrar e ser recebido.

Precisamos aprender a dar, a sacrificar, a entregar nossas vidas para que outros sejam livres; para que vejam que alguém está disposto a tomar o seu lugar, a sofrer por eles. Não importa qual seja a decisão final deles. O que importa é que estamos dispostos. Estamos dispostos a tomar o lugar de Barrabás.

BT – Leia as seguintes escrituras: Mateus 10:39; 16:26; Salmos 49:7-8; Romanos 5:7. Com base nessas escrituras, crie uma declaração do valor de dar a vida por outro.

PR – O que você sacrificou em sua vida para que alguém tivesse a chance de conhecer o amor de Deus? Que impacto esse sacrifício teve em você, em seus amigos, em quem se beneficiou desse sacrifício?

MT – Missões é construída sobre o sacrifício da vida daqueles que são chamados a servir, a ir, a proclamar o evangelho onde quer que sejam enviados. Encontre um livro sobre a vida de alguém que deu a vida para levar o evangelho a outro grupo. Agora leia Colossenses 1:24. Reflita sobre o que Paulo quis dizer com a frase: “Eu preencho na minha carne o que ainda está faltando em relação às aflições de Cristo, por causa do corpo, que é a igreja. Leia esta passagem em pelo menos três versões diferentes.

Paixão 61 - Estrada da Zombaria

Mateus 27:27-34 (Marcos 15:16-24; Lucas 23:28-28; João 19:17-25)

Ninguém gosta de ser ridicularizado. Ninguém gosta de ouvir que não tem o que é preciso para ter sucesso. Ninguém gosta de ser dito que vai falhar. Ninguém gosta que os outros vejam suas fraquezas. Ninguém quer ser substituído porque parece fraco ou outros não acham que podem terminar a tarefa. Eu poderia continuar a longa lista de maneiras pelas quais as pessoas podem ser ridicularizadas e as razões pelas quais não gostamos de ser tratados dessa maneira.

Jesus foi ridicularizado, repetidamente, ridicularizado, ridicularizado, desafiado e feito para parecer um tolo pelo que estava fazendo.

- Eles o vestiram com roupas reais e zombaram dele como um pretense rei.
- Fizeram uma coroa de espinhos e a cravaram na cabeça até sangrar.
- Os soldados cuspiram nele e bateram nele, exigindo que ele contasse quem o havia batido. Eles se curvaram diante dele e depois o espancaram.
- Eles expuseram sua condição de fraqueza e incapacidade de defender a si mesmo e aos outros, forçando outra pessoa a carregar a cruz por ele.
- Eles o insultaram. Até mesmo um dos ladrões crucificados com ele o insultou.
- Eles o desafiaram a revelar seu poder salvando a si mesmo.
- Eles tiraram suas roupas em público para humilhá-lo e depois jogaram por seu manto.
- Um grupo de mulheres o seguiu e lamentou e lamentou por ele. Eles estavam convencidos de que seu caso era sem esperança e seu lamento era um anúncio público de que ele havia falhado.
- Talvez a maior zombaria tenha sido o fato de seus discípulos continuarem a abandoná-lo. Eles só observavam de longe. Eles não fizeram nada para defender seu mestre ou expressar indignação com a caricatura da justiça que estava ocorrendo para todos verem.

Esta era a hora que Satanás esperava. A hora de zombar de Deus e talvez ter sucesso.

Ao longo dos anos, ouvi e li a seguinte avaliação daqueles que escolhem servir a Deus como missionários. “Eles se tornam missionários porque não têm as habilidades necessárias para ter sucesso em qualquer outra coisa.” Também ouvi as famílias de meus alunos comentarem que não queriam que seu filho se tornasse pastor... “porque não havia futuro no trabalho, seu filho nunca seria nada.

Outros comentários são mais sutis e mais subversivos. “Como você pode desistir de tudo o que tem para ir morar em um país estrangeiro? Como você pode levar seus filhos para um lugar tão perigoso? Como você pode ir morar com essas pessoas? Por que alguém iria querer aprender outro idioma, comer comida estranha e morar lá?”

Esses cétricos são rápidos em julgar o trabalho e rápidos em avaliar os resultados. Mas eles avaliam com base no que acham que deveriam ser os resultados; como o número de conversões, o número de novas

igrejas, o número de alunos e assim por diante. Todos eles são baseados em padrões de produção que vêm de uma abordagem de mercado para medir a produtividade. Se os resultados não corresponderem, então o missionário ou pastor é um fracasso. As atitudes e comentários do avaliador contêm zombarias sobre quem ele é, o que está fazendo e até porque gostaria de fazê-lo.

Isso também é verdade na igreja. As pessoas zombam daqueles que querem testemunhar e compartilhar sua fé com os outros. A zombaria é sutil, mas está lá. Muitas vezes vem em forma inversa. Frases como "Eu nunca poderia fazer isso, então por que você deveria fazer isso e depois me fazer parecer mal" ou "Eu não tenho a habilidade de contar aos outros, não me envergonhe contando a alguém sobre sua fé" ou "esse é o trabalho do pastor. Quem você pensa que é para tentar agir como ele? E, finalmente, "Estou muito ocupado para me envolver, então por que você deveria testemunhar e me fazer parecer egoísta?"

Há tantas maneiras de zombar, ridicularizar os outros, inibi-los de correr o risco de se importar com os outros. Nós prosperamos em desencorajar os outros por fazer o que é certo e seguir o mandamento de Cristo de amar os outros e perdoar aqueles que nos abusam. Pois depois de todos os insultos, todas as zombarias, todas as zombarias, Jesus pediu a seu pai que os perdoasse. Por quê? Porque eles não entenderam.

Criticamos o que não entendemos. Criticamos o que não se encaixa em nosso conceito de vida e atividade própria. Criticamos qualquer um que possa nos fazer parecer que estamos errados. Todos criticaram Jesus. A maioria das pessoas criticava e zombava de Jesus.

Até mesmo seus discípulos foram pegos na armadilha, não por causa de suas ações e palavras, mas por causa de sua inação, sua relutância em dar um passo à frente e ser contados como verdadeiros seguidores, como verdadeiros discípulos. Esta é a última forma de zombaria. Dizemos uma coisa e fazemos algo totalmente contrário ao que dizemos. Nós nos chamamos cristãos, mas não amamos os outros. Nós nos chamamos de testemunhas, mas não dizemos o que testemunhamos, cada vez que nos calam, cada vez que permanecemos inativos e não ajudamos, cada vez que vemos a verdade e nos afastamos, zombamos de Jesus. Choramos ao mundo que seu sonho está vazio e seu sacrifício foi em vão.

Mas...

Temos a chance de nos juntarmos a Jesus e sermos ridicularizados porque os zombadores não querem ouvir a verdade. Temos a chance de carregar os fardos dos outros e ser ridicularizados porque eles acreditam que o que estamos tentando fazer é inútil. Temos a chance de ser ridicularizados por nossas tentativas de mostrar amor aos ímpios pecadores deste mundo porque eles não querem se ver entre os ímpios. Temos a chance de nos juntarmos a Jesus e sermos vistos como fracos e incapazes de fazer qualquer coisa de valor porque eles não veem a realidade da eternidade e só podem viver para hoje.

Esta é a missão: estar disposto a ser ridicularizado pela verdade e fazer a diferença na vida dos outros. Estar disposto a ser ridicularizado como sonhador sem esperança e ver Deus operar milagres de mudança e restauração. Estar disposto a ser um fracasso aos olhos do mundo e colher uma colheita de almas para a eternidade, uma recompensa que não tem igual nas riquezas deste mundo. Estar disposto a ser espancado e abusado para que o menor deles ouça e conheça a Deus como seu Pai amoroso.

Esta é a missão, deixar de lado a nós mesmos, nosso conceito de sucesso, nosso senso de orgulho e aprender a humildade. Esta é a missão: tornar-se filho de Deus e mudar a forma como os outros vêem Deus. Esta é a missão: percorrer o caminho diante de nós, não importa o que possa trazer e receber a palavra "muito bem, meu servo bom e fiel, entre no seu galardão". Esta é a missão. Será preenchido com aqueles que não entendem, mas que, porque aceitamos seus insultos, podem um dia entender a verdade e encontrar o perdão.

Caminhe comigo pelo caminho da corte de Pilatos. Ouça a zombaria, os insultos, o desprezo. Aprenda a verdade que seus ataques são impotentes. Seus ataques revelam sua fraqueza, sua necessidade de amor e perdão. Caminhem comigo pelo caminho da corte de Pilatos e saibam que por este caminho muitos ouvirão e um dia se juntarão a nós até que haja uma multidão poderosa que se reunirá e cantará o louvor daquele que nos pediu para nos juntarmos a ele naquela caminho - o caminho que leva à salvação de todos. Este é o caminho que define quem somos como cristãos e nos moldará em um verdadeiro discípulo de Cristo.

BS – Leia as seguintes escrituras sobre zombaria. Salmo 22:6-8; 119:49-51; Lamentações 3:14; Isaías 50:4-8. Agora leia Mateus 5:11. Considere por que as pessoas zombam daqueles que servem a Deus e por que são abençoadas quando suportam ser zombadas.

PR – Como você se sente quando alguém zomba de você? Como você responde? Você já zombou ou zombou de alguém? Como você se sentiu enquanto zombava deles? Depois você pensou em como você tratou aquela pessoa? Como eles responderam? O que teria acontecido se você tivesse falado gentilmente com essa pessoa?

MT – Um dos fatos de entrar em uma nova cultura é o risco de ser ridicularizado e até ridicularizado ou ridicularizado por causa dos erros culturais que serão cometidos. Haverá aqueles que zombarão do recém-chegado e deixarão todos saberem como se sentem sobre sua presença e sua crença em Cristo. Quão importante é nossa resposta a tal zombaria em relação ao nosso testemunho e às pessoas serem capazes de ouvir a verdade? Por quê?

Paixão 62 - Príncipe entre ladrões

Mateus 27:38 (Marcos 15:27; Lucas 23:39-43)

Você é inocente ou é culpado?

O que queremos dizer com tais termos? Como eles são usados para julgar quem somos e a natureza de nosso relacionamento com Deus?

É uma pequena história na história maior da crucificação. Jesus não está sozinho na cruz. Ele não é o único a ser crucificado neste dia. Dois outros estão pendurados para exibição. Eles têm seu pecado exposto para todos verem. Eles foram pegos e os romanos estão se certificando de que todos saibam que eles foram pegos e que esse tipo de ação e pessoa não serão tolerados. O comportamento criminoso será punido mesmo com medidas extremas. E a morte é bastante extrema para o simples ato de roubar. Mas então nada é dito sobre o que eles roubaram e de quem eles roubaram.

Mas eu me pergunto o que esses dois estão pensando. Eles estão pensando que não merecem morrer, que não merecem esse nível de punição? Afinal, eles não mataram ninguém. Eles não iniciaram um motim ou revolta contra as autoridades. Eles estão com medo e com raiva e atacam o alvo mais próximo - Jesus. Por que Jesus? Provavelmente porque eles, como todo mundo, ouviram as histórias sobre todos os milagres que ele realizou. Eles ouviram como ele desafiou os líderes e sua autoridade, que até este momento o manteve a salvo de danos. Eles podem até ter ouvido histórias sobre os poucos que ele ressuscitou. Provavelmente eles já ouviram as histórias sobre seu poder sobre os demônios e o reino de Satanás.

Então, quando Jesus não responde ao desafio de se salvar e eles veem sua única esperança de serem resgatados desaparecer, eles começam a atacar. Eles atacam Jesus porque ele está sendo egoísta. Ele não está pensando neles e em sua terrível situação. Ele tem poder e se recusa a usá-lo. Eles podem ter feito promessas de mudar e segui-lo se ele se salvar e usar esse poder para resgatá-los. Por alguma razão eles sentem que ele não está interessado neles e em sua vida futura. Assim, a vileza sai de suas bocas e a multidão provavelmente está aplaudindo-os, esperando que esse derramamento de insultos e ridicularização possa ser o necessário para que Jesus responda.

Não temos ideia de quanto tempo isso durou. Provavelmente durou algum tempo, pelo menos até que a dor de estar pendurado na cruz trouxe silêncio enquanto lutavam para respirar, exaustos pelo esforço de atacar Jesus. Pois cada palavra pronunciada dependia deles se forçarem a ficar de pé para respirar e esse ato fez com que os pregos rasgassem a carne de seus pés. Eles conseguiam administrar uma frase ou duas antes de desmaiar e tentar aliviar a dor apenas para se ver lutando por ar enquanto o peso de seus corpos causava um efeito de estrangulamento em seus pulmões. Isso fez com que eles lutassem contra a dor nos pés e amplificou sua raiva e frustração, adicionando bile ao ataque e à raiva.

Em algum momento, durante um desses ciclos de colapso e luta para respirar, um dos ladrões foi impactado por tudo o que estava acontecendo. Não sabemos o que o levou a mudar seu pensamento. Seria a natureza do silêncio e da paciência de Jesus diante de tal ira? Foi o olhar de amor e compreensão que pode ter sido visível no rosto de Jesus? Era a realidade que, mesmo que Jesus os salvasse, o verdadeiro problema permaneceria? Esse episódio inteiro foi a única coisa necessária para revelar que a questão real, o problema muito real do pecado, existia e que não importa o que acontecesse neste dia, chegaria um dia em que eles teriam que enfrentar Deus e receber uma punição muito mais severa? julgamento do que simplesmente a morte física? Talvez fosse tudo isso acima.

O que quer que tenha causado a clareza de pensamento não tem importância. O importante é que no meio dessa dor, dessa desilusão, dessa realidade de que a morte estava próxima, um ladrão viu a verdade de sua vida e a verdade de quem estava pendurado na cruz ao lado dele. Nesse momento ele viu que o mais importante nesse momento era ser restaurado em seu relacionamento com Deus, ter seu pecado perdoado.

Nesse momento ele percebeu que havia uma maneira de ser salvo e não apenas pelo pouco tempo que lhe restava se, de fato, escapasse da cruz. Ele percebeu que poderia ser perdoado e entrar no descanso prometido mencionado nos profetas. Ele poderia entrar no seio de Abraão e ser restaurado a Deus. Ele percebeu que a pessoa ao lado dele era a única pessoa que poderia fazer isso acontecer e que Jesus tinha o poder de resgatá-lo para a eternidade.

Naquele momento, ele renunciou ao seu passado. Ele admitiu o erro de seu tratamento das promessas de Deus. Ele confessou que merecia a morte por seu pecado, não apenas por roubar, mas por tudo que havia feito para desonrar a Deus em sua vida. Naquele momento ele se virou e percebeu que Jesus iria descer da cruz, mas não da maneira que todos esperavam, e iria vencer. Jesus, por adiar sua ação, provaria a todos que ele realmente era filho de Deus e tinha o poder de salvar todos os que o invocassem.

Ele se comprometeu com essa verdade e pediu a Jesus que fizesse uma coisa simples: “Lembre-se de mim”. Ele sabia que não merecia. Este pedido foi uma admissão desse fato. Mas ele escolheu correr o risco e confessar que Jesus era uma pessoa justa e que tinha autoridade para escolher quem seria recebido em seu reino. E ele acertou. A resposta de Jesus deixa isso claro. E a resposta foi poderosa. Ninguém mais naquele dia experimentaria o verdadeiro poder de Deus. Só o ladrão que confessou e pediu perdão. Nesse dia chegaria ao paraíso e seria bem-vindo. Naquele mesmo dia ele, o ladrão confesso, seria salvo. O resto teria que esperar mais três dias ou mais ou nunca experimentaria a porta para o céu que abriu no dia em que Jesus desceu da cruz e venceu a morte.

Nem os discípulos o viram naquele dia. Mesmo três dias depois, diante de um túmulo vazio, eles ainda estariam confusos. Jesus teria que aparecer para eles várias vezes antes que eles começassem a perceber que Jesus havia respondido ao desafio de se salvar. Eles finalmente veriam que Jesus se salvou ao morrer primeiro, e por esse ato ele abriu a porta para ser ressuscitado e se tornar o caminho para todos que crêem ser salvos da cruz.

Uma das coisas mais difíceis de lidar ao testemunhar para as pessoas é deixá-las lutar. Para deixá-los com raiva de Deus. Para deixá-los expressar seu medo e lidar com o que eles realmente são. A confissão não é para ser fácil. É uma atividade de cortar o coração. É justamente chamado de crise da alma que cada pessoa devemos passar para entender exatamente o que Jesus fez na cruz por nós.

O desafio que enfrentamos não é suavizar ou diminuir esse processo de confissão. Não podemos tentar suavizar porque suavizar o caminho é diminuir a profundidade e a depravação de quem somos como pecadores. Mas, ao mesmo tempo, não podemos forçar isso a acontecer. Tentar impor a verdade a uma pessoa é ser cruel e insensível em nossa apresentação da verdade. Corremos o risco de fazer Deus parecer vingativo e insensível.

Alguns chegarão rapidamente à realização. Eles virão com profunda emoção e soluços profundos. Outros virão lenta e silenciosamente à verdade. Eles virão com um senso calmo da profundidade de seu pecado e um compromisso simples e tranquilo. Não existe uma resposta padrão, nenhum processo padrão. A única coisa que é padrão é a verdade de que Jesus, que não pecou e não merecia morrer, morreu por mim, que não merece nem merecerá seu sacrifício. De fato, a própria razão de sua presença na cruz é meu pecado e somente meu pecado.

O que é importante para nós mantermos em foco como cristãos é garantir que os outros vejam esse Jesus em nossas vidas, em nossas palavras e em nossas ações. Eles precisam ver nossa disposição de sacrificar nossas vidas por eles por causa de nosso amor por Jesus. Eles precisam ver e nós precisamos permitir que eles vejam. Precisamos ouvi-los, esperá-los, estar perto deles para que, quando chegar o momento da realização, conheçam a verdade das palavras de Jesus; “Hoje você estará comigo no paraíso. Hoje você será perdoado e terá um lugar na minha família, seja um membro do meu reino, seja meu filho. Hoje você será salvo.”

É por isso que vamos para todo o mundo. Vamos para que outros possam ver Jesus na cruz por eles e possam receber a verdade, o evangelho.

BS - Leia as seguintes escrituras Ezequiel 18:20; João 3:17-18; Romanos 6:23; 1 Coríntios 6:9-10; Gálatas 3:10, 6:7-8; Tiago 1:15; Apocalipse 21:8. Escreva uma definição clara do julgamento de Deus sobre aqueles que pecam. Escreva claramente por que você precisa contar a todos que encontrar sobre seus pecados e o que Deus fez por eles.

PR - Reflita sobre sua decisão de pedir perdão a Jesus. Ficou claro para você o que era pecado e por que era tão importante confessar seu pecado? Escreva seu testemunho do que Jesus fez em sua vida no dia em que você lhe pediu para perdoá-lo.

Mt - Um dos grandes perigos das missões é suavizar a verdade sobre o pecado. Quais são os perigos de não contar a uma pessoa a natureza do pecado e o que acontecerá com ela se ela não confessar seu pecado?

Paixão 63 - Roubando do Mestre Ladrão

Lucas 23:39-43 (Mateus 27:38; Marcos 15:27)

Entendemos que todos somos propriedade roubada? Nós originalmente pertencíamos a Deus. Esse era o plano desde o início. Seríamos a criação especial de Deus, criada para relacionamento com ele. Mas um ladrão entrou e através de uma série de mentiras nos roubou. Então ele nos convenceu a ajudá-lo a roubar todos os descendentes de nossos antepassados. Ele iniciou o processo e nós, querendo ou não, ajudamos esse ladrão de almas a continuar.

Aqui na cruz Jesus encontra dois exemplos desta realidade. Dois homens, apropriadamente chamados de ladrões. Homens cujas vidas representam a realidade de cada um de nós. Cada um de nós é um ladrão. Podemos não estar sob julgamento por roubar dinheiro, comida ou propriedade, mas todos seremos condenados por roubar de Deus e ajudar Satanás a roubar a vida e a alma de outros de Deus. Nós roubamos tempo. Nós roubamos amor. Nós roubamos da criação. Fazemos tudo isso para conseguir o que queremos (ou, pelo menos, estamos convencidos de que é isso que queremos). E a verdade é que o que queremos é uma mentira. O que significa que mentimos para nós mesmos para acreditar que não estamos realmente roubando, mas recebendo o que é nosso por direito.

Você percebe que por trás de todo roubo existe uma mentira. Uma mentira que diz que deveríamos ter mais. Nós merecemos mais. Temos direito a mais e não devemos lutar excessivamente para ter mais. Passamos nossas vidas no processo de obter mais, mas ter mais meios que os outros tiram de nós e, por sua vez, tiramos deles. O objetivo é, de alguma forma, obter mais dando menos do que recebemos.

O roubo está em nossa natureza. O problema é que não temos uma ideia clara do que realmente é o "mais" que estamos buscando e como saberemos quando tivermos mais. As pessoas falam sobre ter mais para estar seguro, protegido ou confortável, ter mais para ganhar respeito e aprovação. Para ter mais... e a lista poderia continuar porque cada pessoa tem uma variação do que "mais" está procurando e o que fará, ou roubará, para ter mais.

Digo roubar porque, embora não estejamos roubando a propriedade dos outros, estamos pegando, roubando materiais de outra natureza. Fomos criados para passar tempo com Deus. Mas nós roubamos esse tempo e o damos para ganhar mais. Fomos criados para cuidar do mundo. Mas constantemente roubamos do meio ambiente, destruindo-o, envenenando-o, para que possamos ter mais. Fomos criados para o relacionamento com os outros, mas estamos constantemente roubando uns aos outros, especialmente para ganhar atenção. Nós roubamos para que outros não possam ter. Nós roubamos para que possamos ter mais do que qualquer outra pessoa. Somos ladrões e ladrões desde o nascimento.

Então aqui estão dois ladrões e eles representam a realidade de nossas vidas. Ladrões. Eles também representam as duas opções disponíveis para cada um de nós. Uma é admitir que somos ladrões e a outra é nos esconder atrás de uma mentira; uma mentira que representa o que Satanás originalmente roubou. Ele roubou a verdade sobre Deus e nos convenceu de uma mentira para que nós, por sua vez, pudéssemos ajudá-lo a continuar roubando a verdade. A mentira é: "Podemos ser inteiros sem Deus." A verdade é que só podemos experimentar tudo o que podemos ser quando nos entregamos a Deus. Essa totalidade só é possível quando admitimos a verdade, somos todos ladrões.

Os ladrões representam como as pessoas lidam com essa verdade. Por um lado, culpamos todos os outros por nossas circunstâncias e esperamos que Deus nos salve, não importa quais sejam nossas circunstâncias. Merecemos ser resgatados. Não somos sua criação? Como ele poderia mandar alguém para o inferno? Ou podemos aceitar a culpa e perceber que enquanto outros ajudaram no processo de roubar a verdade, nós somos os responsáveis. Nós deixamos acontecer. Concordamos em permitir que outros roubassem de nós e, por sua vez, continuamos o processo roubando de qualquer um que pudéssemos. Somos todos ladrões individualmente e a única solução é confessar e buscar o perdão de Deus.

Este encontro com os dois ladrões deixa claro o que Deus espera de cada pessoa. Cada pessoa tem que escolher. Esta não é uma decisão do grupo. Ele vem com um prazo, claramente definido pelos eventos na cruz. Temos até o momento de nossa morte para perceber a verdade de quem somos.

Na verdade, toda a vida é assim. Estamos sempre tendo que fazer escolhas e, uma vez feitas, não podemos voltar atrás e mudá-las. Há uma finalidade no processo de escolha. Escolhi ser cristão. Não posso voltar atrás e rescindir essa decisão. Posso optar por ignorá-lo, mas o impacto daquele momento na minha vida e nos outros não pode ser mudado. As pessoas vão me assistir e me julgar com base naquele momento, especialmente aqueles que estavam lá quando a decisão foi tomada. Escolhi me casar com uma mulher específica e muito maravilhosa, minha esposa. Não posso desfazer essa decisão. Posso abusar dele, abusar dele, destruir o potencial dele, mas não posso voltar atrás e mudá-lo. Estou sentado em um aeroporto neste momento, prestes a pegar um avião para outro país. Assim que desembarcar naquele país, minha decisão de ir é definitiva. Não posso mudar essa decisão.

Em algum momento, porém, todas as decisões passadas serão totalizadas e finalizadas. Esse momento revelará se reconheci a verdade de que sou um ladrão ou continuo a negá-la. Mostrará se aprendi a verdade sobre como ser restaurado e assim ajudar os outros a se recuperarem. Ou escolhi passar minha vida como ladrão até o último momento e mesmo assim me recuso a ver o que realmente sou? É isso que os ladrões representam: aqueles que vêem a verdade e encontram a redenção, ou aqueles que se recusam a ver qualquer coisa e, até o último minuto, acreditam que até Deus lhes deve algo. Eles sentem que não importa o que tenham feito, eles têm o direito de serem resgatados a qualquer custo,

mesmo que isso custe a alma de outro. O fato é que se Cristo tivesse descido da cruz e apenas resgatado a si mesmo e ao ladrão naquele dia, nenhum de nós teria a oportunidade de ser resgatado.

A questão para nós hoje é esta - onde estamos nesta imagem? Somos nós a pessoa pendurada entre dois ladrões? Percebemos que, de fato, somos representantes de Cristo e temos pessoas ao nosso redor esperando para serem resgatadas? Haverá pessoas que verão como vivemos, como deixamos para trás a vida de ladrão? Eles saberão que temos andado com Jesus e verão a resposta em sua busca pela verdade, por uma saída para sua vida de roubo?

Ao mesmo tempo, estamos prontos para lidar com o ladrão obstinado? Sempre haverá pessoas como ele; pessoas que esperam que nós as deixemos confortáveis, diga-lhes que estão indo bem, encoraje-as a acreditar que, sendo uma boa pessoa e fazendo o bem, elas devem ser bem-sucedidas. Eles esperam que nós os ajudemos a manter sua crença de que seu fracasso não é culpa deles e que eles não são responsáveis pelo que aconteceu, que até mesmo Deus deveria sentir pena deles e resgatá-los.

Servir no reino significa entender claramente nossa situação e estar disposto a expor a verdade de que todos somos ladrões. Devemos estar dispostos a responder como representantes de Cristo àqueles que, tendo testemunhado nossa vida e testemunho, vêem a verdade sobre si mesmos. Devemos estar dispostos a sofrer os ataques de outros apaixonados com a esperança de que em algum momento eles verão a verdade. Não é fácil ficar pendurado em uma cruz ou viver entre ladrões, mas foi exatamente isso que Cristo fez por nós e o que precisamos fazer pelos outros. Se estivermos dispostos, ajudaremos a recuperar a propriedade roubada de suas almas e ajudaremos em seu retorno ao seu criador.

BS - Leia o seguinte Lucas 4:18; 2 Coríntios 2:10, 11:14; Efésios 6:16; 1:13; 2 Timóteo 2:26; 1 Pedro 5:8. Revise-os e escreva uma descrição do desafio que está diante de nós e da obra de recuperar os criados por Deus do reino de Satanás.

PR - Leia uma história sobre alguém que se arriscou para salvar outra pessoa. O que você acha que estava em seus pensamentos quando tomaram a decisão de se arriscar para ajudar outra pessoa? Agora considere os riscos envolvidos em salvar algo ainda mais valioso, uma alma. O que lhe custará, que risco haverá para resgatá-los para que possam ouvir o evangelho? O que você estará disposto a fazer para resgatar alguém?

MT - Missões envolve correr riscos para alcançar aqueles que ficaram presos no reino de Satanás. Uma verdade fundamental para entender é que eles não acreditam que foram enganados ou precisam ser resgatados. O que você acha que será necessário para convencê-los da verdade?

Paixão 64 - Perdão, Limpando a ferida

Lucas 23:34

Você já teve uma ferida ou um arranhão que precisava de limpeza? Qual dor foi pior? Quando você o machucou pela primeira vez ou quando teve que ser limpo? Pare e pense nisso um minuto.

Agora pergunte a si mesmo por que a limpeza doeu tanto, talvez até mais do que a lesão original. Foi porque a lesão original foi repentina, inesperada e talvez de curta duração? Foi por medo? Talvez tenha

sido o remédio usado ou a necessidade de esfregar que causou o aumento da dor. Talvez tenha sido o curativo que o tornou mais doloroso. Nunca é confortável tratar uma ferida aberta.

Jesus fez alguns comentários antes da crucificação e cada um deles era como causar uma ferida. Os fariseus desafiaram Jesus. Sua resposta foi que eles o veriam sentado à direita de Deus. Pilatos o ameaçou e Jesus calmamente lhe disse que ele não tinha poder, exceto se permitido por Deus. As mulheres choraram por Jesus e ele as advertiu claramente que tudo o que estava acontecendo era claramente injusto. Agora ele chega à cruz e aplica o primeiro ato de limpeza.

Aqueles que vieram assistir estavam todos pecando. Suas ações estavam causando feridas profundas e dolorosas em suas almas e em sua existência. Eles não perceberam, mas estavam reagindo ao impacto de suas feridas. Agora Jesus toca a ferida com uma pomada curativa. Ele os perdoa. E isso causa outra rodada de dor e reação. Eles clamaram contra ele. Eles o desafiaram a se salvar e provar suas alegações. Outros zombavam dele. Os soldados sortearam suas roupas, uma ação simbólica que usaram para reforçar sua escolha e evitar lidar com a dor que estava tão próxima à superfície de muitos.

Mas essas palavras de perdão são absolutamente necessárias se alguma cura vier. A ferida deve ser exposta e o tratamento aplicado. O tratamento para o pecado é o perdão, mas não é facilmente recebido. Pois o perdão apenas amplifica a verdadeira natureza da ferida na alma e aumenta a consciência de quão severa é a dor.

Muitos não querem ouvir tais palavras. Eles lutam contra eles. Aceitar palavras de perdão significa admitir a existência da ferida, do pecado em nossa vida. As pessoas encobrem isso lançando insultos, atacando e tentando expor o pecado dos outros, comparando-se com os outros. Eles não querem que ninguém toque na ferida do pecado e reavive os nervos da consciência em sua alma. São como um leproso, que por causa da doença perde a capacidade de sentir nas áreas afetadas. Por causa disso, eles não veem o perigo e muitos se recusam a olhar para essas áreas porque isso confirmaria o que eles estão tentando negar. Eles não querem que ninguém lhes diga que são leprosos (um pecador) ou que isso seja revelado a qualquer outra pessoa.

O pecado é assim. Isso nos deixa insensíveis à realidade. O perdão expõe a verdade e essa verdade traz consigo a dor da realidade da nossa condição. Nós nos ferimos. Não podemos nos tratar. Mas o tratamento de que precisamos é aquele que revelará a verdade de nossa condição. Esta revelação é por sua própria natureza dolorosa. Entender nosso pecado traz para casa a realidade de como somos prejudicados e como prejudicamos os outros.

Apenas pare e pense sobre isso.

A vida de Jesus, até o fim, expôs o pecado em cada pessoa que encontrou. Essas palavras não eram apenas para os presentes na cruz. Eles eram para todos. Eles foram declarados para que cada um de nós pudesse ver a natureza do pecado em nossas vidas. Eles foram falados porque revelavam o único tratamento que limparia a ferida e traria a cura. Nós, ou nosso pecado, o colocamos na cruz. Sua vida nos expõe, e seu perdão é necessário para limpar o que foi exposto. A limpeza será suave, mas ainda dói. Para que seja eficaz, precisamos aceitá-lo, permitir que ele seja aplicado e deixá-lo penetrar em nossa ferida e trazer limpeza.

Estas palavras de Jesus: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”, revelam a cada pessoa estas verdades. Deus sabe exatamente o que estamos fazendo e as feridas que nos causamos. Se ouvirmos

essas palavras, também saberemos exatamente o que estamos fazendo e como e nos ferimos. Deus sabe que esta proclamação trará dor. Ele também sabe que devemos ouvi-los se quisermos ser curados e voltar a ter saúde em nossa alma.

Ouçá-os novamente: “Pai, perdoe Maria, Tom, Pedro, Elizabeth. Eles não sabem o que estão fazendo”. Agora ouça novamente e coloque seu nome em seu devido lugar.

Uma vez que tenhamos ouvido - uma vez que tenhamos entendido - uma vez que estejamos curados, precisamos falar essas mesmas palavras para aqueles que encontramos enquanto passamos por este mundo. Devemos dizer-lhes que estão perdoados. Eles não sabem o que estão fazendo, mas são perdoados. Alguns responderão com crueldade e raiva. Outros simplesmente nos ignorarão. Não será fácil continuar proclamando o perdão. Mas devemos porque, à medida que continuarmos, encontraremos aqueles que ouvirão, aqueles que desejam ser curados. O perdão é para todos, mas somente aqueles que o aceitam serão curados.

Na doença, é somente quando o paciente aceita a afirmação de que está doente e precisa de ajuda que o médico pode fazer qualquer coisa. Pense em quantas pessoas se recusam a ouvir essas palavras e não recebem os cuidados intensivos de que precisam. Como resultado, eles morrem.

Nós somos aqueles chamados por Deus para declarar a verdade sobre o pecado e declarar essas palavras de perdão. Somos chamados por Deus para ecoar as palavras de Jesus pelos corredores do tempo até que Jesus volte. Podemos não ser pendurados em uma cruz, mas seremos atacados. Seremos insultados e insultados. Esquece. Se fizemos como Jesus fez, encontraremos aqueles prontos para responder. E se formos fiéis, até os que resistem podem ser alcançados. O amor trouxe Jesus à terra. O amor o levou à cruz. O amor tornou possível que ele proclamasse o perdão para cada um de nós e para o papel que desempenhamos ao pendurá-lo na cruz. Esse amor nos foi dado para que possamos continuar proclamando esse perdão até os confins da terra e até o retorno de nosso Salvador.

BS - Leia as seguintes escrituras Mateus 7:1-5; João 8:7-9; Romanos 2:21-25, 8:1-14. Aqui você encontrará comentários sobre expor o pecado nos outros e entender a natureza pecaminosa. A fim de ajudar os outros a verem seus pecados, o que devemos fazer primeiro? O que precisamos entender sobre nós mesmos antes de podermos falar com os outros sobre seus pecados?

PR - Reflita sobre a seguinte afirmação: “sua vida deve revelar o pecado na vida dos outros”. Como essa ideia afeta você? Estamos dispostos a ser claros sobre o pecado na vida dos outros? Também estamos dispostos a ser honestos sobre o pecado em nossa vida para que os outros vejam claramente seus pecados?

MT - Missões por sua própria natureza envolvem expor a pecaminosidade dos outros para que eles vejam. Esse processo pode resultar em ser atacado e desacreditado por aqueles que procuramos ajudar. Eles usarão o fato de que não fazemos parte de sua cultura, que temos ideias estrangeiras e muitas outras abordagens para evitar lidar com a verdade. Pense no que será necessário para manter um testemunho claro e ajudá-los a ver a verdade.

Paixão 65 - O sempre presente porquê?

Mateus 27:46

Chegamos às últimas palavras de Jesus. Eles cobrem uma grande quantidade de território. Tanto é dito em tão poucas palavras. Vimos suas palavras simples para o ladrão. Vamos seguir em frente e olhar para o resto. Devemos olhar para eles. Eles contêm comentários sobre a realidade da vida a serviço de nosso Pai Celestial. Alguns são maravilhosos e alguns rasgam as raízes da alma. Nada mais do que o grito de Jesus de “por que me abandonaste?”

Ninguém que deseja servir pode evitar enfrentar esta questão. Todos os que trilham o caminho da verdade, o caminho que Deus os conduz, - não - devem responder a esta pergunta. Enfrentaremos momentos de crise na vida e nossa disposição de fazer a pergunta e lutar com a resposta marcará e definirá para sempre a nós e nosso relacionamento com Deus.

Pode haver apenas um momento em que enfrentamos essa questão. Pode haver vários. Mas sempre eles nos levarão diante de Deus para saber por que estamos aqui e por que fomos solicitados a carregar qualquer cruz esmagadora que tenhamos de carregar. O evento nunca é o mesmo de uma pessoa para outra. O processo pode seguir um padrão, mas nunca pode ser duplicado. Quem já esteve lá sabe o que está sendo vivenciado por aqueles que estão no meio do “vale da sombra da morte”, que é como Davi descreveu no Salmo 23.

Este momento de crise pode ir e vir rapidamente como aconteceu com Jesus. Ou pode demorar mais para Elias e sua jornada de 40 dias apenas para ouvir o sussurro de Deus. Não importa quanto tempo demore, isso muda tudo. Elias voltou com mais ousadia do que quando partiu. Jesus mudou o fluxo da eternidade. Poderíamos continuar com esses exemplos e o que Deus fez na vida daqueles que enfrentaram o porquê e foram corajosos o suficiente para falar seu medo e confusão ao Pai Celestial.

Estamos passando por um período bastante extenso de tentar entender o porquê. Minha esposa foi diagnosticada com câncer há 7 anos. Ela entrou em remissão por 4 anos e o câncer voltou. Mais um ano de remissão e então o câncer reapareceu em outro local. O câncer está sob controle ou ‘estável’ como os médicos descrevem. Não falamos muito sobre isso, mas há a sempre presente questão de por quê. Por que ela, por que ainda está lá, por que o remédio não é mais eficaz, por que ela não está sendo curada?

Eu sou parte da equação. Não é apenas minha esposa que está lidando com câncer. Estou lidando com isso também. Uma parte de mim está sob ataque, sofrendo e tenho perguntas semelhantes, mas diferentes. Por que uma parte de mim deve sofrer tanto; por que não posso fazer nada para mudar a situação, por quê? Eu também estou doente e lutando.

Grande parte do porquê é ter a coragem de declarar a dúvida de forma clara e concisa. A declaração de Jesus é absolutamente clara. Era uma sensação de estar absolutamente sozinho, abandonado. Houve um momento em que toda a comunhão que ele havia conhecido com o pai parecia simplesmente desaparecer, desaparecer na escuridão circundante. Ele queria descer da cruz, mas em vez disso conseguiu um túmulo.

Elias experimentou uma sensação de fracasso completo. Ele havia feito o milagre, havia derrotado um falso deus e seus profetas, mas uma pessoa ainda o queria morto e ninguém se levantou para defendê-lo ou protegê-lo. Ele queria uma poderosa demonstração de poder, mas conseguiu um sussurro. Ele seguiu aquele sussurro, aprendendo a confiar em Deus. Como resultado, ele viu uma criança ressuscitada e recebeu uma passagem de ida da morte para a eternidade.

De volta à nossa vida. Esperamos... bem, o que todo mundo espera, estar livre do câncer. Até agora não se foi como oramos e esperávamos. A questão é: ficaremos no lugar que Deus nos colocou por tempo suficiente para descobrir o que vai acontecer? Clamaremos, sem medo do que os outros possam dizer, porque sabemos que algo incrível está sendo preparado por Deus, porque fomos voluntariamente aonde ele enviou, fizemos o que ele pediu e aceitamos com fé os eventos que estão por vir? mão?

O que está realmente claro é que não temos ideia de quantas pessoas estão nos observando. Não temos ideia de onde eles estão e o que nossa luta significa para eles.

A luta na cruz foi imensa. Os resultados? O centurião descobriu. Ele viu a luta, ouviu as palavras e declarou que este deve ser o filho de Deus. O povo viu a mudança em Elias. Ninguém se atreveu a desafiá-lo. O rei e sua esposa ficaram para sempre aterrorizados com o que ele diria ou faria em seguida. Sua vida e obediência soaram a sentença de morte para todos os que se recusaram a cumprir a proclamação que fizeram no monte, declarando que o único Deus verdadeiro era o Deus a quem Elias servia.

Poderíamos falar sobre Daniel sendo levado como escravo ou José e sendo vendido como escravo por seus próprios irmãos. Que tal Moisés e sua primeira tentativa de milagre e seus resultados desastrosos ou Davi e a constante ameaça de Saul querer sua morte? Reflita sobre cada um deles e perceba que cada um deles tinha razões válidas para perguntar por quê, e eles fizeram exatamente isso. No entanto, cada um deles escolheu continuar ouvindo e seguindo até Deus limpar a escuridão e deixá-los finalmente ver. Cada um foi usado por Deus para realizar uma tarefa-chave. Para alguns, o processo durou anos; anos de espera e admiração, mas fielmente seguindo em frente, acreditando que Deus revelaria. Acreditar que Deus usaria a situação para sua glória. Acreditando que tudo ficaria bem no final se eles simplesmente continuassem no caminho certo.

Este é o coração das missões. Você não pode escapar da sensação de isolamento, de fracasso, de, sim, a sensação de ser abandonado. Entrando neste mundo tão cheio de dor, tão cheio de raiva, tão cheio de vazio que você sente como se uma rede estivesse te cercando e sendo apertada até você se sentir sufocado. Em seguida, combine tudo com confusão na linguagem, cultura, comida e como a vida funciona. Mas entrar nele devemos. E devemos estar dispostos a lutar se quisermos encontrar as chaves que trarão luz para aqueles que procuramos alcançar.

Por que a luta? Ah, há tantas razões para isso. As pessoas que precisamos alcançar não confiam em estranhos. Eles não confiam em pessoas que acreditam de forma diferente e parecem julgá-los (Na verdade, nós somos, você sabe. No momento em que você compartilha o evangelho, eles estão sob julgamento). porque leva uma vida inteira para entender, realmente entender, outra cultura.) Você pode realmente fazer missões com algo menos do que o sacrifício de uma vida? O que aquelas pessoas que servem apenas sem entusiasmo, ou dizem que vão tentar missões para ver se gostam, e nunca realmente lutam, se parecem com “aqueles que vieram para servir”.

Cada uma das pessoas acima (Elias, Centurião, Daniel, Moisés, Davi, José) colocou suas vidas em risco. Eles não recuaram só porque a vida se tornou (não simplesmente difícil) realmente impossível. O verdadeiro impacto de suas vidas veio depois daqueles momentos de clamor – por quê? A resposta não veio sem um custo. Mas a recompensa foi exatamente como Jesus havia prometido a seus discípulos quando eles perguntaram o que eles receberiam em troca de desistir de suas casas e família. Jesus

prometeu que eles receberiam um ndred vezes o que eles tinham sacrificado para andar na estrada estreita.

Missões é andar por uma estrada estreita e escura; uma estrada cheia de perigo. É uma jornada que só é possível pela fé inabalável que um dia passaremos porque a vara e o cajado de Deus nunca nos deixaram. A imagem das pegadas na areia tornou-se quase redundante, mas contém a expressão mais clara deste momento da vida de Jesus. Ele estava sendo carregado por seu Pai. Ele nunca foi abandonado.

Muitos estão procurando uma fé fácil, uma fé que não tem força, uma fé que não atrairá ninguém e não tem confiança real em Deus. Mas, Jesus proclamou para que todos ouvissem; a fé só se revela verdadeiramente no cadinho da vida.

Isso te assusta? Deveria. Isso assustou Jesus. Apenas volte e leia a oração no Jardim. Mas o medo não tem que controlar você. O que aconteceria se o mundo mais uma vez experimentasse a fé verdadeiramente destemida que era a norma da igreja primitiva? O que o mundo pensaria e faria se os cristãos se tornassem um povo sem medo de enfrentar a tarefa diante deles; a tarefa de se doar para que os perdidos fossem redimidos.

É no momento em que clamamos a Deus, quando enfrentamos nosso medo, que realmente aprenderemos como Deus tem planos para agir em nossas vidas.

Jesus gritou: “Pai, por que me abandonaste?” E então o mundo soube...

BS - Leia o Salmo 22 na íntegra. Este é um dos Salmos Messiânicos e as palavras finais de Jesus são ecoadas neste Salmo. Leia isso novamente. Entendemos o que significa ser verdadeiramente abandonado? Entendemos o quão longe estamos de Deus por causa do nosso pecado? Será que realmente sabemos como ajudar aqueles que se sentem totalmente abandonados e perdidos em seu pecado?

PR - Você já se sentiu como se todos tivessem te abandonado? Ou que ninguém se lembrou de você em um momento crítico de sua vida? Você já se sentiu perdido e completamente desamparado? Você já se sentiu tão confuso que não sabia o que fazer? O que você fez para superar a sensação de abandono? Como isso o ajudará a comunicar aos outros que Deus entende onde eles estão e sabe o que eles precisam?

MT - O mundo tem medo de ser abandonado, de não ser lembrado. As pessoas vão ao extremo para serem notadas e fazerem parte de um grupo, qualquer grupo. Eles não querem ficar sozinhos. Mas as soluções que eles usam são apenas superficiais e temporárias. (Faça uma lista de coisas que as pessoas estão dispostas a fazer para evitar serem esquecidas, excluídas e abandonadas.) Compare a solução de Deus para responder ao nosso medo de ser abandonado com as soluções de seus amigos.

Paixão 66 - O que realmente está por trás da porta?

Lucas 23:43

Eu quero voltar para os ladrões na cruz. Imagine dois homens prestes a morrer. Na verdade, eles estavam morrendo. Eles representam duas respostas opostas à verdade. Poderíamos pensar nessas respostas como duas portas que escolhemos abrir e entrar. Eles representam como escolhemos responder à verdade sobre o pecado. A primeira porta é a negação. Negação da responsabilidade e da possibilidade de que cada um pague pelo seu pecado. Eles foram julgados por roubar. O julgamento estava correto. Podemos debater a severidade da punição que receberam nas mãos do governo, mas representa o que está esperando por cada pessoa julgada culpada de pecado. Um escolheu lutar contra essa verdade e procurou culpar e atacar os outros.

A segunda porta é a de admissão. Cada um luta contra a verdade de sua condição. Ninguém quer ser chamado de pecador. Aqueles que são honestos verão a verdade. Mais uma vez, o ladrão foi julgado por roubar. O julgamento estava correto. Ele sabia e sabia que devia pagar, mas... Nesse momento, algo em Jesus o fez mudar de atitude. Em vez de lutar contra a verdade, ele a aceitou e então buscou a única coisa que poderia mudar o resultado final. Ele buscou perdão. E ele procurou a única pessoa que poderia perdoá-lo. Não apenas pelo ato de roubar como dinheiro, comida ou algum outro objeto, mas roubar de Deus - roubar respeito, roubar honra, roubar tudo o que Deus havia prometido. E ele egoisticamente desperdiçou tudo em si mesmo.

Este conto esclarece sobre o que realmente é o dom de Deus. É sobre o que acontece com cada pessoa quando deve estar diante de Deus: quando não é mais possível dissimular e disfarçar a verdade: quando não há mais tempo para acertar as coisas. Vamos nos aproximar de Deus de duas maneiras: não perdoado ou perdoado.

As palavras de Jesus deixam claro que aqueles que são perdoados recebem a única coisa de que precisam. Entrada no paraíso, que realmente significa entrada na presença de Deus; ruas de ouro, hino eterno canta, paz sem fim. Nada disso significa nada se Deus não estiver presente. Eu amo a representação do inferno de C.S. Lewis no livro O Grande Divórcio. O inferno não era sobre fogo e enxofre, pelo menos não no sentido físico. Sua descrição é de um desejo interminável por mais, sem esperança de encontrá-lo. As pessoas tinham todos os recursos de que precisavam, mas nunca estavam satisfeitas. As palavras de Jesus carregam duas mensagens. O primeiro que todos nós queremos ouvir. Nós queremos saber nós estaremos no paraíso. Mas o paraíso (pelo menos quantos o imaginam) se tornará monótono e se tornará seu próprio inferno sem a segunda mensagem. "Você estará comigo." É a presença de Deus que cria um verdadeiro paraíso. Imagine um tempo de adoração que dura 10.000 anos e parece que você cantou o primeiro verso da primeira música. Isso é o paraíso quando Deus (Jesus) está presente.

Quantas vezes a mensagem do evangelho se confunde rapidamente com ter "coisas" neste mundo? Tantos evangelistas e pregadores populares ligam o evangelho com boa saúde, tendo todas as nossas necessidades físicas supridas e sendo abençoados de muitas maneiras com coisas mundanas. Este evento na cruz coloca tudo isso em questão. Este homem nunca seria curado, ou ficaria bem. (pelo menos não no pouco tempo que o deixou na terra). Ele não seria resgatado da morte na cruz. Nenhuma promessa relacionada a nada disso foi oferecida. No entanto, uma coisa lhe foi oferecida, a eternidade com Jesus.

Tantas coisas são trazidas à tona pela cruz.

Isso significa que não haverá bênçãos, nem curas, nem benefícios? Não, porque Deus cuida de nós e provê o que precisamos. Muitas coisas mudam e melhoram por causa de nosso relacionamento mudado com Deus. Nossas atividades mudam e nossas finanças melhoram como resultado. Nossos desejos e apetites mudam e assim nossa saúde melhora. Aprendemos a amar os outros e nossos relacionamentos mudam e os quebrados são reparados. Mas, novamente, há o lembrete gentil de que isso nem sempre é verdade. Nada disso aconteceu com o ladrão na cruz. No entanto, ele se alegrou ao ouvir as palavras de Jesus e receber a única bênção que todo aquele que se arrepender receberá.

Para muitos, as bênçãos que receberemos serão muito diferentes do que queremos ou desejamos. As bênçãos se concentrarão no que precisamos e no que é necessário para que possamos ajudar outras pessoas a ouvir a mensagem e responder. Serão para aumentar nossa fé, aumentar nossa esperança, aumentar nosso amor.

Às vezes precisamos de recursos para que possamos servir e ajudar os outros. Às vezes precisamos de saúde para podermos fazer o trabalho que nos foi dado. Mas depois há as situações em que algo bem diferente será fornecido. Às vezes devemos aprender a viver em condições difíceis como forma de crescer em Deus e revelá-lo aos outros. Para alguns, a morte é o caminho para a verdadeira cura e para ajudar os outros a encontrar Deus.

Ao ler o Novo Testamento, lembro-me dos tempos em que o resgate, a cura e a provisão não eram fornecidos. James foi preso e martirizado. Paulo não foi curado. Stephen foi apedrejado. Saulo oprimiu e prendeu muitos crentes. Paul foi atacado e espancado muitas vezes. Há muitas referências a ser oprimido por causa de sua fé. Mas tudo isso não importava porque a única verdade não podia ser mudada. Cada um deles ouviu e recebeu a mensagem mais importante: “não importa o que aconteça, eu te perdô e você estará comigo no paraíso”.

Tenho visto missionários que estavam mais focados em garantir que vivessem confortavelmente na terra do serviço do que em proclamar a mensagem. Tenho visto visitantes que agiram de forma egoísta e sem preocupação sobre como suas ações impactaram a mensagem. Eles trouxeram seus presentes para conquistar as pessoas, mas deixaram seus corações em casa e assim sua mensagem foi manchada.

A cruz mantém as coisas muito claras. Se reservarmos um tempo para fazer uma pequena revisão, lembraremos que Jesus prometeu que todos os que o servissem fielmente teriam lutas neste mundo. Não seria uma vida de receber, mas uma vida de doação. Jesus deu sua vida não para que pudéssemos ter mais neste mundo, mas para que pudéssemos ter a única coisa que precisamos para nossa eternidade, seu perdão e sua presença.

É assim que devemos viver. Ter, mas não possuir. Vivo, mas não dependente da saúde. Pronto para viver ou morrer como Paulo estava para que o evangelho fosse proclamado. Entender como estar contente para que ninguém jamais confunda o verdadeiro conforto e paz com estar confortável.

Jesus falou sobre dois caminhos, um largo e perigoso, o outro estreito e reto. Os caminhos geralmente têm uma entrada, talvez até uma porta. Um homem perguntou a Jesus sobre as pessoas serem salvas em Lucas 13:23-24. Jesus lhe disse para fazer todo esforço para entrar pela porta estreita. Podemos ajudá-los a ver claramente o que as portas representam e entender por que uma é tão perigosa e a outra uma bênção?

O que os outros veem quando você proclama o evangelho? O que eles acreditam que vão receber se responderem? Qual é o coração da mensagem que você proclama? Você pode se tornar exatamente o que Cristo precisa que você seja e continuar vivendo dessa maneira para que eles ouçam a verdadeira mensagem com clareza? Então eles vão ver o que está atrás da porta e fazer a escolha certa?

BS - Leia as seguintes passagens sobre a verdade, João 8:31-32; Efésios 4:20-24; Colossenses 1:5-6; Tito 1:1-3. Escreva uma declaração definindo o que é a verdade e o que devemos dizer aos outros sobre a verdade.

PR - Revise sua vida pessoal e os objetivos e desejos que você tem. Eles representam uma pessoa que está seguindo a verdade ou alguém que misturou a verdade com os desejos e oais deste mundo? Como você seria capaz de determinar se o que você quer representa o desejo de seguir a verdade?

MT - Os missionários são pessoas chamadas a fazer sacrifícios fundamentais para que a verdade seja proclamada e para que as pessoas a quem são enviados possam entender claramente a realidade do pecado e a verdade de que Deus oferece a salvação a todos que crerem. Que ações, desejos e comportamentos de um missionário podem dificultar a comunicação dessa verdade? O ladrão queria ser salvo do sofrimento, escapar da cruz e viver uma vida melhor. É errado querer ajudar as pessoas a melhorar suas condições de vida? Os missionários podem ajudar as pessoas a ter uma saúde melhor, uma economia melhor sem prejudicar a verdade?

Paixão 67 - E havia família

João 19:25-27

Quantos de nós lutamos para entender os comentários de Jesus sobre odiar nossos pais se quisermos realmente amar e seguir o Senhor? Ou quando Jesus declarou que sua verdadeira família (mãe e irmãos) eram aqueles que obedeciam aos seus ensinamentos? Muitas vezes, quando a decisão de servir a Deus está em conflito com os desejos e vontades dos pais e da família, essas passagens são trazidas à tona para ajudar uma pessoa a colocar Deus antes da família. Mas é isso realmente o que Jesus estava dizendo ou pretendendo?

Digo isso porque aqui no final de sua vida, uma vida que obedece a ponto de sacrificá-la por toda a humanidade, ele faz uma pausa e vê sua mãe - a encarnação de tudo o que representa a família. Ela é quem o deu à luz, que o criou, que o viu crescer até a maturidade e realizar o ministério que lhe foi dado por seu Pai celestial.

Sim, houve momentos em que Mary se perguntou o que seu filho estava fazendo, até mesmo se perguntando se ele estava agindo de maneira sã. Sim, ela às vezes o colocava em posições incômodas, como nas bodas de Caná, pressionando-o a agir. Outra vez ela e seus outros filhos tentaram resgatá-lo, pelo menos essa era a intenção deles (Marcos 3:21). Eles achavam que sabiam o que era melhor para ele e talvez estivessem cansados da presença constante dos outros. Você pode imaginar como deve ter sido ter Jesus como seu filho ou seu irmão? As pessoas constantemente o atormentam com perguntas ou esperam que você as apresente a Jesus.

Jesus estava realmente nos dizendo que nossa família não é importante, que devemos ignorá-la e até abandoná-la?

Em algumas situações, essa pode ser a única decisão razoável. Um exemplo pode ser quando ouvimos o evangelho e escolhemos Jesus em vez da religião de nossa família ou escolhemos Jesus em vez de uma tradição vazia e perigosa. Sim, então Jesus se torna nossa verdadeira família; aquele que está lá para nos apoiar e cuidar de nós quando deixamos para trás, ou (como em muitos casos) somos expulsos por nossa família terrena. Ou pode ser verdade quando a família espera que seus filhos os sirvam acima de tudo ou quando espera que seus filhos encontrem um emprego que contribua para a estabilidade econômica da família em vez de obedecer a Deus. Ou pode ser quando a ajuda crítica é retirada porque eles não estão seguindo ou realizando as expectativas de nossa família. Já vi isso e ouvi pais dizerem que nunca deixarão seu filho servir ao Senhor porque não há lucro nisso.

Mas devemos negar em um sentido absoluto quem somos e nossa família? Jesus realmente quis dizer que devemos odiar nossa família? Isso seria contrário a todos os outros ensinamentos sobre amar os outros, até mesmo amar nossos inimigos e fazer o bem àqueles que nos maltratam. Ele realmente quis que cortemos nossos laços com nossa família e façamos dos da família de Deus nossa única fonte de família? Isso novamente seria contrário a grande parte do ensino da Palavra porque se refere a honrar nossos pais e cuidar deles mesmo quando estão longe de Deus.

Então, o que está acontecendo neste momento na cruz? É bastante claro que Jesus se preocupa com sua mãe. Ele está preocupado com o bem-estar dela. Ela está ficando velha e ele sabe que, como chefe da casa, não estará mais lá para cuidar dela como um filho deve fazer. Não está claro por que ele chama John para cumprir esse papel. Pode ser que nenhum de seus irmãos esteja lá. No passado, eles zombaram, ridicularizaram e rejeitaram sua atividade e sua afirmação de que ele está obedecendo a seu Pai no céu. Então, pode ser que eles não estejam em lugar algum e neste momento ele vê John e o chama para substituí-lo como filho de sua mãe e assim cuidar dela.

Deixando tudo isso de lado, o que vemos aqui é um filho que ama sua mãe; sempre amou sua mãe. Suas viagens o levaram para longe de casa, mas ela não esteve longe de seus pensamentos e orações (não consigo imaginá-lo sem orar e cuidar dela.) Ele a vê e cumpre um dever fundamental de um filho, especialmente o filho mais velho. Ele provê para ela.

Muitas vezes me perguntei o que faria se minha mãe não pudesse mais cuidar de si mesma. Observei outros missionários tirarem licença do trabalho para cuidar de um pai doente e, após a morte, retornarem ao trabalho para o qual Deus os chamou. Já vi outras pessoas que dependiam de outros membros da família para preencher esse papel e permanecer em campo e longe de casa. Estamos nesse lugar em nossas vidas. O pai restante para nós dois é nossa mãe. Por um lado, a família está perto. Mas, ouvi a preocupação na voz de minha esposa e vi como isso afeta seu comportamento quando sua mãe, que está tão longe, passa por um momento difícil com sua saúde. Felizmente, muitos dos filhos e filhas estão por perto e podem cuidar dela quando necessário. Também temos a sorte de ter um sistema telefônico que permite que minha esposa ligue para a mãe a qualquer momento.

Minha mãe tem a mesma idade. Enquanto estávamos nos EUA, compramos uma casa e nos mudamos para ela e seu marido. Eles são confortáveis e eu tenho um irmão a apenas alguns quarteirões de distância. Eles estão indo bem no momento e eu também posso ligar para eles e eles podem ligar se houver necessidade. Mas e se tudo isso mudasse? Eu seria obrigado a ignorar suas necessidades e permanecer resolutamente no meu trabalho? É isso realmente o que se espera que façamos?

Eu vivi em muitas culturas e ainda não encontrei uma onde isso seria completamente aceitável. Cuidar dos pais, ter certeza de que eles são cuidados quando você não pode estar lá é essencial para ser um verdadeiro filho. Preocupar-se com sua família é uma medida de maturidade e compreensão de quem é uma pessoa. As pessoas dessas culturas não esperariam que ficássemos e abandonássemos nossas mães. Eles não esperam que ignoremos as necessidades de nossas famílias.

Esta é uma opinião pessoal, mas acho que Jesus também não. Enquanto sua família lutava com o que Jesus estava fazendo, ele nunca fechou a porta para eles. Ele nunca os abandonou. Digo isso porque no final sabemos que dois desses irmãos se tornaram líderes-chave na igreja. Tiago, que era o líder-chave em Jerusalém e Judas, que escreveu o livro com seu nome. E por mais devastadora que tenha sido a crucificação, Maria permaneceu fiel. Ela foi para a sepultura, e ela e os irmãos estão listados entre os do cenáculo (Atos 1:14).

Somos chamados a nunca perder de vista nossa família terrena, enquanto obedecemos diligentemente à obra para a qual Deus nos chamou, seja como membro da igreja local, pastor ou missionário. Devemos cuidar de nossas famílias mesmo quando elas nos rejeitam. Eles precisam que nós os amemos e os ajudemos para que, quando for a hora certa, eles ouçam e sejam capazes de entender o que fazemos e por que fazemos.

Mesmo em meio à dor da crucificação, Jesus vê e se lembra de sua mãe. Somos lembrados de nunca perder de vista nossa família e suas necessidades. Eles precisam saber que nos importamos com eles, mesmo quando eles não se importam conosco. Eles precisam nos ver como fiéis em nosso serviço a Deus, mesmo que rejeitem esse trabalho. E se estamos entre aqueles que são duplamente abençoados por ter pais e familiares que nos apoiam e oram por nós, eles também precisam saber que não os perderemos de vista enquanto fizermos parte da família maior de Deus.

Precisamos manter os olhos abertos e o coração sintonizado com nossa família terrena, bem como com nossa família celestial. A obediência de Jesus ao Pai Celestial nunca impediu ou excluiu cuidar e amar sua família terrena. É uma âncora chave que ajuda a nos manter ancorados e conectados às pessoas ao nosso redor. Todo mundo tem família e nosso exemplo ajudará os outros a aprender como responder às suas famílias.

BS Leia as seguintes passagens Mateus 10:34-39; Lucas 9:23, 57-62, 14:26-27, 18:29-30. O que significa negar nossa família para seguir a Cristo? Isso significa que não nos importamos mais com eles e suas necessidades?

PR - Você já teve algum conflito com sua família por causa de uma decisão que tomou em sua vida sobre trabalho, amizades, casamento ou educação? Descreva brevemente a situação e o que aconteceu. Como a decisão final afetou seu relacionamento? A família de uma pessoa tem o direito de influenciar as decisões que ela toma? Essas decisões mudam a responsabilidade de alguém como membro de nossa família?

MT - Tornar-se missionário significa abandonar a família? Como a atitude de sua família afeta sua decisão de deixá-los ir para onde Deus está enviando você? Há quem não seja a favor da sua decisão? Deixar a família envolve separação e limitar nosso envolvimento em suas vidas. A pergunta final será: quem você ama mais? Olhe para o alcance total do impacto de amar a Deus mais do que sua família,

não apenas agora, mas o que isso pode significar para o desenvolvimento de seu relacionamento com Deus daqui a 10 anos, daqui a 20 anos.

Paixão 68 - Ser humano

João 19:28

Muitas vezes as pessoas no ministério são vistas como incríveis. Pessoas que quase podem andar sobre a água. Tenho vários amigos pastores que se referem a mim como “homem de Deus”. É um sinal de respeito, mas ser colocado em um pedestal pode ser enervante e criar expectativas que podem ser um pouco irrealistas e não humanas.

Quero dizer - eu não sou Jesus ou Paulo. Eu não sou Moisés ou Davi. Eu não sou Sarah ou Deborah. Eu sou apenas eu. Cada um deles serviu a Deus de maneiras incríveis e realizou milagres com o poder de Deus. Eles pareciam vir de outro mundo ou caminharam em outro plano de existência. É difícil imaginá-los tendo quaisquer lutas.

Então ouço estas três palavras da cruz: “Tenho sede”. Então eu percebo algo importante. Jesus e essas pessoas incríveis eram como eu - carne e sangue que tinham as mesmas necessidades, os mesmos limites físicos, como qualquer um de nós. Vamos rever os poucos nomes mencionados anteriormente e ver algumas de suas limitações.

1. Sarah – Ela seguiu obedientemente o marido até o desconhecido, mas não conseguia aceitar a ideia de ter um filho. Ela deu seu servo ao marido e, em um ataque de ciúmes, disse ao marido que abandonasse o filho dessa união para proteger seu filho.
2. Moisés – Aquele que conduziu o povo para fora do Egito e para a Terra Prometida. Ele reclamou que lutava para falar em público; ele pode até ter um problema de fala. Seu sogro viu que suas forças estavam diminuindo por causa das constantes pressões e demandas do trabalho e recomendou uma mudança estrutural na liderança para salvar o genro de si mesmo.
3. David – O verdadeiro fundador da monarquia. Aquele honrado por Deus e protegido por Deus. No entanto, ele foi vítima de seu orgulho e fez um censo do povo apenas para se regozijar com a grandeza de seu reino. Ele cometeu adultério. Muitas vezes ele chorava descaradamente que a vida não o estava tratando bem.
4. Maria – A mãe de Jesus. Ela obedientemente se submeteu a Deus e deu à luz o Messias. No entanto, ela desempenhou o papel da mãe interferente nas bodas de Caná. Ela tentou salvar seu filho que ela achava que estava um pouco perturbado com tudo o que estava acontecendo.
5. Paulo – O grande evangelista e escritor de tantos livros do Novo Testamento. No entanto, ele sofria de retrospectiva. Ele julgou mal Mark e teve um desentendimento feroz com seu melhor amigo. Tão sério foi esse desentendimento que eles seguiram caminhos separados.

Agora não podemos falar de Jesus da mesma forma que os acima. Eles foram vítimas de seus próprios desejos e vontades. Isso não aconteceu com Jesus. Mas vemos a humanidade de Jesus e suas limitações físicas de outras maneiras. Ele não tinha força e habilidade ilimitadas.

1. Ele estava tão cansado que dormiu no meio de uma tempestade.
2. Ele estava tão cansado do público que muitas vezes se retirava para lugares isolados e até mesmo deixava o país para escapar deles.
3. Ele às vezes ficava frustrado com o fato de que as pessoas simplesmente não o ouviam - até mesmo seus discípulos. Ele se perguntou quanto tempo levaria para eles entenderem.
4. E, naquele momento na cruz, ele estava com sede. Ele estava preso aos limites físicos de seu corpo.

Deus não espera que desafie as leis da natureza. Ele não espera que nos destruamos na tentativa de realizar o que pensamos ser necessário. Deus conhece nossos limites e eles são uma parte normal e aceitável de quem somos.

É um grande alívio ouvir essas palavras de Jesus em um ponto tão sério da obra que ele veio fazer". Estou morrendo de sede." Em certo sentido, ele estava dizendo, estou lutando fisicamente com o que devo fazer. Apenas um pouco de água ou algo assim me ajudará a continuar. Apenas um momento de descanso e descanso para que eu possa me reorientar.

Deus tem grandes coisas para nós fazermos. Ao mesmo tempo, eles são baseados e equilibrados com a realidade de que temos limites como humanos. Não podemos passar tanto tempo sem sono, água, comida e restauração. Funcionamos muito melhor quando nossas necessidades básicas são reconhecidas e atendidas.

Por exemplo, Deus sabia que Elias não seria capaz de sobreviver à fome que ele havia proclamado em nome do Senhor. Então Deus o enviou a um riacho e enviou corvos para alimentá-lo. Então ele o enviou a uma viúva e preparou um meio de fornecer comida para a duração da fome. Quando Deus disse a Elias para viajar ao Monte Sinai, ele também enviou um anjo para alimentá-lo e dar-lhe água para se preparar para a viagem.

Muitos dos milagres de Moisés dizem respeito ao fornecimento de água e comida para o povo. Havia uma grande tarefa pela frente, mas ela só seria cumprida à medida que as limitações físicas das pessoas fossem atendidas. Em várias ocasiões vemos Deus provendo comida para Davi e seu grupo; o pão do tabernáculo, a mulher de Nabal trazendo comida. Sansão, também, estava com fome e sede e Deus providenciou para ele. Cinco pães e dois peixes alimentaram uma multidão.

Deus não é insensível às nossas necessidades. Ele nos chamou para fazer grandes coisas em seu nome e, ao mesmo tempo, permitir, suprir nossas necessidades físicas. Este é o foco do Salmo 23. É uma parte fundamental da oração do Senhor. Não é errado cuidar de nossas necessidades físicas e recorrer a Deus para obter o que é necessário.

As pessoas podem tentar nos colocar em um pedestal e acreditar que missionários, ou qualquer um que sirva no ministério, pode fazer coisas incríveis. Mas a verdade é que eles não são mais incríveis do que ninguém. Eles têm as mesmas necessidades, os mesmos limites. Apenas uma coisa os diferencia. Eles estão dispostos a ir para onde são enviados e fazer o que lhes é pedido, mas cientes de que uma certa quantidade de tempo e recursos devem ser dedicados ao cuidado de seus corpos e suas necessidades.

Eu tenho tanta sede. Viver nos trópicos por 27 anos ajuda na apreciação do que é a sede e o valor de uma bebida para restaurar e revigorar. Uma pausa para um copo de água faz coisas incríveis na restauração

do foco e da energia. Uma pequena pausa pode ser a diferença entre terminar um trabalho e ficar exausto demais para terminar. Comer adequadamente é fundamental para conseguir terminar uma tarefa que pode levar anos. O abuso do corpo, ou a falta de cuidado com suas necessidades, pode trazer um fim abrupto ao ministério.

Jesus estava com sede. É verdade que ele tinha pouco tempo de vida, mas havia mais algumas palavras críticas a serem ditas. Seu corpo, sua garganta clamavam por um pouco de água ou qualquer coisa para satisfazer aquela necessidade. Sem essa umidade, ele pode não ter sido capaz de fazer Seus últimos comentários. Ele pode não ter durado o suficiente para completar mais algumas tarefas.

Não está claro por que ele esperou até este momento para declarar que estava com sede. Sabemos que no início ele recusou uma bebida. Mas agora ele precisava de umidade. Ele havia feito uma série de declarações críticas. Ele havia dito ao ladrão que o encontraria no paraíso. Ele perdoou os líderes. Ele gritou para seu pai. Ele cuidou de sua mãe. No entanto, havia mais uma declaração que precisava ser feita. Ele precisava declarar para todos ouvirem: "Está consumado". Tudo o que foi feito foi declarado suficiente. Mas sua boca estava seca, sua voz falhando e seu corpo exigia água se ele dissesse aquelas palavras finais.

Sou humano e tenho necessidades que devem ser atendidas e não é errado cuidar delas. Mesmo em meio a momentos e atividades importantes, não há problema em ser humano. Está tudo bem cuidar de mim. Ao fazer isso, será possível fazer o que Deus me chamou para fazer enquanto eu for chamado a fazê-lo.

"Estou morrendo de sede." Nada mais foi feito até que a sede fosse atendida.

BS - Leia Salmos 69:1-3 agora leia Salmos 23. Considere a realidade de suas limitações físicas. Quais recursos estão disponíveis para você quando sua força atinge seu limite?

PR - Quando você chega ao ponto em que não tem mais energia, o que você faz? Você desiste? Você sente pena de si mesmo? Você leva tempo para se recuperar e restaurar sua energia? Você olha para Deus e simplesmente pede a ajuda de quem precisa?

MA - É possível ser missionário e fazer todo o trabalho com suas próprias forças e habilidades? De quais recursos você precisará para poder fazer o que está além do limite de quem você é e do que é capaz de fazer?

Refleta sobre a seguinte afirmação: A verdade é que o trabalho sempre será mais do que você é capaz de fazer.

Paixão 69 - Entregando tudo

Lucas 23:46

Em suas mãos entrego o trabalho. É difícil dizer qual das duas últimas palavras de Jesus veio por último. "Está consumado" ou "Em suas mãos entrego meu espírito." Mas para mim parece fazer mais sentido primeiro dizer que o trabalho está feito e depois entregar tudo para quem está no controle. Eu fiz o trabalho que me foi dado e agora é hora de sair.

Jesus passou 33 anos neste planeta. Os primeiros 30 foram para aprender sobre a vida e uma cultura específica para que ele pudesse fazer a tarefa que lhe foi dada. Então ele passou os próximos três anos preparando um grupo-chave para serem os futuros líderes, bem como preparando o cenário para o motivo de sua vinda e vida entre nós. Os próximos passos envolviam obediência. Primeiro, manter as coisas em foco e completar o trabalho e, então, deixar ir para que o Pai possa pegar esse trabalho e aplicá-lo ao mundo.

Jesus sabia de antemão que chegaria o dia em que sua parte na obra terminaria. Haveria um dia em que ele teria que partir. Ele disse isso aos discípulos em várias ocasiões. Ele falou sobre ir preparar um lugar para eles se juntarem a ele. Ele falou sobre enviar o Espírito Santo para tomar seu lugar e fornecer tudo o que eles precisassem. Ele orou por eles para que fossem fortalecidos por Seu Pai para a tarefa de assumir o trabalho para ele.

Até ele partir, dependiam dele para tudo. Enquanto ele os enviava para praticar e crescer, eles sempre souberam que ele não estava longe para cuidar das coisas que eles não podiam e responder às suas perguntas. E a menos que ele soubesse, isso não mudaria. Eles resistiriam a deixá-lo. Mas ao escolher deixar ir e ir embora, as portas se abriram para uma possibilidade totalmente nova; uma realidade que lhes permitia ir a qualquer lugar e Jesus estar sempre com eles.

Este é um dos desafios centrais que todos os que trabalham na missão de Deus enfrentam. Todo aquele que está empenhado em fazer discipulado, em servir e ensinar para que um dia possa sair e entregar tudo nas mãos do Pai.

Isso significa fazer exatamente o que Jesus fez.

Primeiro, significa dedicar tempo suficiente para entender aqueles a quem servimos.

Quando eu estava no seminário, um ponto-chave de ênfase em minhas aulas de ministério pastoral era o tempo necessário para ser um pastor eficaz. Como estudantes, fomos instruídos repetidamente a planejar pelo menos três anos de aprendizado e desenvolvimento de relacionamentos; de entender as pessoas de sua igreja, a comunidade em que viviam e a melhor maneira para servi-los. Se gastássemos esse tempo construindo cuidadosamente as conexões, seríamos capazes de pastorear essa igreja e ser eficazes em discipular aqueles que fomos chamados para pastorear.

Não sei de onde tiraram a ideia de três anos, mas faz muito sentido ao rever minha vida como missionário. Leva tanto tempo para começar a ser fluente em um idioma. Leva tanto tempo e mais para iniciar o processo de compreensão de uma cultura. Leva tanto tempo para avaliar as necessidades e ser capaz de desenvolver os recursos e relacionamentos que serão essenciais para ter um ministério verdadeiramente frutífero.

Tantos ministérios e ideias não permitem ou procuram acessar essa verdade e simplesmente lançam um programa apenas para terminar em fracasso. Muitos pensam que um plano de 3 pontos ou uma abordagem de 5 etapas funcionará em todos os lugares sem nunca considerar a necessidade de construir relacionamentos e confiança.

É claro que um ministério significativo pode acontecer em menos de três anos e às vezes levará mais. Mas a chave é que precisamos entrar em todas as situações como um aluno - um aprendiz primeiro - aberto a ser ensinado por toda parte como viver. Assim como uma criança aprendendo a rolar,

engatinhar e andar antes de poder correr. Foi isso que Jesus fez. Eu me pergunto quantos de nós estariam dispostos a dar uma vida inteira, como Jesus fez, para aprender a melhor forma de servir e ensinar.

Em segundo lugar, significa comprometer-nos a ensinar o que aprendemos.

Não se trata apenas de ensinar as coisas que aprendemos em um livro, em uma aula ou em nossa vida. Essas coisas são fortemente influenciadas por nossa cultura e nossa maneira de fazer, ensinar e viver. Não, significa nos comprometermos a ensinar essas lições no contexto sobre o qual aprendemos com tanta diligência. Ensinar e partilhar a vida em contexto; através da sua vida, da sua forma de aprender, da sua forma de viver. Pode significar aprender novas maneiras de ensinar. Pode não haver etapas a seguir ou pode haver etapas que nunca consideramos.

Jesus aprendeu a ensinar em parábolas com base em suas observações da cultura e da vida do povo. Ele escolheu o estilo de ensino que era relevante para aquele lugar e cultura, o de um mestre com seu grupo de alunos que compartilhavam uma vida comum de viver e trabalhar juntos. Paulo escolheu um estilo diferente; enquanto morava em Éfeso. Tornou-se professor no estilo de um filósofo grego, montando uma turma onde as pessoas vinham debater e ouvir o mestre mestre.

Eu gostaria de poder dizer que acertei em todas as situações em que vivi. Só o tempo irá dizer. Mas o objetivo é estar sempre aprendendo mais sobre a cultura e as pessoas para que os métodos de ensino e discipulado sejam sempre tão eficazes e adequados quanto possível.

Terceiro, significa perceber desde o início que chegará o dia em que precisaremos partir.

Precisamos aceitar o fato de que algum dia nossa parte na obra estará terminada. Não podemos ficar para sempre, mesmo que queiramos. Essa percepção nos manterá focados e nos ajudará a ver quando nossa parte na tarefa acabou. Ele fornecerá a estrutura de que precisamos para preparar aqueles que um dia assumirão o trabalho que estamos fazendo. Isso nos ajudará a manter nossa humildade e a percepção de que, exceto pelo chamado de Deus e pelos dons que recebemos, não seríamos capazes de fazer o trabalho.

Perceber e planejar nossa partida nos ajudará a fazer um melhor trabalho de preparação. Isso nos ajudará a estar mais dispostos a permitir que aqueles que estamos ensinando tenham a oportunidade de compartilhar no trabalho. Estaremos mais dispostos a deixá-los ter oportunidades de estar no comando e até mesmo nos liderar quando eles tiverem uma ideia melhor.

Isso nos preparará para o dia em que teremos de entregar o trabalho a outros.

Muitos não mantêm isso em foco e, quando saem, ninguém está pronto para liderar, e os problemas se seguem. Eles criaram seu próprio pequeno reino e todos dependem deles. Nada foi feito sem a sua aprovação e supervisão constante. Erros não eram permitidos e muitas vezes eram tratados com severidade. Não houve intenção de treinar ninguém para assumir. Esse tipo de pessoa nunca considerou o que aconteceria se não pudesse continuar o trabalho. Como resultado, quando partiram, ninguém sabia o que fazer ou como liderar. Isso resultou na confusão, desperdício e término do trabalho por falta de alguém que estivesse preparado para mantê-lo.

A realidade é que ninguém é permanente. Não podemos garantir nossa presença contínua de forma alguma. Também não podemos garantir nosso suporte contínuo. Jesus poderia ter ficado. Mas ele não o

fez. O que ele fez foi melhor... Ele foi embora. Além disso, ele se certificou de que os discípulos entendessem o trabalho e os deixou no comando. Além disso, ele os deixou saber que, ao contrário de um líder humano, ele poderia garantir sua presença e ajudar, mas apenas saindo. Em certo sentido, podemos fazer o mesmo se formos sábios. Podemos sair. Podemos garantir que, quando partirmos, aqueles que treinamos entendam perfeitamente como realizar o trabalho. E enquanto não podemos enviar o Espírito Santo, podemos deixá-los com algo - nossa confiança neles e o exemplo de nossa vida de serviço e confiança no Senhor.

Todos nós vamos sair em algum momento. Isto é parte da vida. A sabedoria determina que sigamos o exemplo de Jesus e nos certifiquemos de que aqueles com quem trabalhamos estejam preparados para assumir o trabalho quando esse dia chegar.

BS - Leia 2 Timóteo 2:1-7. Considere de onde vêm as ordens do soldado, qual é o verdadeiro prêmio para o atleta e quais são realmente os primeiros frutos da colheita? Primeiro, pense na resposta como alguém que deseja ter controle total e, em seguida, considere-a novamente da perspectiva de alguém que deseja que o nome de Deus seja honrado.

PR - É um pensamento sério considerar os resultados da minha vida e o que acontecerá depois que eu me for. Pare e pense em como você está investindo na vida dos outros. Você está ensinando seus filhos como viver ou como depender de você? Você está ajudando seus colegas de trabalho a serem mais competentes em seu trabalho ou não se importa com o que eles fazem? Você faz parte de um programa que ajuda a desenvolver a próxima geração ou quer apenas estar no controle?

MT - Em nenhum lugar essa questão se torna mais aparente ou mais sensível do que quando se trabalha transculturalmente. É sempre mais fácil dizer às pessoas o que fazer e nem mesmo explorar o que os outros pensam sobre o que está sendo feito. É sempre mais fácil fazer com que eles dependam de você para obter orientação e não perder tempo para ver que você pode precisar depender deles. É sempre mais fácil liderar do que seguir. Por que isso seria mais evidente quando pessoas de duas culturas estão trabalhando juntas? Por que isso poderia ser uma fonte de grande tensão? Como isso poderia ser resolvido?

Paixão 70 - Nunca mais, para sempre

João 19:29

Você percebe que nada neste mundo é permanente? E que nada dura sem cuidados e manutenção constantes; que no momento em que você deixa de se importar com algo ele começa a se deteriorar e desmoronar?

No entanto, usamos palavras como acabado, feito, concluído e outras para sugerir que o que estamos fazendo não exigirá mais atenção.

Considere os seguintes exemplos:

Relacionamentos – Eles nunca são totalmente desenvolvidos, perfeitos. Eles estão sempre em um estado de fluxo e mudança. Por quê? Porque nunca podemos saber tudo sobre outra pessoa, saber

exatamente o que ela está pensando, antecipar tudo o que pode acontecer, nem responder corretamente a tudo o que ela está fazendo.

Trabalho – O trabalho que fazemos nunca termina. É um ciclo constante de repetir o que fizemos no passado. Os agricultores devem plantar todos os anos. Trabalhadores de escritório repetem várias vezes o mesmo trabalho para manter os planos do chefe avançando. Mesmo que o chefe termine de desenvolver seu plano, executá-lo exigirá supervisão e adaptação constantes.

Maquinário – A construção ou montagem de uma máquina pode estar concluída, mas a manutenção está apenas começando. E mesmo com muito cuidado, eventualmente cada máquina, cada ferramenta, cada objeto criado para realizar uma tarefa, acabará se desgastando e precisará ser feito novamente.

Edificações – O empreiteiro pode dizer que a obra está concluída, mas a verdade é que está apenas começando. Quanto melhores os materiais, mais tempo a construção durará. Mas ainda com o tempo haverá decadência. Mesmo os objetos construídos para durar, como as pirâmides, finalmente começam a desmoronar.

No entanto, aqui na cruz Jesus declarou que sua obra estava terminada. Esta foi a única vez na história que esta afirmação foi verdadeira e a única vez que será verdade de qualquer coisa feita por um ser humano. A obra na cruz nunca precisaria ser repetida e nunca precisaria ser melhorada. Não haveria necessidade de manutenção e serviço ou reparo a ser feito. Foi concluído naquele dia.

Jesus veio para salvar a humanidade do pecado. Ele deu sua vida e o sacrifício foi completo. Ele obedeceu e a sepultura foi conquistada. Ele veio para trazer paz e nos reconectou com nosso Criador para sempre. Ele veio para derrotar Satanás e o deixou em ruínas. Neste ato ele cumpriu verdadeiramente as palavras de Isaías sobre vir para libertar os cativos. Ele veio para cumprir as promessas sobre o Messias e o fez sem perder nenhuma, até revelando algumas que as pessoas não tinham visto.

Essas palavras, “está consumado”, criam um fundamento imóvel que nunca mudará e representa o cumprimento da promessa de Deus de fornecer uma resposta à nossa necessidade e uma promessa relacionada a tudo o que está por vir.

A dívida do passado está paga. As riquezas do futuro estão garantidas. "está terminado." Esta é uma promessa sobre a qual construir nossas vidas.

Infelizmente, muitos tentam acrescentar a isso e nos dizem que devemos fazer mais, que a obra que Jesus fez não foi suficiente. Basta olhar para todas as falsas religiões e falsas crenças que foram criadas pelo homem para minar essas palavras de Jesus. Às vezes, lutamos para acreditar que acabou. Por alguma razão, acreditamos que sabemos melhor e por isso adicionamos nossa própria interpretação falsa:

Acabou quando...

Você vai à minha igreja – infelizmente o denominacionalismo ou o egoísmo não está completamente morto. Ainda existem grupos e indivíduos afirmando que só eles conhecem a verdade; que sua fórmula específica (também chamada doutrina) contém a verdade real. Apenas aqueles b aptos da maneira correta pela pessoa correta são verdadeiramente destinados ao céu.

Você segue essas regras – enquanto isso soa muito como denominacionalismo. Não é. Pessoas de qualquer denominação podem lhe dizer que, para que a obra de Cristo seja completa, há mais que você deve fazer. O arrependimento não é suficiente. Você deve seguir um conjunto especial de regras antes que você possa realmente ser salvo. O termo oficial para isso é legalismo.

Você segue minha interpretação do cosmos – alguns dizem que Jesus foi um grande homem e fez grandes coisas, mas ele não pode salvar ninguém. Ele foi um grande exemplo e um grande professor, mas não pode levá-lo à verdade suprema. Nada está acabado. Há muito mais a fazer. Estamos todos em uma jornada e se fizermos o nosso melhor podemos nos tornar como Jesus. Este é o falso hino de todas as falsas religiões do mundo.

Poderíamos continuar esse tipo de pensamento e repetir a ideia várias vezes, mas seriam simplesmente variações desses três conceitos. Na verdade, existe uma outra possibilidade, mas é bem diferente.

Acabou quando...

Você morre. Muitos acreditam que naquele momento não há mais nada. Nada realmente importa porque no final você está simplesmente morto. Você não pode alcançar nenhum plano superior de existência ou entrar em nenhum tipo de céu ou futuro porque eles não existem. O melhor que você pode fazer é viver certo (um conceito que tem uma infinidade de definições) e ser a melhor pessoa que você sabe ser (novamente uma infinidade de interpretações do que isso significa). um estado melhor do que quando você o encontrou. (Mas o que isso realmente significa?)

Não importa qual dessas ideias é usada, elas têm o mesmo resultado. Outros tentarão convencê-lo de que o que Jesus fez não foi suficiente. Nada foi concluído. Esta é uma repetição da mentira no Jardim; você pode ser Deus ou só você pode fazer o suficiente para se salvar. A verdade é que nunca podemos ser como Deus e é impossível fazer o suficiente para nos salvar ou restaurar. Da mesma forma, não há nada que possamos fazer que seja suficiente para resolver qualquer assunto inacabado na cruz. Isso envolveria a implicação de que Deus não poderia terminar o que precisava ser feito, o que implica ainda que Deus é limitado de alguma forma, o que nos deixa com um deus e não com Deus.

Então, quando Jesus declarou tão claramente: “Está consumado”, ele estava deixando claro para todos nós que Deus sabia o que estava fazendo e que esse ato seria tudo o que precisava ser feito para restaurar nosso relacionamento quebrado. Ele declarou que apenas duas coisas seriam necessárias, nossa aceitação desta verdade e nosso arrependimento como evidência dessa aceitação.

Esta declaração define o trabalho das missões. Está terminado. Temos uma mensagem a dar. Está terminado. Outros só precisam encontrar Jesus e aprender sobre o amor de Deus e o que Deus fez para acabar com o reino do pecado em suas vidas.

Eles não precisam se tornar como nós de outra forma além de seguir Jesus e ser uma testemunha para os outros. Eles não precisam aprender uma língua especial, uma maneira especial de viver, eles nem precisam aprender nossa cultura. Eles não precisam fazer tantas coisas que nós, muitas vezes em erro, sugerimos ou sugerimos que seria bom fazer.

Isso significa que não deve haver mudanças? Não. haverá mudanças. Mas não para torná-los aceitáveis a Deus. As mudanças virão quando essas palavras, “está consumado”, entrarão em suas vidas e revelarão a eles por que Jesus teve que vir, teve que viver e teve que morrer por eles. Essas mudanças não serão

feitas para de alguma forma tornar a obra de Jesus eficaz, mas sim para revelar o impacto da obra consumada de Deus em suas vidas.

Isso significa que vamos parar de viver, parar de crescer, parar de precisar trabalhar em nossos problemas? Não. Esta é uma parte normal da vida. Precisamos viver, crescer, trabalhar para desenvolver quem somos e lidar com os problemas que surgem por causa de nossas ações e nossas limitações. Mas isso será mais fácil de lidar sabendo que Deus terminou o trabalho principal. Somos perdoados e, portanto, é possível nos tornarmos tudo o que Deus pretendia que fôssemos. É possível viver uma vida que conduz os outros à mesma verdade. É possível começar a experimentar um pouco do céu aqui porque está acabado.

Que alívio saber que não preciso descobrir o que precisa ser mudado, o que precisa ser feito para que os outros sejam aceitáveis. Jesus cuidou disso. Ele perdoou a todos nós. Ele nos disse que, se recebêssemos esse perdão, estaríamos no céu. E para finalizar essa verdade, ele declarou para que todos ouvissem que tudo o que era necessário para que isso acontecesse estava feito. Foi concluído.

Essa é a nossa tarefa e nada mais. Declare a todos: 'Está consumado.' Jesus está esperando por todos aqueles que aceitam esse fato e escolhem andar nessa verdade.

BS - Leia o seguinte 1 Reis 19:16, 19-21; 2 Reis 2:1-14. Esta é a história de uma transferência de trabalho de um profeta para outro. O que você pode aprender sobre como preparar outras pessoas com essa história?

PR - Já foi responsável pela formação de outra pessoa? Quais eram suas responsabilidades? Você já foi convidado a tomar cuidado de outra pessoa? O que você fez? Você apenas tentou preencher o tempo até que seu trabalho fosse feito ou investiu um pouco de si mesmo nesse tempo?

MT - Um dos fatos que devemos manter claramente em foco é que o que estamos fazendo é apenas temporário. Algum dia partiremos e outros serão responsáveis pelo trabalho. Para que o trabalho continue sem problemas sérios, o que devemos começar a fazer desde o primeiro dia em que chegamos.

Paixão 71 - O grito

Mt 27:45-56 (Mc 15:33-41; Lc 23:44-45; Jo 19:28-37)

Jesus grita. Não faço ideia do que ele grita. Talvez fosse uma das duas últimas palavras. "Em suas mãos entrego meu espírito" (Lucas sugere isso) e "está consumado." (João favorece esta.) (Mateus e Marcos a consideram independente de qualquer outra declaração. Um último grito.) Qualquer um desses dois declarações são palavras apropriadas para desencadear uma cadeia de eventos que deixaria as pessoas aterrorizadas, atônitas e até convencidas.

1. Houve várias horas de profunda escuridão até este momento, como se a criação estivesse tentando se esconder da visão do que está acontecendo.

2. A cortina do templo é rasgada em duas de cima para baixo. A ação humana poderia começar na parte inferior e rasgá-la para cima, mas aqueles que observavam claramente observaram que ela foi rasgada de cima para baixo.
3. A terra começa a tremer e tremer. A terra estremece com a maior caricatura da verdade que a criação já testemunhou.
4. As pessoas estão aterrorizadas. Isso só faz sentido. Depois de horas de profunda escuridão e agora um terremoto, quem não teria medo?
5. Os túmulos são abertos. Rochas que permaneceram no lugar como guardas silenciosos dos mortos, algumas por séculos, são jogadas de lado em um momento. Nenhum número é dado de quantos, mas o suficiente para fazer com que a informação seja incluída; suficiente para perturbar ainda mais uma população já assustada.
6. A confissão é dada por um dos que participaram da crucificação de Jesus; aquele que testemunhou todo o evento, ouviu as palavras, sentiu a escuridão e a terra tremer. No final, suas palavras gritam a verdade. “Verdadeiramente este era o filho de Deus.” Esta não é uma ideia impossível para um romano que acreditava que seus deuses frequentemente dormiam e davam à luz descendentes humanos/divinos. Mas é uma afirmação improvável para ele considerar uma raça rejeitada e conquistada como a fonte de um ser divino.
7. Mortos-vivos. Não o material zumbi dos filmes de terror modernos, mas sim pessoas de fé, pessoas que serviram a Deus. Essas pessoas não vieram para aterrorizar ninguém, mas para ajudá-los a ver a verdade de que Jesus era/é o filho de Deus. Novamente, não há ideia se isso aconteceu imediatamente ou no tempo após a morte real de Jesus ou quantos relatos houve. No entanto, mais uma vez, houve o suficiente desses eventos para fazer com que as pessoas repetissem as histórias e percebessem que havia um número bastante grande dessas aparições.

O comentário após todas essas instâncias é que Maria e as mulheres observavam à distância.

Como seria ver tudo isso acontecendo? Para vê-los trazer Jesus, pregá-lo na cruz, e ver os líderes e soldados abusarem dele e ridicularizá-lo. Para ouvir as palavras ditas. Palavras que refletem a dor de um ser humano sofrendo. Palavras que revelaram a profundidade do amor de Deus e oferecem esperança a todos nós perdidos em nosso pecado. Sentir a escuridão enquanto cobria o monte e depois o tremor da terra enquanto estremeceu em descrença de que a humanidade pudesse fazer tal coisa com seu criador.

Para lembrar, sabendo como tudo começou. Aquele incrível milagre de seu nascimento. A singularidade e simplicidade de sua vida como uma criança. O turbilhão de ministério e ensino como um adulto. E agora a passagem torturada de sua vida. Observando e se perguntando se tudo acabou, se aquela centelha de vida que começou em seu corpo foi apagada diante de seus olhos? Quer saber como a promessa de Gabriel, de que seu filho se sentaria no trono de Davi para sempre, seria cumprida? Ela viu as mesmas pessoas sobre quem ele reinaria causar sua destruição. Querendo saber sobre suas palavras de amor e esperança e o reino de Deus e percebendo que nem mesmo seus seguidores mais próximos (além de João) tiveram a coragem de permanecer e ser contados como Seus seguidores, ou mesmo como amigos?

Ver todos os sonhos e esperanças sendo destruídos e então ouvir aqueles dois gritos finais.

Eram gritos de dor, gritos de angústia, gritos de desespero?

Se isso fosse tudo o que as pessoas ouviram, apenas o barulho do grito, duvido que tivessem visto ou ouvido qualquer um dos outros eventos listados acima. Por que a terra deveria escondê-lo na escuridão se ele merecia morrer? Por que a cortina do templo se romperia se seu sacrifício não significava nada? Por que um soldado romano mudaria de ideia e decidiria, em oposição a todas as ações das autoridades, que eles estavam errados e que Jesus era quem dizia ser? Por que a terra tremeria se este fosse apenas mais um pecador morrendo por seus pecados?

Ou eram gritos de vitória, gritos de poder, gritos de esperança?

Se foi isso que Mary e os outros viram e ouviram, então a resposta faz sentido. Eles se encaixam nas duas últimas palavras registradas de Jesus. Palavras que sugerem vitória, não derrota. "Está terminado." Realizei o plano com sucesso. Completei o trabalho necessário para prover salvação a todos os que crerem. "Em tuas mãos entrego meu espírito." São palavras de confiança. Eu sei quem sou e sei onde pertence. Sei que meu trabalho me foi dado por meu Pai e porque o completei sei que nunca me separarei de meu Pai que me enviou. Tenho um lar, um Pai que me ama e posso confiar nele em tudo que fiz. Ele vai pegar tudo isso e guardá-lo para que todos um dia saibam por que eu vim e a profundidade de seu amor por todos.

O grito.

"Está consumado", todo o planejamento, toda a preparação finalmente realizou a salvação de todos os que crerem." Em suas mãos, Pai." Satanás perdeu tudo o que esperava ganhar. Ele achava que tinha controle sobre toda a humanidade. Ele pensou que poderia provar isso tentando Jesus e depois destruindo-o. Mas tudo o que ele fez, todas as tentações, ataques e conivências só tornaram sua perda mais profunda e definitiva. Ele perdeu e seu reino agora está destruído porque o espírito de Jesus pertence, sempre pertenceu, ao seu Pai.

Pense em nossos momentos mais sombrios. Aqueles dias, semanas e meses em que parecia que tudo o que havíamos tentado fazer estava prestes a ser destruído. Aqueles sacrifícios que havíamos feito pareciam ter sido esforço desperdiçado. No momento em que gritamos, o que estávamos pensando? Em que nós confiamos? Será que realmente entendemos que não existe derrota ao servir ao governante do céu? Será que realmente entendemos que nenhuma tragédia é impossível para ele superar, até mesmo usar, para revelar sua presença e amor?

Vemos muito rapidamente a impossibilidade de uma situação, o dano que é possível, os recursos que serão perdidos e o custo da recuperação. A morte de um líder-chave como mártir, como Estêvão, não é um evento positivo e poderia ter sido visto como evidência do poder e existência contínuos de Satanás e seu domínio.

Mas a verdade é que os eventos impossíveis e negativos são muitas vezes a porta para a vitória de Deus. Isso significa que a perda de uma avenida de recursos pode realmente ser a oportunidade de ver quão extensos são os recursos de Deus e abrir novos caminhos de acesso a eles que não eram possíveis antes.

Com base nessa verdade, podemos ver que a morte do mártir não é a evidência do poder e domínio de Satanás, mas realmente a prova de quão limitado é seu poder. Ele tem que recorrer a um ato desesperado, o assassinato de um crente. Ele orquestrou as mortes de Tiago e Estêvão no Novo

Testamento na esperança de silenciar a mensagem do evangelho. Mas em vez de silêncio, um grito maior se ergueu. As pessoas da igreja primitiva só falavam mais alto e mais forte. Em vez de restringir a propagação do evangelho, o clamor cresceu e se expandiu.

Jesus chegou a este momento e, em vez de abaixar a cabeça de vergonha, em vez de choramingar, em vez de ceder, levantou a cabeça para que todos pudessem vê-lo. Em vez de ficar em silêncio, ele levantou a cabeça para poder gritar. Em vez de ceder e morrer, ele entregou seu espírito e o futuro do plano ao Pai e àqueles designados para continuar o trabalho.

Vamos enfrentar esses momentos. Momentos em que tudo parece escuro. Nós nos encontraremos no vale da sombra da morte de Davi. É lá que aprenderemos quem realmente somos e a verdadeira natureza e poder do Deus que nos ama e a quem servimos. Vamos entender a orientação disponível para nós, a vara e a equipe. Entenderemos a bênção que nos espera, o banquete, um banquete preparado para que nossos inimigos entendam quão fúteis são seus esforços para destruir tudo o que Deus está realizando em nós e através de nós no mundo.

Jesus nos desafiou a tomar nossa cruz e segui-lo. Uma cruz que traz revelação, uma cruz que dá força, uma cruz que abre a porta para a presença e a verdade de Deus.

Estamos prontos para gritar? Deus é capaz de levar a termo a obra que deseja realizar através de nós? Sabemos que podemos colocar nosso espírito nas mãos capazes de Deus? Acreditamos que não é sobre nós, mas sobre Deus em nós?

Esta é a missão. Isto é o que somos chamados a fazer. Grite a vitória que é nossa.

Não se trata de quantos conquistamos, mas de quantos veem a Deus por causa da fé que depositamos nele em todos os momentos de nossa vida. Nossa presença e participação podem chegar ao fim, mas se tivermos andado com Deus e feito o que fomos chamados a fazer, e colocado com confiança em suas mãos, nunca deixará de produzir frutos.

Quando seu tempo acabar o que você vai fazer? Você será capaz de gritar? Você entregará tudo a Deus em um grito de confiança do que Ele fará depois que você se for?

BS - Leia Josué 6:8-20; 1 Samuel 4:5; Esdras 3:11; Salmo 33:3, 47:1, 66:1, Isaías 12:6; Zacarias 2:10. Essas passagens descrevem eventos em que as pessoas estavam gritando. O que você pode aprender sobre o significado e o poder de um grito?

PR - Você já participou de uma competição? Você ganhou? Como aquilo fez você se sentir? Se não, você observou os resultados quando uma equipe vence? Qual é a primeira coisa que um time vencedor e seus torcedores costumam fazer? Qual é o efeito dessa ação na equipe e nos outros?

MT – gritar pode ser negativo. Que ações ou eventos podem fazer com que as pessoas gritem dessa maneira? Quando Jesus estava diante de Pilatos, não havia alegria, nem festa, mas o povo gritava. Por quê? Como você responderia? Quando Paulo estava falando ao povo em Jerusalém, eles ficaram em silêncio até que ele fez um comentário e então eles começaram a gritar e atacar (Atos 22:19-22). Como cristãos, nossa mensagem pode trazer alegria e causar raiva. Como esse conhecimento afetaria seu ministério?

Paixão 72 - Enterrado com provas

Mateus 27:57-61 (Mc 15:42-47; Lc 23:50-56; Jo 19:38-42)

O dia está quase no fim. A lei judaica entra em ação. Ela não permite que um cadáver seja deixado pendurado depois de escurecer. Portanto, medidas devem ser tomadas para garantir que esses três homens estejam mortos e não possam ser revividos. Eles quebram as pernas dos ladrões, o que garante a morte por asfixia em minutos. Eles vêm a Jesus e descobrem que ele está morto. Mas para ter certeza um soldado perfura seu lado com uma lança até que ele penetre no coração. Se Jesus não estava morto, ele está agora.

Mas e agora? Se ninguém reivindicar o corpo, ele será jogado em uma vala comum e deixado para apodrecer. O tempo está ficando curto. O sol está se pondo e os soldados estão pensando em terminar o trabalho, se livrar dos corpos e voltar para casa. Uma pessoa sente o que está prestes a acontecer e corre rapidamente para Pilatos para pedir permissão para cuidar dos restos mortais de um grande mestre.

Ele recebe permissão. Com a ajuda de outro amigo, eles compram um pano de enterro e especiarias. É feito com pressa. O tempo é curto e eles devem estar em casa antes que o sol se ponha e o sábado comece. Eles fazem o possível para seguir as tradições funerárias judaicas. Mais uma coisa é necessária, uma sepultura. Mais uma vez, eles são forçados a tomar uma decisão rápida. Não houve aviso prévio, nenhuma antecipação de que uma sepultura precisaria ser preparada. Não há tempo nem para cavar um buraco, muito menos para esculpir uma tumba na encosta. Assim, um dos dois oferece o uso de seu túmulo recém-concluído. Eles rapidamente colocam o corpo dentro e rolam a pedra no lugar para selá-lo.

Enquanto tudo isso acontece, somos informados de que as mulheres os seguiram, observaram os preparativos e tomaram nota da localização do túmulo. Diz ainda que decidiram que seriam necessários mais cuidados, embora o que havia sido feito para preparar o corpo fosse adequado. Então eles saíram e prepararam mais especiarias e perfumes para que pudessem voltar e fazer um trabalho adequado de cuidar do corpo de Jesus.

Para mim, o importante aqui não é o processo de obter o corpo, preparar e enterrar o corpo. O importante é a maneira obviamente pública como foi feito e as pessoas que o estavam fazendo. Dois homens - homens respeitados, homens ricos, líderes do povo e membros do Sinédrio tomaram uma decisão. Podemos perguntar por que eles esperaram para mostrar sua fidelidade a Jesus até que fosse tarde demais. Sim, poderíamos, mas a decisão deles naquele momento não foi menos difícil, nem menos perigosa. Poderia ter um efeito de longo alcance em suas vidas e posição.

Eles escolheram respeitar o homem que o Sinédrio havia condenado. Eles deram um voto poderoso, afirmando que a decisão estava errada, era uma farsa. Eles fizeram isso de uma maneira muito pública.

1. A pessoa viu a situação e foi diretamente a Pilatos para obter permissão para cuidar do corpo de Jesus. Isso não ficaria bem com o resto dos líderes que simplesmente queriam que Jesus fosse embora. Não apenas morto, mas enterrado e esquecido. Tratado como qualquer outro ladrão. Enterrado em uma

cova comum, sem identificação. Ter um pedido próprio do corpo significava que isso não iria acontecer. Todos ouviriam e saberiam onde estava o corpo.

2. O outro viu isso e optou por apoiar o irmão nos cuidados com o corpo. Eles gastaram seu próprio dinheiro para fornecer o que era necessário para enterrá-lo adequadamente. Novamente, essa ação contradiz tudo o que o Sinédrio havia dito e feito para se livrar de Jesus. Ele não era um deles, não merecia ser tratado com respeito, mesmo na morte. No entanto, aqui novamente, estavam dois homens agindo em desafio à decisão e desejo do conselho.

3. Juntos, eles abaixaram o corpo e cuidaram dele. Este foi um momento difícil. Tal ação faria com que eles se tornassem cerimonialmente impuros. Essa ação significava que eles não podiam celebrar um sábado adequado ou entrar no templo até que fossem limpos da mancha de tocar um corpo morto. Suas tradições de repente perderam qualquer significado para eles e novamente eles estão em oposição direta ao Sinédrio e à cultura do legalismo que definiu sua vida por tanto tempo. Não consigo imaginar o que seus companheiros líderes estavam pensando ou dizendo enquanto observavam esses dois aceitarem a vergonha e se tornarem impuros pelo homem que haviam condenado.

4. Juntos, eles enterraram o corpo. Não apenas em uma vala comum, não em algum isolado de localização, não de forma apressada e descuidada. Não, eles não apenas pegaram o corpo, correram para o buraco mais próximo e o jogaram. Em vez disso, o que ofereceu seu túmulo particular, recém-preparado, para o repouso final do grande mestre; uma sepultura facilmente vista e identificada. Teria um selo de família, um local de destaque e seria facilmente acessível a todos os que desejassem vir e lamentar e homenagear aquele que foi enterrado lá. Isso permitiria que Jesus fosse lembrado. As pessoas teriam um lugar para ir, um monumento para visitar, um lugar para contemplar o que havia acontecido. Este foi um tapa final na cara daqueles que provocaram sua morte. Jesus não seria contado entre os ladrões e seria esquecido. Ele seria enterrado entre os reverenciados, um lembrete sempre presente do que eles fizeram e do sangue inocente que eles derramaram. As pessoas não teriam permissão para esquecer e sempre saberiam onde estava o corpo.

5. Juntos, para todos verem, esses dois homens, que uma vez haviam visitado em particular e eram secretamente discípulos de Jesus, optaram por garantir que todos vissem o que estava acontecendo. Eles optaram por acabar com o sigilo e colocar tudo o que tinham em risco. O que eles não tinham feito quando ele estava vivo, eles fariam agora em sua morte. Declarariam a todos que acreditavam. Embora não tivessem consentido com a ação, não conseguiram impedi-la. Mas agora eles não seriam detidos.

6. Juntos eles agiram e fizeram questão de serem vistos e ouvidos. Pilatos foi informado e surpreso. Ele não tinha que dar-lhes o corpo, mas ele deu. Os soldados viram e provavelmente ajudaram a baixar o corpo da cruz. As mulheres os viram e os seguiram até o túmulo. Eles diriam a todos onde encontrar Jesus. (Isso significava que eles também seriam capazes de dizer a todos onde encontrar o túmulo três dias depois.) O Sinédrio viu e manipulou Pilatos para colocar um guarda, notificando ainda mais o mundo inteiro onde estava o corpo de Jesus.

Esses dois homens, respeitados membros do Sinédrio, tornaram-se os primeiros deste grupo a escolher honrar Jesus e crer. Eles não sabiam o que aconteceria a seguir, mas estavam prontos para arriscar suas vidas, seus recursos e seu futuro para declarar a todos que aqui jaz um homem inocente, que foi enviado por Deus para nos ensinar como verdadeiramente andar com Deus.

Esses dois homens abaixaram o corpo delicadamente, envolveram-no e o colocaram com toda ternura em uma cova recém-construída. Esses dois homens rolaram a pedra no lugar. Esses dois homens avisaram a todos que não mais esconderiam a verdade ou se esconderiam da verdade. Jesus foi enviado por Deus. Jesus tinha as palavras da verdade. Jesus era digno de toda honra e respeito.

Um desses dois homens era Nicodemos, que veio secretamente uma noite para aprender mais. O outro era José de Arimatéia que permanecera escondido nas sombras até este momento. Não veremos nenhum deles novamente na história da igreja, mas eles estão para sempre ligados à morte de Jesus por causa de seu ato de bondade, não feito em segredo, mas para que todos vejam. Eles se tornaram o primeiro exemplo de seguir a verdade, não importa o risco.

A crucificação de Jesus salvou um ladrão que, em seus momentos finais de vida, viu a verdade. O sepultamento de Jesus ajudou mais dois a tornar sua fé pública e declarar a todos que Jesus era a verdade que todos precisavam. Os próximos dias se baseariam nesses eventos. As ações de José de Arimatéia e Nicodemos marcariam claramente o caminho para que não houvesse erro quando os apóstolos declarassem a todos que Jesus estava vivo e havia ressuscitado da sepultura. A decisão deles impediria que as pessoas alegassem que os apóstolos estavam mentindo porque não enterraram Jesus em uma cova anônima, mas facilmente encontrada porque o dono era um líder conhecido na comunidade.

Mesmo em seu sepultamento, Jesus estava falando e ajudando as pessoas a tomar decisões críticas sobre suas vidas e suas crenças. O resultado teve um impacto profundo em muitos, que de outra forma teriam motivos para questionar a validade da afirmação de que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Mesmo os membros do Sinédrio não podiam evitar a verdade. O corpo se foi. Eles nunca tentaram declarar a ninguém que os discípulos cometeram um erro e foram ao túmulo errado. Na verdade, o melhor que puderam fazer foi dizer que os discípulos haviam roubado o corpo. No entanto, isso era muito improvável, considerando que a tumba era guardada por soldados romanos e todos sabiam que não havia como os discípulos dominarem uma guarda romana sem ajuda.

Esses dois homens nos lembram da importância de nossas ações. Estamos vivendo publicamente de uma maneira que revela nossa fé, nossa crença em Jesus como o Filho de Deus enviado para salvar o mundo? Estamos agindo publicamente de maneira que ajude as pessoas a ver a verdade, ajude as pessoas a entender que há apenas um caminho para Deus? Estamos dispostos a desafiar a opinião pública para fazer o que é certo? O que estamos dispostos a arriscar para sermos fiéis a Deus e à verdade?

BS - Leia 1 Reis 18:7-14; Jeremias 36:15-19, 25-26. Essas passagens contêm as histórias de dois homens que arriscaram suas vidas e carreiras para fazer o que é certo. Compare as duas histórias. Como são eles am e diferente? Agora leia 2 Crônicas 24:20-22. Pense nos riscos envolvidos em fazer o que é certo.

PR - Quais são os custos, riscos e benefícios de fazer o que é certo? Você já teve que tomar uma decisão dessas? O que estava envolvido na tomada dessa decisão?

MT - Nossa tarefa como missionários, como membros da família de Deus, é levar às pessoas uma mensagem que muitos não querem ouvir. Cumprir fielmente essa responsabilidade exigirá que assumamos riscos. Faça uma lista dos possíveis riscos e bênçãos e depois descreva por que você está disposto a correr os riscos para obter as bênçãos.

Paixão 73 - Guardando o engano

Mateus 27:62-66; 28:1-15

Esta era uma época perigosa. O corpo não era mais como o de um ladrão comum jogado em uma cova anônima em algum canto escondido do cemitério. Estava agora em um local de destaque, bem conhecido e de fácil acesso a todos. Então os líderes se lembram das palavras de Jesus sobre destruir o templo e ressuscitá-lo em três dias. No momento em que ele fez essa declaração, eles não conseguiram entender o que ele queria dizer. Tudo o que eles conseguiam pensar era na construção do templo que levou mais de 4 décadas para ser construída. Agora eles perceberam que havia outro tipo de templo ao qual Jesus poderia estar se referindo. O corpo dele.

Seus ensinamentos consideravam o corpo uma criação especial de Deus, um lugar que ele queria habitar. Eles ouviram muitas histórias de pessoas que foram curadas e até ressuscitadas dos mortos. O mais proeminente é o de Lázaro, que ressuscitou dos mortos a menos de 16 quilômetros da cidade principal. Ele era uma pessoa que muitos deles conheciam. Agora eles fizeram a conexão e se perguntaram se Jesus queria dizer que ele ressuscitaria para a vida? Ou se os discípulos, em um esforço para manter sua popularidade, tentassem roubar o corpo? Os possíveis resultados disso eram demais para eles sequer contemplarem.

O público seguiu essa rala da Galiléia, essa mistura de rejeitados e indesejáveis. Este grupo representava uma ameaça contínua para eles. E o risco de eles acreditarem que o corpo havia desaparecido era demais para os líderes judeus e então eles começaram a quebrar várias tradições. Eles quebraram o sábado para visitar Pilatos. Isso significava que eles se tornariam impuros no sábado como resultado. Eles então exigiram que outras pessoas trabalhassem no sábado para guardar o túmulo, outra violação da lei. Eles até foram ao túmulo e se tornaram impuros pelo resto da Páscoa, apenas para ter certeza de que ninguém roubaria o corpo.

Eles quebraram tantas leis na tentativa de se proteger e evitar que o corpo desaparecesse. Se isso acontecesse, seria um engano pior para as pessoas ou então elas tentaram se convencer. Mas quem seriam os que seriam enganados?

Os discípulos – Eles eram um grupo quebrado neste momento e não estavam em posição de roubar um corpo. Eles se sentiram perdidos, traídos e se esconderam. Eles poderiam se sentir mais enganados? Eles seguiram a pessoa que eles acreditavam ser o Messias e agora ele estava morto. Por que eles considerariam roubar um corpo? Todos eles tinham corrido com medo.

O povo – Eles acreditavam que Jesus seria o novo rei. Eles queriam vê-lo assumir o controle da situação, revelar seu poder e reivindicar o trono. Ele não fez nada disso. A notícia de um corpo desaparecido não seria prontamente aceita. Eles seriam mais propensos a resistir a essa afirmação para evitar serem enganados novamente.

Pilatos – ele já sabia qual era o verdadeiro problema. Os líderes não gostavam de Jesus. Ele sabia que Jesus era inocente, mas por causa da paz e para salvar sua própria carreira política, ele permitiu que crucificassem o homem. Ele não foi enganado sobre suas intenções. Ele provavelmente viu isso como

apenas mais um passo em seu ciúme de Jesus e sua ira ainda precisando de vias de expressão. Ele havia decidido dar a eles o que eles queriam, eles eram os únicos que sofriam de decepção.

Líderes – Eles acreditavam que o Messias seria um grande rei, aquele que removeria os conquistadores romanos e restabeleceria o reino de Davi. Eles não estavam interessados em admitir seu pecado ou admitir que estavam errados. Verdadeiramente, foram eles que foram enganados e trabalharam diligentemente para enganar o povo a respeito de Jesus. Eles conseguiram convencer, influenciar e confundir as pessoas para que pedissem a crucificação de Jesus. Se o corpo desaparecesse, seria necessário outro engano maior por eles dirigido às pessoas para manter sua posição e controle.

Embora possa parecer que os líderes estavam protegendo o povo de serem enganados, eles, de fato, eram aqueles que precisavam desesperadamente do povo para permitir que eles realizassem o primeiro engano (convencer a todos que Jesus precisava morrer). Um engano exigia todos os seus recursos e esforços para realizar. Para conseguir isso, outro engano seria necessário, um que exigiria esforços ainda maiores e também uma maior subversão da verdade e uma vontade de violar ainda mais suas leis e tradições.

Então eles convencem, em vez de enganar, Pilatos novamente que eles estão convencidos errados para o povo, a fim de manter a paz e evitar a possibilidade de se desestabilizar e causar um fardo ainda maior a Pilatos, eles quebram uma série de leis para fazer Pilatos colocar uma guarda. Se houvesse tumultos e perda de controle, Pilatos arcaria com o impacto de tal sequência de eventos. Um guarda ajudará a manter a paz.

Mas isso não é o fim da situação. Apenas 24 horas ou mais depois que os guardas são destacados, sua paz e sono são perturbados mais uma vez por uma história fantástica. Os guardas estão aterrorizados; terremotos e anjos seriam suficientes para perturbar qualquer um. Mas ainda pior é o fato de que o corpo se foi. A mesma coisa que eles foram enviados para proteger havia desaparecido. Pela lei romana, isso significava que eles seriam executados por negligência do dever. Suas vidas seriam perdidas porque o corpo que deveriam guardar havia escapado. Para piorar as coisas, eles simplesmente desmaiaram como se estivessem mortos e não tinham uma boa explicação para isso. Eles não foram atacados. Ninguém havia sido ferido ou capturado. Não havia sinais de luta ou prova de que haviam sido dominados. Nenhum dano à espada, escudo ou corpo.

Alguns dos guardas fizeram o que qualquer pessoa inteligente faria. Eles correram. Mais importante, alguns deles correram para aqueles que acreditavam que poderiam salvá-los da morte, aqueles que os haviam solicitado em primeiro lugar. Os responsáveis pelo seu estado precário. Então, mais uma vez, os líderes quebram suas próprias leis. Eles mentem, subornam, prometem encobrir a verdade e impedir que Pilatos os execute. Eles convencem os guardas a mentir. Os líderes quebram tantos mandamentos – quão irônico são eles que fazem uma demonstração pública de obedecê-los.

Você pode imaginar o quão tolos os guardas se sentiriam dizendo a todos que um grupo de pescadores, pessoas não treinadas em combate, havia superado os melhores de Roma? Devem ter recebido muito dinheiro por isso. É difícil imaginar como essa notícia teria sido recebida por seus compatriotas. A mentira seria uma admissão de que não pertenciam ao exército romano, que não eram dignos do título de legionário. Eles falharam na simples tarefa de guardar um homem morto. Decepção empilhada sobre decepção. (É fácil imaginar que muito em breve esses soldados desertaram para evitar lidar com sua vergonha e ter que responder a quaisquer perguntas que os embaraçassem ainda mais.)

O maior engano. O Sinédrio ouviu a história, viu o medo nos olhos dos guardas, e ainda assim eles sabem que os discípulos não roubaram o corpo. Eles provavelmente tinham seus espiões vigiando por eles. Mas, em vez de admitir qualquer coisa, eles pagam o suborno e concordam de bom grado que mentirão para o governador. Eles enganam a si mesmos, enganam os guardas para que acreditem neles e prometem enganar Pilatos para proteger ainda mais o engano. Tudo isso para enganar as pessoas sobre a verdade.

A maior fonte de engano e perigo muitas vezes vem daqueles que conhecem a verdade. Eles sabem que o que eles acreditam e servem não é verdade, pelo menos, não tão verdadeiro e real quanto eles querem que os outros acreditem. Eles fazem tudo o que podem para manter a crença das pessoas em sua credibilidade para manter o controle. Eles vão mentir, enganar, roubar, assassinar e subornar qualquer um que precisem antes de admitir que estão ou estavam errados. Eles têm conhecimento íntimo das crenças que seguem. Eles conhecem as fraquezas e os limites dessa verdade. Admitir isso exigiria uma força de caráter e capacidade de liderança que eles simplesmente não têm nem desejam ter.

Jesus silenciosamente deitou na sepultura e revelou a verdadeira natureza do mundo. Ele revelou a natureza da oposição que todos enfrentaremos. Não há razão ou lógica para isso. Aqueles que servem a essa natureza negarão a verdade, não importa quão claramente ela seja revelada. A maior oposição virá daqueles que procuram se proteger de serem confrontados pela realidade de que estão errados e levaram o povo a mentir. Ao ler o livro de Atos, isso se tornará muito evidente. Os líderes tiveram acesso à verdade. Eles sabiam o que tinham feito para esconder a verdade. Para manter o controle, eles estavam dispostos a fazer qualquer coisa, até mesmo matar Tiago e Estêvão, e então empregar Saulo para prender, torturar e matar qualquer um que pudesse pegar.

Nosso maior teste virá daqueles que tentam desesperadamente manter sua crença diante da dúvida esmagadora e da revelação de que tudo em que acreditaram é, na realidade, um engano. A verdade é que seremos acusados de mentirosos e enganadores. As pessoas serão subornadas e ameaçadas a mentir sobre aqueles que apresentam a verdade do evangelho e até atacá-los a ponto de matá-los em seu medo e raiva.

Tudo isso começou no vácuo entre a crucificação e a ressurreição. Satanás sempre tem medo de que, uma vez que as pessoas ouçam a verdade, elas creiam e, portanto, ele tem preparado aqueles sob seu controle para o dia em que o evangelho chegar à sua porta. Precisamos estar atentos a isso e não nos surpreender com a dep de ódio e medo que podemos encontrar ao compartilhar as boas novas com aqueles ao nosso redor. As pessoas foram enganadas a acreditar que somos nós que estamos tentando enganá-las e fazê-las sofrer se nos ouvirem.

É o nosso conhecimento disso que pode nos dar mais coragem e perseverança para enfrentar a oposição. Se formos fiéis, muitos verão a verdade e responderão. Em Atos nos é dito que por causa da fidelidade dos discípulos, diante de tal oposição, muitos dos sacerdotes escolheram abandonar seu engano e seguir Jesus (Atos 6:7). Lembre-se que aquele que está conosco venceu.

BS – Leia Jeremias 9:1-6. Compare esta descrição com as ações e atitudes dos líderes na passagem acima. Considere por que as pessoas estão dispostas a ir a grandes extremos para enganar os outros e, no processo, enganar a si mesmas.

PR – Você já foi acusado de tentar enganar alguém? Você já foi alvo de um engano? Na verdade, todos nós somos alvo de um grande engano. Revise a história da serpente no jardim e como esse engano afeta você e sua decisão de se envolver na missão de Deus.

MT – Responda às seguintes afirmações. Eles são verdadeiros? Como elas afetam sua capacidade de compartilhar a verdade com aqueles que foram enganados pelas mentiras de Satanás e pelas da história acima?

Cada pessoa que você encontra foi afetada tanto pelo engano que começou no jardim quanto pela continuação desse engano no túmulo. Inclui dois elementos-chave. Primeiro a ideia de que estou no controle do meu próprio destino e não preciso da ajuda de Deus. Segundo, que Deus só pode agir de maneira aceitável para mim.

Paixão 74 - Quebrando Rochas

Mateus 28:1-7 (Mc 16:1-8; Lc 24:1-12; Jo 20:1-10)

O anjo veio! Sua vinda causou um terremoto. Ele veio para quebrar a rocha. Não, ele veio não apenas para quebrar, mas para pulverizar a rocha. Sua vinda fez a terra tremer na presença de tal poder. A morte, a rocha que impedia toda a humanidade de se aproximar de Deus, foi quebrada. A pedra em frente ao túmulo era um símbolo do peso dessa rocha que esmagou a humanidade, enterrando sua alma.

A pedra, com um toque da mão do anjo, deslizou para o lado para revelar um túmulo vazio.

O poder de Roma, a rocha que dominava o mundo, estava rachado. Seus melhores soldados tremeram de medo na presença de um anjo solitário. Eles tremeram e caíram no chão como mortos. Desamparados, eles assistiram este anjo solitário passar por eles, quebrar o selo do poder de Roma e mover a pedra sem esforço. Quando o anjo se moveu para sentar na pedra, eles não fizeram nada. Eles ficaram paralisados de medo e assistiram impotentes quando um grupo de mulheres chegou. Eles ouviram as palavras do anjo para as mulheres e nada puderam fazer para impedir a chegada das mulheres, o pronunciamento da mensagem da ressurreição e a partida desse grupo assustado de mulheres. Os poderosos soldados romanos haviam sido reduzidos a filhotes ganindo querendo fugir desesperadamente, mas incapazes de se mover, incapazes de resistir. É quase profético, pois chegaria o tempo em que a poderosa Roma se submeteria, não a um inimigo de fora, mas ao simples poder da ressurreição e amor de Deus de dentro. Aqui, a rocha de seu poder foi quebrada.

A rocha da incredulidade também começou a desmoronar. O anjo foi acompanhado por outro e eles esperariam calmamente e entregariam sua mensagem. Foi uma mensagem incrível. A morte falhou em conter o Messias. A morte, o inimigo implacável e invencível, havia caído. Morte - de quem ninguém poderia escapar, havia perdido o controle de um e seria para sempre incapaz de segurar qualquer um que invocasse o nome daquele que havia derrotado seu poder. O poder de suas palavras simples, "por que você está procurando o vivo entre os mortos, ele não está aqui, ele ressuscitou como prometeu", quebraria a rocha e criaria uma ruptura permanente para todos os que cressem.

A princípio, a mensagem seria dada verbalmente, depois silenciosamente quando Pedro e João chegaram para ver o túmulo vazio. Não é difícil imaginar que muitos outros viriam nos dias que se

seguiram para ver por si mesmos o túmulo vazio e partir maravilhados. Mesmo as mentiras que viriam, a história de que os discípulos haviam roubado o corpo, não os impediria de vir e descobrir que a rocha endurecida de seus corações estava sendo amolecida, sendo preparada para a mensagem ainda a ser proclamada em sua totalidade em os dias que virão. Você simplesmente não pode esconder um túmulo vazio.

A rocha da incredulidade exigiria vários golpes antes que os primeiros realmente acreditassem que Jesus de fato ressuscitou. Deus enviou os anjos para iniciar o processo. Primeiro, um para rolar a pedra. Então outro se juntaria ao primeiro para reforçar a mensagem e declarar que Jesus não estava morto. Eles encorajavam as mulheres a entrar e ver o túmulo vazio. Eles até declararam onde Jesus poderia ser encontrado e os encorajaram a ir para a Galiléia.

O próprio Jesus apareceria quatro vezes naquele dia. Ele surpreenderia Maria Madalena que lutava profundamente pelo corpo desaparecido. Ela simplesmente não podia acreditar véspera de que ele estava vivo. Foi difícil, mas as palavras de Jesus demoliram a rocha em seu coração. Ele conheceria Pedro. Esta não seria uma pedra fácil por causa da culpa da negação. Mas este encontro quebraria a rocha, Simão - uma pessoa de medo e dúvidas, e cria Pedro - uma rocha de fé inquebrável. Mais tarde, Jesus andaria com outros dois pela estrada, escondido deles, enquanto eles, com sua ajuda, revisavam os ensinamentos e profecias sobre a ressurreição. Eles finalmente entenderiam quando ele partisse o pão com eles e a rocha da confusão fosse pulverizada. Então Jesus chegou na sala onde os discípulos se esconderam atrás de portas trancadas com medo. Ele comeria com eles e evaporaria qualquer resíduo remanescente da rocha de sua descrença e se prepararia para lidar com a incredulidade de Tomé.

A incredulidade é uma rocha altamente durável. Como o granito, é difícil de quebrar. É difícil trabalhar com. É por isso que tantos edifícios duraram tanto tempo desde as civilizações antigas. Eles escolheram rochas, como granito para construir, porque podiam suportar o peso e os ataques do tempo. As pessoas trabalham duro para criar um mundo no qual possam viver e sobreviver. Eles usam materiais-chave para construir um mundo que pode resistir a ataques de fora e de dentro. Eles criam sistemas de crenças para se proteger e se proteger do desconhecido e de seus medos sobre a vida e a morte.

Não é fácil romper essas estruturas de religião e cultura para chegar ao coração de uma pessoa. Ser lógico geralmente não funciona ou tem muito valor. Não há nada de lógico sobre uma pessoa ressuscitar dos mortos. Não há nada de lógico sobre uma pessoa morrer pelos pecados de todos que viveram ou viverão. Não há nada de lógico sobre Deus, o criador, o eterno, abrindo mão de seu lugar no céu para viver como um humano.

A fé distorcida dos perdidos, sua crença, é uma rocha dura e densa. Em certo sentido, é como a morte, impossível de quebrar. Mas nos é dada a tarefa de quebrar a rocha da incredulidade. Quebrando a rocha do medo. Quebrando a rocha da religião falsa. Devemos martelar esta rocha. Martele até que as rachaduras apareçam. Martele-o até que uma abertura seja feita. Martele-o até que a luz do amor de Deus possa penetrar. Martele até que a verdade possa quebrar a rocha para que eles possam aprender sobre um Deus que cuida deles.

Ao contrário daquele domingo, há tanto tempo, não teremos terremotos e um anjo para mover a pedra em frente ao túmulo. Não veremos nossos inimigos desmaiar de medo com a menção do túmulo vazio. Cristo não virá e andarará com os incrédulos de hoje para que possam falar com ele. Aquele foi um dia especial e a pedra quebrada naquele dia é o que torna nosso trabalho possível.

Hoje temos a verdade em nossas vidas. Somos um exemplo vivo do que acontece quando a rocha da incredulidade é quebrada. Somos a revelação de que a morte foi destruída, que o pecado foi vencido, que nossa dívida foi paga. Todos os dias podemos revelar essa verdade com atos de amor, palavras de bondade e ensinamentos sobre a verdade. Dessa forma, ajudamos a quebrar as barreiras, a rocha que impede os outros de perceberem a verdade e serem libertados da rocha que os sepultaria para sempre.

Suba e balance o martelo. Deixe-os sentir o amor de Deus através de você.

BS - Leia o seguinte Jeremias 5:3; Ezequiel 11:19-20, 36:26; Zacarias 7:12 . Aqui você encontrará uma descrição do coração do homem. Por que a ideia de uma pedra ou rocha seria usada para o coração? Por que seria difícil penetrar em tal coração?

PR - Já se endureceu ou se fortaleceu para fazer alguma coisa? Endurecido no sentido de que você bloqueou qualquer coisa que alguém tinha a dizer e se recusou a ceder àqueles que se opunham ao que você queria fazer? O que faz a uma pessoa quando ela se comporta dessa maneira? Como isso afeta aqueles ao seu redor, amigos, familiares e colegas de trabalho? Quais são os efeitos positivos e negativos de tal atitude?

MT - A bíblia está repleta de descrições de Deus como nossa rocha, nosso lugar seguro, nossa confiança em lugares difíceis. Pedro declara que Jesus é o Filho de Deus. Jesus diz a Pedro que esta verdade é a rocha, o fundamento sólido da igreja. Por que a mesma imagem é usada tanto para a verdade quanto para um coração oposto a Deus? Pense no ministério em uma situação transcultural. Usando a ideia de uma rocha para representar uma cultura, descreva suas características e por que será difícil quebrá-la e substituí-la pela verdadeira rocha.

Paixão 75 – No final do dia

Marcos 16:12-13 (Lucas 24:13-24)

Tem sido um dia louco. Tudo começou com o relato muito estranho das mulheres que quando chegaram ao túmulo foram recebidas por anjos. Ainda mais estranha foi a mensagem que receberam de que Jesus não estava mais morto e que, se quisessem vê-lo, precisavam sair de Jerusalém e seguir para a Galiléia. Isso foi seguido pelo relato de Pedro e João de que o túmulo estava realmente vazio. Claro que eles não viram nenhum anjo, mas havia perguntas que eles não podiam responder. A primeira, se as mulheres estavam alucinando como conseguiram assustar a guarda romana se afasta e eles movem a pedra?

À medida que o dia avança, as coisas ficaram mais estranhas a cada minuto, quando amigos apareceram para avisá-los de que deveriam sair de Jerusalém o mais rápido e silenciosamente possível. Eles relataram os rumores espalhados pelos guardas de que os discípulos haviam roubado o corpo e o escondido em algum lugar. Então Maria Madalena voltou do jardim e declarou que realmente tinha visto Jesus e tocado nele. Eles escolheram não acreditar nela. Ainda assim, não era fácil descartar sua história como imaginação porque muitas coisas inexplicáveis estavam acontecendo.

Dois membros da companhia decidiram que seria sensato eles deixarem a cidade. Nenhuma razão é dada, eles estão simplesmente indo para a próxima aldeia. No caminho, outra pessoa se junta a eles e assim começa uma animada discussão sobre os acontecimentos dos últimos dias e a dificuldade que estão tendo em acreditar na história das mulheres. O estranho começa a orientá-los pelas Escrituras explicando-lhes à luz desses mesmos eventos. Em seguida, o estranho realiza um ato tradicional como parte do jantar. Seus olhos se abrem com espanto quando percebem com quem estiveram conversando nas últimas duas horas. Nesse momento, Jesus desaparece da vista deles.

Eles saem correndo para contar aos outros o que aconteceu. Antes que eles possam terminar sua história, Jesus aparece. A montanha-russa emocional deste dia atinge o teto. Sua primeira resposta não é inesperada. Eles estão assustados. Quem não seria? O homem que viram pendurado em uma cruz até a morte há três dias aparece do nada em um quarto trancado. Mulheres vendo anjos, túmulos vazios, rumores deles roubando o corpo, e agora a incrível história dos dois. Assustado seria colocar as coisas suavemente. Não é de admirar que o súbito aparecimento de Jesus os assuste. Eles pensam que estão vendo um fantasma e esse é um conceito aterrorizante em seu mundo.

Suas palavras de conforto começam a aliviar seus medos e estresse. Ainda estão lutando para acreditar que Jesus não é apenas, na melhor das hipóteses, uma alucinação e, na pior das hipóteses, um fantasma que vem provocá-los com seus fracassos. Finalmente, para ajudá-los a dar o passo final para a fé, Jesus pede algo para comer. Ele os traz para a terra e se reconecta com o mundo deles. Isso acalma seus medos e incertezas. Alucinações e fantasmas não comem e você certamente não pode tocá-los.

Isso inicia uma jornada de 40 dias para eles. Eventos onde eles ouvirão novamente todo o ensino e as Escrituras. Eventos onde eles vão sentar, conversar, comer e viver juntos. No final deste período estão prontos. Pronto para esperar pelo Espírito Santo, pronto para fazer o que seu mestre tem em mente. No final desta jornada eles saberão e não terão medo. Na verdade, eles serão resolutos em seu compromisso de dizer aos outros o que eles acreditam e testemunharam. A coragem deles iniciaria o processo de mudar o mundo, uma pessoa de cada vez. No final do dia, essa é a razão pela qual Jesus veio. Para que pudéssemos ser transformados, pudéssemos renascer, pudéssemos ser chamados novamente de filhos do rei. Tudo porque Jesus veio, morreu e ressuscitou da sepultura. Sua paixão pelos perdidos, sua paixão por trazer as boas novas ao mundo tornou-se deles e dia após dia, pessoa por pessoa, essa mesma paixão chegou até você.

No fim do dia.

A Bíblia chama isso de dia do Senhor e nós estamos nesse dia. Ele veio. Ele manda. No final do dia, ele chamará todos os que foram tocados e transformados por suas paixões para estarem com ele por toda a eternidade.

Aquele domingo chegou ao fim. Jesus estava com eles e eles estavam convencidos de que ele havia ressuscitado, que tudo o que ele havia prometido era verdade e que eles estavam de fato salvos e agora membros do reino de Deus, membros da família de Deus.

No fim do dia. Cada um de nós deve decidir em que acreditamos. Cada um de nós deve se comprometer com essa crença. Cada um de nós deve estar pronto para viver para poder convencer os outros dessa crença e ajudá-los a ver Jesus. Tornou-se o foco da vida de John. Ele queria isso para todos que conheceu. Leia suas palavras e pense sobre suas decisões. Para onde sua fé o levará no final do dia?

1 João 1:1-4

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram, isto proclamamos acerca da Palavra da vida. 2 A vida apareceu; nós o vimos e o testemunhamos, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos apareceu. 3 Nós anunciamos a vocês o que vimos e ouvimos, para que vocês também tenham comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. 4 Escrevemos isso para completar nossa alegria.

BS, PR, MT - Volte e reveja a conversa de Jesus com Nicodemos em João 3:1-20. Agora leia seu ensinamento aos fariseus em João 8:13-32. Escreva claramente o que você acredita sobre Jesus e sua paixão pela missão de Deus. Agora escreva uma descrição de como sua crença está mudando você e como você está aprendendo a ser apaixonado por A missão de Deus.